Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

DOMINGO 10 DE MARÇO DE 1974 Nº 18393 ANO 53º PREÇO 2$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

TODO O MUNDO E NINGUÉM CONTRA «OS CHINESES EM PARIS»

REPORTAGEM DE AVELÃS COELHO

Primeiro não percebi bem o que era. Depois... percebi que eram panfletos. Panfletos. Dezenas de panfletos que pareciam cair do majestoso falso céu que é o tecto do Rex, um dos melhores cinemas da capital francesa, em pleno «boulevard» Poissoniéré, em plena «Baixa de lá». No «écran» ainda não se haviam extinguido as últimas imagens do filme, as pessoas começavam a levantar-se e a sala estava mais ou menos mergulhada na penumbra da meia-luz dos «focos de separação».

● PÁGINAS CENTRAIS

DR. ARNALDO SAMPAIO DIRECTOR-GERAL DE SAÚDE:

A MEDICINA COM VISTA NO LUCRO DESUMANIZA-SE

PÁGINAS II E III

IRLANDA

DO DESESPERO À REVOLTA
DA REVOLTA AO DESESPERO

Páscoas sangrentas

● PÁGINAS X E XI

AS RUAS DA AMARGURA VÃO TER PRÉDIOS

● PÁGINA XIII

UM DOS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA VIDA MODERNA

«A Medicina é uma actividade eminentemente social e se é exercida só com vista no lucro desumaniza-se e não satisfaz os anseios dos doentes»

—declarou-nos o dr. ARNALDO SAMPAIO director-geral de saúde

O dr. Arnaldo Sampaio é uma personalidade cuja acção no campo da saúde em Portugal, tem sido publicamente reconhecida. Possui graduação em Saúde Pública pelas Universidades norte-americanas de John Hopkins e Harward; diploma dos internatos geral e complementar dos hospitais civis de Lisboa; é Catedrático da Escola Nacional de Saúde; participou em numerosas reuniões internacionais, simpósios, seminários, conferências e congressos; é consultor temporário da Organização Mundial de Saúde; consultor da Universidade de Harward sobre assuntos de saúde; tendo estágios em vários países da Europa, da América latina e do Norte, o dr. Arnaldo Sampaio desempenha presentemente o cargo de director geral de Saúde, depois de ter sido chefe de Serviços do Instituto Ricardo Jorje, Inspector Geral de Saúde e director do gabinete de estudos e planeamento do Ministério de Saúde e Assistência. E delegado de Portugal às assembleias mundiais da O.M.S. desde 1955 e membro do Comité da Europa da O.M.S. desde o ano de 1960. É ainda membro do Conselho Superior de Acção Social. Publicou cerca de 100 trabalhos nos ramos de microbiologia e epidemiologia, administração e saúde pública.

O director-geral de Saúde: «O País não poderá suportar por muito mais tempo um sistema de serviços dividido em vários subsistemas.

Porque a saúde é um dos aspectos mais candentes da vida moderna, atentos às grandes conquistas obtidas, neste campo em todo o Mundo, decidiu o «Diário de Lisboa» solicitar uma entrevista ao dr. Arnaldo Sampaio, o qual abordou amplos problemas da saúde em Portugal.

A nossa primeira pergunta foi a seguinte:

— **Os jornais publicaram há dias a notícia de uma reunião dos Directores de Saúde distritais com os técnicos dos Serviços Centrais da Direcção-Geral de Saúde, onde foram apreciados os principais problemas de saúde existentes e discutidas as soluções mais convenientes para os resolver. Pode o sr. director-geral dizer-nos quais são esses problemas?**

O dr. Arnaldo Sampaio respondeu:

— Os problemas são tantos e a sua resolução tão complexa, que se torna difícil responder à sua pergunta de uma maneira sintética, como é desejável em entrevistas desta natureza.

A saúde das populações em geral e do indivíduo em particular depende de um sem número de factores que é necessário ter em conta para a conservar ou recuperar quando se perde. Daí a complexidade de organizar um serviço de saúde eficiente que satisfaça as necessidades da população e que seja suportável pela economia da nação.

«Tem-se verificado, mesmo nos países mais desenvolvidos, que é difícil, para não dizer impossível, pôr à disposição de toda a população os benefícios que as descobertas científicas e tecnológicas podiam proporcionar. Por isso torna-se necessário escolher as prioridades, isto é, as actividades que é preciso desenvolver para que seja atingido o melhor nível de saúde possível da população. Aí, começam as dificuldades, sobretudo num sistema de saúde como o português em que o poder de decisão supremo está dividido por vários departamentos, o que tem originado soluções nem sempre as mais convenientes para o progresso económico e social da Nação e que dificultam a sua conveniente resolução no futuro.

Podia dar-lhe vários exemplos para ilustrar esta afirmação que aliás estão bem patentes para quem estuda estes problemas, mas não vale a pena, porque o passado só interessa relembrá-lo para evitar cometer os mesmos erros no futuro.»

«O País não poderá suportar por muito mais tempo um sistema de serviços com vários subsistemas»

E referindo os graves problemas de saúde com que o País se debate, o dr. Arnaldo Sampaio prosseguiu:

— O nosso País enfrenta no campo da saúde problemas, como a alta mortalidade infantil, a morbilidade e mortalidade por doenças infecciosas e parasitárias, já resolvidos nos países desenvolvidos e os problemas das doenças crónicas e degenerativas dos acidentes, das doenças mentais e da terceira idade dos países adiantados, o que acarreta para os resolver um esforço difícil de realizar com o nosso sistema de saúde, o nosso regime de trabalho e com os meios técnicos e financeiros de que dispomos.

«Nos últimos anos, o Governo da Nação, presidido pelo prof. Marcello Caetano, tem investido avultadas somas para a resolução dos problemas de saúde, mas pelas razões apontadas os resultados estão aquém do que seria legítimo esperar. Não há dúvida que alguns índices melhoraram, como a mortalidade infantil, os partos sem assistência técnica, morbilidade por doenças transmissíveis, etc., mas o progresso poderia ter sido maior se houvesse uma coordenação de actividades que não existe entre nós.

«Na minha opinião, o País não poderá suportar por muito mais tempo um sistema de serviços de saúde com vários subsistemas, que em vez de serem complementares são competitivos no mau sentido, isto é, em vez das actividades a executar serem planeadas e programadas em conjunto tendo em vista o mesmo objectivo final, o que em parte poderia corrigir os defeitos do sistema, desenvolve-se ignorando os programas de cada subsistema o que origina um deficiente e defeituoso aproveitamento das instalações, equipamento e pessoal técnico e deixa ao mesmo tempo lacunas que ninguém deseja preencher».

Falta de planeamento global

— **Que medidas legislativas ou outras têm sido tomadas para corrigir os defeitos que aponta? — perguntámos depois ao director-geral de Saúde, que afirmou:**

— Já há muito tempo que várias individualidades ligadas ao sector têm apontado as deficiências do nosso sistema de saúde. Professores de medicina, médicos, economistas, administradores de Saúde Pública, etc. Entre as várias críticas não podemos deixar de destacar, pelo impacto que teve na altura, o relatório da Ordem dos Médicos sobre carreiras médicas, onde o relator, prof. Miller Guerra, descreveu com excepcional brilhantismo a situação sanitária portuguesa.

Desde essa época, principalmente nos últimos cinco anos, tem-se feito um grande esforço financeiro através do aumento de verbas do Orçamento Geral do Estado e das atribuídas nos Planos de Fomento, mas pela falta de um planeamento global, os resultados, como já se disse, não estão em relação com as verbas despendidas.

«Ciente da situação, o Governo do prof. Marcello Caetano, pelo Decreto-Lei 413/71, estabeleceu normas e princípios que uma vez postos em prática poderão melhorar radicalmente o funcionamento dos serviços de saúde e preparar a mentalidade dos portugueses a aceitar uma organização que permita rapidamente pôr à disposição das comunidades as conquistas da ciência e da tecnologia modernas.»

Direito de todos os portugueses à saúde

Perguntámos depois:

— **Pode elucidar os nossos leitores acerca dos objectivos do Decreto-Lei 413/71?**

— O Decreto-Lei 413/71 — respondeu o nosso entrevistado — estabeleceu três princípios fundamentais: 1.º Direito à saúde de todos os portugueses sem qualquer discriminação. 2.º Planeamento global de todas as actividades de modo a aproveitar com a maior eficiência os recursos humanos e materiais existentes. 3.º Descentralização.

«1.º O direito à saúde já implícito na Constituição, foi consagrado neste decreto-lei que só põe como únicos limites à sua concretização os impostos pelos recursos financeiros, humanos e técnicos das comunidades beneficiárias. Pela promulgação deste diploma o Estado assumiu uma extraordinária responsabilidade o que obriga a um planeamento e gestão científicas sem o que o direito concedido não passará de uma declaração de boas intenções. Não deixa de ser curioso notar que os orgãos de Informação não deram o devido relevo a esta importante conquista da população portuguesa.

«2.º O planeamento global de todas as actividades dos serviços de saúde estabelecido no referido decreto-lei é uma necessidade premente para que seja possível aproveitar com eficiência todos os recursos humanos e materiais. Basta observar o que se passa nas nossas instalações de saúde e assistência no que diz respeito ao aproveitamento das instalações, equipamento e pessoal para sentirmos a necessidade palpitante de um planeamento global e de uma programação que integre todas as actividades de saúde, a nível local, regional e nacional.

«A descentralização dos serviços que permita que os utentes possam participar na elaboração dos programas e no funcionamento dos seus serviços de saúde foi o terceiro princípio que o referido diploma estabeleceu e que, contrário ao que se tem dito, permite despertar o interesse das populações a servir.»

Nova pergunta:

— **Tem-nos chegado reacções que traduzem um desconhecimento da razão de existência dos Centros de Saúde. O dr. Arnaldo Sampaio poderá explicar o que se pretende com os Centros de Saúde?** — Os Centros de Saúde — respondeu — não são nem mais nem menos do que a concretização dos princípios da política do Governo definida pelo Decreto-Lei 413/71.

«O Centro de Saúde tem por finalidade suprema estudar os problemas de saúde da comunidade da área da sua jurisdição e integrar em planos e programas todas as actividades que é preciso pôr em acção para a resolução desses problemas. Por outras palavras, é um orgão de administração local ou distrital para o estudo, planeamento e programação de todas as actividades directamente relacionadas com a saúde das populações.

«O Centro de Saúde como orgão executivo não tem limites precisos. Tanto pode exe-

cutar todas as actividades que integram um programa moderno de cuidados de saúde de modo a garantir o direito à saúde estabelecido por lei, ou só executar aquelas que o Governo considera essenciais para o desenvolvimento socio económico da população portuguesa e por necessitarem de métodos e técnicas especiais devem ser da directa responsabilidade do Estado, e coordenar as actividades de saúde de outras instituições da área de modo a integrá-las num todo.

«O reconhecimento como única autoridade sanitária do director do Centro de Saúde, testemunha a responsabilidade que o Governo cometeu a este orgão como representante do Estado e por conseguinte responsável, a nível local, pela política oficial estabelecida.

«As valências ou actividades podem variar de Centro para Centro consoante as circunstâncias do meio, mas em princípio a instalação de um Centro nunca pode levar à duplicação, porque se se vão executar certas actividades já existentes, é porque estas não estavam a ser executadas convenientemente ou não tinham o carácter de universalidade que um serviço de saúde moderno não pode deixar de respeitar.

«Falta de técnicos a todos os níveis»

— Tem havido muitas dificuldades no que respeita à instalação dos Centros? — perguntámos seguidamente ao dr. Arnaldo Sampaio, ainda referindo-nos aos Centros de Saúde. Respondeu o director-geral de Saúde:

— Evidentemente que sim. Como queria que não houvesse dificuldades ao estabelecer uma organização que pretende instituir como rotina a programação e avaliação dos resultados nuns serviços, alguns seculares, que nasceram motivados por diferentes causas e por conseguinte sem tomar em conta as interdependências que devem existir entre todos os elementos dum sistema de saúde? Daí a grande dificuldade de adaptar serviços antigos às exigências modernas.

«Resumindo, as dificuldades podem ser agrupadas em três ordens: a) Falta de técnicos a todos os níveis. b) Incompreensão e por conseguinte reacção contra inovações apoiada na defesa de interesses ilegítimos estabelecidos. c) Dificuldades burocráticas.

«A falta de técnicos verifica-se na qualidade, quantidade e distribuição. Realmente não temos técnicos com a preparação necessária ao desempenho das importantes tarefas cometidas aos Centros de Saúde.

«Todavia tem-se feito um grande esforço nesse sentido para que daqui a alguns anos a situação seja totalmente diferente. O terceiro e sobretudo o IV Planos de Fomento atribuiram verbas importantes para a preparação e actualização do pessoal. O Instituto Nacional de Saúde e a Escola Nacional de Saúde Pública com as suas novas instalações, além da contribuição que já deram, muito irão contribuir para a preparação do pessoal num futuro próximo. Além disso, está em curso um extenso programa de reciclagem a nível distrital da responsabilidade da Direcção-Geral de Saúde para os médicos e enfermeiros e outro pessoal técnico que trabalha nos Centros de Saúde. A Direcção-Geral dos Hospitais com o seu programa de reciclagem a nível distrital também vai contribuir para melhoria do pessoal técnico de certas valências dos Centros de Saúde. Com os programas em curso e a realizar, nos próximos anos esperamos melhorar muito a situação presente.»

Número reduzido de pessoal de enfermagem

Prosseguindo no campo dos problemas que afectam os Centros de Saúde, o dr. Arnaldo Sampaio afirmou:

— No que respeita à quantidade, sobretudo no que se refere ao pessoal de enfermagem, profissionais de maior transcendência para o êxito dos Centros de Saúde, o problema é de difícil solução. O número de profissionais de enfermagem é muito reduzido e apesar dos esforços feitos nos últimos anos ainda estamos muito aquém das necessidades reais do País. Torna-se necessário rever este difícil e complicado problema para que se possa encontrar uma solução compatível com as realidades nacionais.

«Em relação aos médicos podemos dizer que o seu número, ainda insuficiente para o actual e sempre crescente consumo, já permitiria estabelecer uma cobertura sanitária razoável se não fosse o problema da sua distribuição.

«Com o programa maciço de treino que se está a realizar pela abertura do internato a todos os diplomados em medicina é de esperar, a julgar pelo investimento que a Nação está a fazer, que dentro em breve estejamos preparados para resolver os problemas das principais especialidades.

«Todavia, não podemos deixar de realçar a falta de estomatologistas e odontologistas que impede a curto prazo a realização de programas que tenham real impacto na saúde da boca e dos dentes da população portuguesa.

«A falta em qualidade e quantidade de pessoal paramédico e de técnicos auxiliares, é também extraordinariamente notória, o que dificulta não só a realização conveniente dos programas dos Centros de Saúde mas também o dos Hospitais e de outros importantes serviços do Ministério.

«É certo, que a carência de pessoal nos serviços não é específica deste sector, mas não há dúvida que impede a realização dos programas necessários para diminuir os índices de saúde que colocou Portugal numa situação de inferioridade em relação aos outros países da Europa.»

Panorama angustiante»

Confirmou o dr. Arnaldo Sampaio, focando a urgência de medidas políticas que corrijam o problema da distribuição:

— No que respeita à distribuição o panorama é angustiante. Mais de 60 por cento dos técnicos das diversas especialidades estão concentrados nas cidades do Porto, Lisboa e Coimbra. As tentativas até agora realizadas para os fixar nos serviços de periferia têm falhado. As causas desta situação são de vária ordem e a análise do problema só por si daria para outra entrevista. Todavia, não posso deixar de realçar, que se torna urgente a tomada de medidas políticas que corrijam esta situação que não só compromete os programas em curso como dá origem a métodos de trabalho incompatíveis com as exigências da técnica e da ética profissional, difíceis de corrigir no futuro.

«Não podemos esperar pela «Chômage» nos centros para resolver os problemas da periferia. Como assinalou recentemente o sr. ministro da Saúde, na sua visita a Castelo Branco, a saúde é um bem económico, que o homem são representa capital «insubstituível, acentuando ainda que no domínio da saúde, «estamos a travar uma verdadeira batalha e todos compreenderão que ela deva ser encarada em primeira prioridade, condicionante que é de todas as outras batalhas e dos seus resultados». Pelo que se tornam urgentes medidas políticas, que permitam fixar os técnicos à periferia.

«Falta de informação»

O Director-Geral de Saúde passou depois à alínea b) do rol das dificuldades que se colocam aos Centros de Saúde, afirmando:

— A incompreensão do Decreto-Lei 413/71 nomeadamente o papel dos Centros de Saúde é sobretudo devido à falta de informação sobre os objectivos desse Decreto. Li e ouvi várias críticas que preconizavam medidas que estão expressas no diploma referido. Não surpreendem as críticas daqueles que pensam que ainda estamos na Idade Média e portanto desaprovam tudo o que sejam regalias sociais reconhecidas como direito e não à custa de esmola. O que me admirou foi a crítica dos que se apelidam de progressistas. Em vez de aplaudirem as inovações que o Decreto-Lei encerra têm criado dificuldades à sua concretização. Em abono da verdade, muitos dos críticos honestos já mudaram de opinião e já começam a crer na virtualidade dos Centros de Saúde. Há outros críticos, e desses é que é preciso ter cautela, que vêem nos Centros uma tentativa de criar a ordem, onde existe a desordem, a responsabilidade onde reina a irresponsabilidade.

Evidentemente que o Decreto-Lei n.º 413/71 estabelece normas e princípios que estão ainda longe de resolver o que na minha opinião seria preciso, mas representa um passo importante na situação dos nossos serviços de saúde. Oxalá que influências nefastas ou espíritos mal informados das evoluções dos serviços de saúde que se verificam nos países desenvolvidos não perturbem a inovação progressiva que aquele diploma procurou imprimir. Algumas modificações já introduzidas perturbam a pureza de princípios estabelecidos, mas por enquanto ainda não foram de modo a comprometer irremediavelmente os objectivos em vista.»

E continuou:

— Outra dificuldade que não posso deixar de apontar é a que não permite um fácil manejo das verbas disponíveis devido ao nosso sistema orçamental. As verbas atribuídas para os programas das instalações dos Centros de Saúde não passam para o ano seguinte. Dada a falta actual de técnicos, projectistas, construtores e até operários, nem sempre se pode executar os programas anuais o que acarreta a consequente perda de verba atribuída. Torna-se necessário que as verbas através do Plano de Fomento fiquem cativas para a execução dos programas aprovados, caso contrário o planeamento nacional não pode ter a eficiência que dele era lícito esperar.

«Fundadas dúvidas»

Até agora tem o dr. Arnaldo Sampaio falado somente dos serviços da responsabilidade do Estado e ainda nada nos disse sobre os serviços médicos da Previdência. Poderia sobre eles fazer alguns comentários?

— Na minha opinião, os serviços médicos da Previdência, embora com vários erros, prestaram um grande serviço à população portuguesa. Com a sua iniciativa e com as extraordinárias possibilidades financeiras de que tem disfrutado seria difícil aos Serviços de Estado vencer o impasse em que o País se encontrava quando as caixas iniciaram há mais de duas dezenas de anos as suas actividades. Tiveram o mérito de romper uma barreira difícil de ultrapassar ou até inultrapassável pela acção dos serviços oficiais. Porém, parece-nos chegado o momento de rever a posição e de tomar as medidas necessárias para que os dois mais importantes subsistemas de saúde portugueses, sejam coordenados de tal modo que se completem um ao outro e não mantenham um espírito de rivalidade que tanto mal tem feito à ética profissional e ao nível técnico dos serviços.

«Nos últimos anos, como o testemunham os acordos realizados entre as Direcções-Gerais dos Hospitais e da Saúde e o programa das instalações conjuntas dos serviços dos Centros de Saúde e unidades médicas da Previdência nos edifícios dos hospitais concelhios, tem-se progredido no bom sentido, mas ainda estamos longe de atingir o que é indispensável para que os dois subsistemas trabalhem harmonicamente como um sistema unitário de saúde. Será possível com a organização actual? Possível é, mas tenho fundadas dúvidas.»

«Os hospitais precisam de ter uma dimensão que lhes permita tirar rendimento dos custos dos equipamentos.»

Qual é o papel dos hospitais das Misericórdias no contexto dos serviços de saúde portugueses?

— As Misericórdias têm uma grande tradição e portanto são instituições que é difícil abordar sem levantar problemas de vária ordem. Porém a resolução do problema não é tão difícil como se antolha. De facto, a grande maioria das Mesas tem colaborado na organização dos Centros de Saúde cedendo espaço ou terreno gratuitamente para a sua instalação.

«Há ainda algumas arestas a limar e erros a corrigir mas para mim o grande problema é de convencer os responsáveis a limitar as suas actividades hospitalares. Todas ou quase todas as Mesas das Misericórdias têm a aspiração de montar serviços de cirurgia sofisticados sem entrar em linha de conta com o equipamento e do pessoal técnico necessário para que os utentes não corram riscos desnecessários.

«Está hoje assente que os hospitais precisam de ter uma dimensão que lhes permita tirar rendimento dos custosos equipamentos em permanente evolução e de concentração de técnicos que resolvam convenientemente a maioria dos problemas da medicina curativa e ao mesmo tempo serem um centro de cultura para os técnicos de saúde que trabalham na área da sua influência.

«Tenho esperança que a atitude dos mesários se modificará quando entrarem em funcionamento os hospitais em construção e pela elucidação das exigências actuais de um ser-

(Continua na pág. VII)

● Os doentes mentais não são mais propensos à violência do que as pessoas sãs

Os atrasados e doentes mentais não são mais propensos à violência — nem menos — do que s pessoas sãs. Mas na sua vida existem períodos de maior risco, aos quais, até agora, se prestou muito pouca atenção. Na República Federal Alemã foram postos em prática nos últimos anos, alguns inquéritos cujos resultados são dignos de registo.

Estes inquéritos foram recentemente objecto de comunicações do Director da Clínica Social-Psiquiátrica de Heidelberg, prof. Heinz Häfner e do livre docente W. Bölker. Pela primeira vez se obteve uma resposta interessante e não só para os psiquiatras, à pergunta clássica — «Em que medida são perigosos os doentes mentais?»

Os peritos partiram das mortes violentas e das tentativas de assassínio, exactamente como figuram nos protocolos da Polícia e nas estatísticas criminais: As percentagens do grupo dos doentes mentais e da população geral são iguais!

Os psiquiatras afirmam frequentemente que um acto de violência é o primeiro ou pelo menos o mais expressivo sintoma de uma doença mental latente. As investigações mais recentes não permitem fundamentar tal teoria. Mais de metade dos arguidos sofriam da doença, desde uma data anterior ao delito, em cinco anos ou mais. Raramente o crime foi cometido no início da enfermidade.

Da história de quase metade dos delitos constava um internamento do seu autor num centro psiquiátrico. Com base nos estudos destes doentes esclareceu-se qual o período mais provável de perigo. Um em cada quatro efectuou o acto violento dentro dos primeiros seis meses após a alta da clínica. Entre os deprimidos a proporção chegou a ser de seis para dez.

Este facto é de extrema importância para os familiares dos doentes mentais, pois verificou-se que são eles as vítimas mais frequentes, em especial os cônjuges.

As motivações de tais actos de violência são, em geral, diferentes entre os doentes mentais e as pessoas sãs. Os doentes são pressionados, em regra, por ideias delirantes (ciúme, legítima defesa, vingança).

● Os processos mais comuns de cirurgia coronária postos à prova para se verificar se prolongam a vida

O «By pass» da artéria coronária, uma operação na qual são retiradas artérias de outras partes do corpo humano e colocadas no coração por forma a conseguir-se maior volume circulante de sangue nos vasos do músculo cardíaco, está agora a ser revista, para se saber se prolonga a vida reduzindo o risco de enfarte.

Doentes submetidos a este tipo de cirurgia (nos Estados Unidos cerca de 40.000 durante o ano de 1973) são-no devido à dor.

A dor ocorre quando os vasos sanguíneos que alimentam o coração são «obturados» com tecido degenerativo e o músculo cardíaco fica «esfomeado» por oxigénio. Isto, geralmente, acontece após qualquer tipo de esforço que requer maior actividade do coração.

Nos casos mais ligeiros a dor pode ocorrer após uma caminhada apressada mas, nos casos mais severos, um simples passeio pode produzir o efeito.

Os investigadores estão agora a estudar o grupo de doentes que passaram por este tipo de cirurgia para determinar se se reduziu ou não o risco de enfarte do miocárdio.

● Três milhões de dólares para o estudo da esclerose múltipla

A Universidade de Pensilvânia e o Philadelphia's Wistar Institute levam a cabo, em colaboração, a investigação que conduzirá ao mais intenso programa de estudos sobre esclerose múltipla efectuado até agora.

Os trabalhos são principalmente dirigidos às causas e efeitos da doença, nas pessoas, em vez de animais, como tinha sido hábito até agora.

O fundo disponível para investigação inclui mais de 2 milhões de dólares do Instituto Nacional de Saúde e cerca de 500.000 dólares da Sociedade Nacional para a Esclerose Múltipla.

● «Diagnóstico pré-natal das deformidades»

A colheita e análise de uma pequena quantidade de líquido amniótico, o qual rodeia o feto durante a vida intra-uterina, permite aos médicos detectar sérias malformações de uma criança, antes desta nascer.

Esta nova capacidade de diagnosticar graves defeitos antes do nascimento é um primeiro passo de interesse vital para as pesquisas em curso, que têm por objecto a descoberta de processos de correcção das anomalias congénitas, para permitir que todas as crianças venham ao Mundo, completas e sãs.

Colaboração dos Serviços Profissionais de Merck Sharp e Dhome

O PLANETA URBANO

Por PEDRO MARTINS DA SILVA

Crescimento demográfico, migração maciça para os centros urbanos, verdadeiros megalópoles a desenvolver-se. A sensação, experimentada fundamentalmente pelo homem urbanizado, de uma pressão cada vez maior, esmagante, a emparedá-lo entre outros homens.

E, no entanto, hoje apenas cerca de bilião e meio de pessoas vivem em cidades de mais de vinte mil habitantes, enquanto cerca de dois biliões podem considerar-se a viver em ambiente rural.

Mas em 2000, marco que se aproxima prenhe de sensação, ocorrerá, segundo pode prever-se, a mudança crítica, com cerca de três e meio a quatro biliões de habitantes urbanizados e, apenas, três desfrutando(?) ainda o que se considera o paraíso fora da cidade. Mudança fatídica, para um tipo novo de planeta. Acompanhada de outras mudanças, estas de carácter menos previsível, resultantes de o número de habitantes urbanizados em países em desenvolvimento ser então muito superior ao dos países desenvolvidos. Possivelmente dois a dois e meio biliões de pessoas em cidades do mundo dito em desenvolvimento, suportando as piores condições a que seres humanos já tiveram de fazer face. Para além da má nutrição, de um ambiente em que houve violação de todos os valores, do desespero, nestas vastas cidades de desintegração social, será total a falta de sentido de comunidade e de justificação para a vida. Neste mundo de homens solitários, acuados entre outros homens, desenrolar-se-ão os grandes dramas do planeta no próximo quartel. Porque, se bem que da análise do processo histórico, possam determinar-se níveis de estabilização da população, o problema está em saber se é possível, até alcançá-los, neutralizar as forças nascidas da miséria, doença, desemprego, e falta de oportunidades, que parecem constituir o destino da humanidade neste final de século.

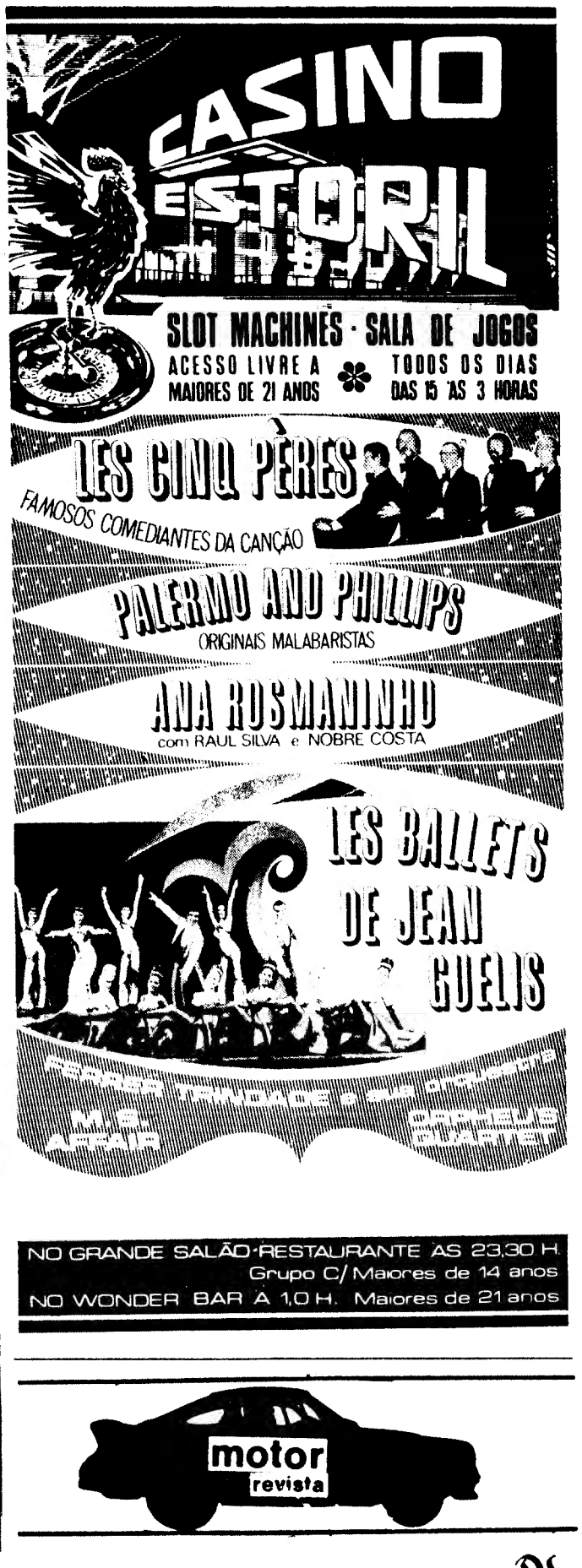
No século passado, não só a preservação da vida não alcançara os padrões actuais, como havia zonas suficientemente vastas para absorver excessos da população, onde os houvesse. Passado um século, não só estas zonas de amortecimento, saturadas, deixaram de o poder ser, como, por outro lado, o avanço científico e técnico que, em certa medida, poderia compensar esta saturação, desenvolveu-se essencialmente no sentido de minimizar a «entrada» laboral. Empurrando ainda mais força de trabalho desocupada para as cidades, onde dia-a-dia se torna mais negro o panorama das franjas de expansão, centros de uma autêntica cultura de pobreza.

Que fazer então? Cruzar braços perante o que parece afigurar-se futuro incomandado?

Talvez não. Talvez a atitude fatalista não seja a única possível.

O espectro mais assustador de todo o processo ... o crescimento demográfico ... com o aparecimento, e acima de tudo a afirmação, do que pode designar-se por uma paternidade consciente (para além das restrições impostas pelo próprio viver urbanizado), poderá ser dominado, desde que uma política a nível estatal encorage devidamente o processamento controlador «espontâneo». Quanto ao «resto» (que é muito) esteja presente a possibilidade de colher ensinamentos de todo um passado vivido. Por exemplo, parece evidente que deverá evitar-se todo o processo que conduza à formação de megalópoles. Porque há alternativas possíveis, que, aliás, os peritos no assunto estão cada vez mais interessados em explorar com a construção de comunidades regionais intermédias.

Parece, talvez, utopia pensar num planeta urbanizado, com ambiente humano, onde seja feito uso racional de tudo (imenso) que agora é dispendio numa indústria de medo e destruição. Pode parecer. Mas não há dúvida que o homem acordou para a fragilidade do planeta que pensara conquistar em violência. E, também, para a fragilidade das sociedades. Alvorecer de interrogações, no fundo acerca do sentido da vida, que talvez venham a conduzir a revisões da acção no quotidiano com resultados criativos do tal mundo urbanizado e humano.



A PASSOS RÁPIDOS NO MUNDO CAPITALISTA (1)

Por NUNO ROCHA

DE LISBOA A CHICAGO COM PARAGEM EM NOVA YORK

Oito horas de avião, apenas mais três do que a viagem Lisboa-Porto em automóvel, são suficientes para nos mergulharem no país que é a mais viva expressão do capitalismo moderno. A primeira vez que desembarquei nos Estados Unidos fi-lo em Filadélfia. É difícil esquecer a emoção de uma primeira viagem transatlântica: as horas passam por nós e parecem a certa altura intermináveis. A bordo, as companhias esforçam-se no sentido de tornarem a viagem agradável, pelo que se sucedem as refeições, são-nos fornecidos auscultadores com quatro ou cinco canais de música e não falta por vezes, a projecção de um bom filme. A última hora de viagem é extremamente fatigante. Se há crianças a bordo, estas mostram-se irascíveis, lutando desesperadamente contra a prisão a que são submetidas durante longo tempo.

Continua na pág. seguinte

A PASSOS RÁPIDOS NO MUNDO CAPITALISTA

Continuaçao da página anterior

Mais tarde voltei aos Estados Unidos noutra época. Levava na minha bagagem uma carta que me valia a possibilidade de percorrer todo o país durante um mês. Cheguei a Washington ao princípio da noite e quando a pequena capital se encontrava envolta em densas e preocupantes manifestações de rua. Passavam diante dos meus olhos, atónitos e excitados, polícias com capacetes de aço, os céus eram cruzados por helicópteros do Exército e, em frente à Casa Branca, acampavam pacificamente, muitos milhares de jovens vindos de todos os Estados da União decididos a protestar — já então — contra a política de Richard Nixon. Assisti às «quermesses» organizadas alegremente pelos manifestantes que a Polícia controlava à distância e ouvi-os entoar canções dos seus Estados e gritar ritmadamente «slogans» contra o Governo. Mas, no dia seguinte, também atónito, vi os rapazes e as raparigas iniciar o regresso a casa depois da gigantesca demonstração.

Sentavam-se à saída das auto-estradas pedindo transporte de graça aos camionistas que os levavam em grandes grupos, assim como a outros cidadãos, que paravam os seus automóveis e perguntavam aos jovens:

— Para onde vai? Para o Sul?

Identifiquei-me, então, com uma cidade pacífica, habitada por uma maioria esmagadora de negros. Em frente à Casa Branca já não havia polícias nem manifestantes. Entretive-me, à falta de melhor motivo de interesse, a ver os esquilos subindo e descendo ladinos pelos troncos de velhas e frondosas árvores.

Esta é a minha terceira visita à América do Norte — menos de duzentos anos de nacionalidade, União de 50 Estados, 3 615 122 m2, 6,9 por cento de área habitada, fronteira mais ao Norte Point Barrow no Alaska, mais ao Sul Cabo Sul no Hawaii, 211 940 500 habitantes dos quais 103 399 000 homens e 108 445 000 mulheres. sendo destes 184 396 000 brancos e 23 366 000 negros. Nação jovem: 39 695 000 dos seus habitantes têm entre 15 e 24 anos, 95 785 000 têm entre 25 e 64 anos e a média de idades de toda a população é de 28,5 anos. 149 281 000 dos seus habitantes vivem nas cidades e 63 853 000 nas zonas rurais estando a Nação constituída por 54 373 000 famílias. Há, nos Estados Unidos, 97 354 000 cidadãos casados, 38 408 000 solteiros, 1 834 000 viúvos, 9 601 000 viúvas e 4 846 000 divorciados. Mais elementos para o perfil desta nação gigantesca: nascem por ano 3 256 000 novos cidadãos e morrem apenas 1 962 000; celebram-se, também por ano, 2 269 000 casamentos e os juízes aprovam 839 000 divórcios; estão empregados 55 521 000 homens e 34 608 000 mulheres. O produto nacional bruto é de 1 272 000 000 000 dólares cabendo a cada cidadão 4 492 dólares e a cada família em média 11 116 dólares. Nos Estados Unidos há 200 000 milionários e consideram-se como pobres 5 075 000 famílias (total de 24 460 000 pessoas) sendo destas 8 257 000 de raça negra. Mais números há: 89 732 escolas para o ensino primário e secundário frequentadas por 45 754 000 crianças e onde dão aulas 2 086 000 professores; há 3 240 000 cidadãos com grau de ensino superior e 980 000 com grau universitário. O Governo despendeu com o ensino, em 1973, 43 493 021 000 dólares. Na América do Norte há 110 200 000 aparelhos de TV, 372 000 000 rádios, 931 estações de TV, 7 430 estações de rádio, 96 420 000 automóveis, 125 142 000 telefones e circulam todos os dias 62 510 000 exemplares de jornais.

Perfil de uma nação: consegue-se através da História e por meio de depoimentos dos que nela vivem. Numa sala do gigantesco aeroporto de John Fitzgerald Kennedy, enquanto esperamos pelo avião que nos há-de levar a Chicago, no caminho de St. Louis que é o nosso destino, conversamos entre surpresos e incrédulos acerca das contradiçõesdestepaísesquecomanda a vida do Mundo. Carlos Reis, português radicado há anos em Nova Iorque, é um interlocutor loquaz e bem informado. Fala-nos do caso da Mafia, esse mistério que ninguém ousa desvendar completamente e que se passa aos nossos olhos entre imaginário e real:

— Uma vez — disse ele — um homem quis abrir um bar em Nova Iorque. Alugou a casa e pediu as licenças ao Município. Quando iniciou as obras, apareceram-lhes dois indivíduos muito bem vestidos e sorridentes que lhe bateram nas costas e lhe disseram: Sabemos que vai abrir aqui um bar. Nós achamos melhor que desista da ideia. Talvez neste sítio o bar não lhe dê lucro suficiente. Por que não vai abrir o bar noutro local?

O proprietário do bar ficou perplexo e perguntou:

— Mas quem são os senhores? Por que acham que eu não devo abrir o bar?

Os dois homens deram uma saudável gargalhada. Pareciam muito descontraídos e bem dispostos. E responderam com nova e amigável palmada nas costas do candidato a proprietário do bar:

— Não deve abrir o bar neste sítio. Por que não escolhe outro local? Nós achamos que este local não é bom para o seu negócio. Era melhor escolher outro sítio de Nova Iorque. Nova Iorque é uma cidade muito grande como sabe. Este sítio é muito mau para que alguém abra aqui um bar.

Os dois homens desapareceram na esquina da rua, sempre muito bem dispostos e sorridentes. O proprietário do bar resolveu não ligar importância ao assunto e prosseguiu com as obras. Tinha uma grande esperança naquele bar. O sítio parecia-lhe esplêndido. Um dia os mesmos indivíduos voltaram e disseram-lhe enquanto olhavam os balcões já instalados:

— Sempre vai abrir o bar? Achamos melhor que não abra o bar. Que escolha outro sítio. Nova Iorque é grande...

A dois dias da inauguração do bar, quando este já se encontrava repleto de mercadoria, uma grande explosão alarmou o bairro. Chegaram os bombeiros e a Polícia. O bar estava completamente destruído. O homem compreendeu que havia alguém que não estava interessado em que o seu bar funcionasse naquele local. Obra da Mafia? Eis o que ainda hoje está envolvido em mistério. Não se sabe se o homem abriu um bar noutro local de Nova Iorque, se emigrou para outro Estado da União.

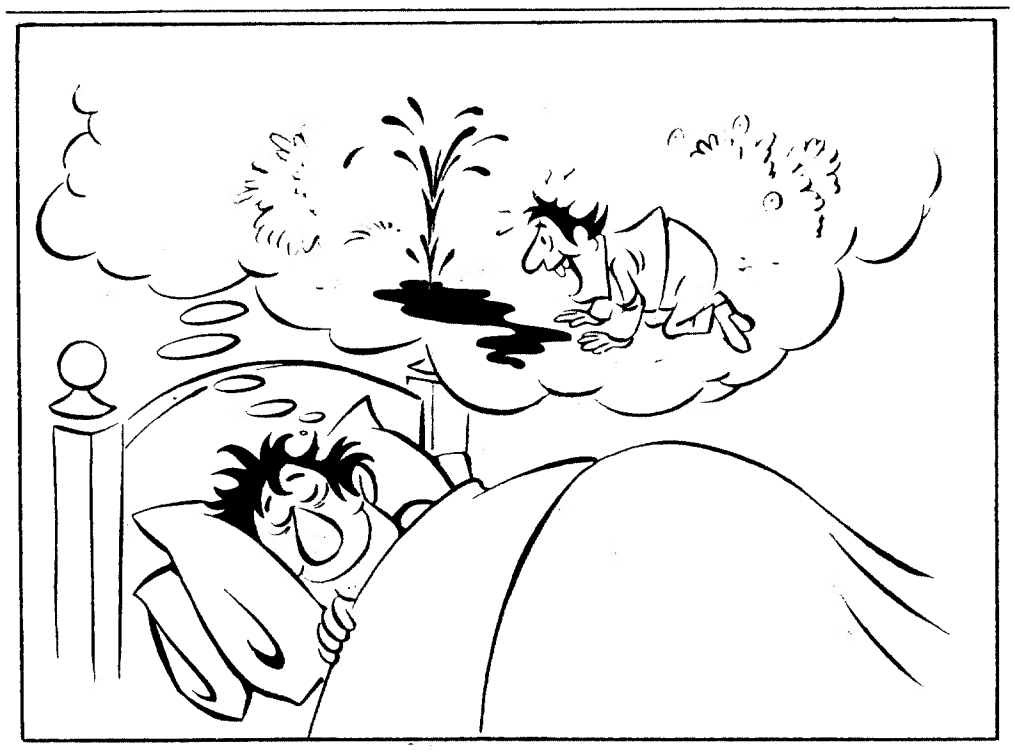
Fabulosa metrópole, uma das cidades mais fascinantes do Mundo, Nova Iorque é um alfobre de grandiosas e de miseráveis experiências humanas. Discutimos o Watergate, iniciado em Junho de 1972 quando alguns homens calçando luvas indicadas para intervenções cirúrgicas foram presos dentro do edifício Watergate, em Washington, precisamente nos locais da sede do Partido Democrático — esse caso Watergate que põe em dúvida a honorabilidade do presidente Nixon e que a Nação conhece em todos os seus pormenores. Falámos de Kissinger, o homem que domina a América do Norte mais jamais poderá ser o seu presidente, porque nasceu na Alemanha, porque é divorciado e porque só podem ser presidentes da União naturais em quinta geração; falamos dos barcos do petróleo que aparecem na costa do Atlântico e do Pacífico e que pairam ao largo à espera de quem dê mais pela sua preciosa carga; falamos da hipótese segundo a qual «os Estados Unidos visam pôr a Europa de rastos»; discutimos Nova Iorque, a cidade onde se é aconselhado a trazer no bolso apenas alguns dólares, onde se é aconselhado a não entrar em elevadores que não tenham mais de duas pessoas, onde se deve fechar bem, por dentro, com um cadeado, as portas dos quartos dos hotéis.

Antes de fechar a porta quando entra no quarto do hotel — disseram-me entretanto — espreite para debaixo das camas. Já tem acontecido estarem ali indivíduos que, depois, surgem de pistola em punho e pedem ao hóspede todo o dinheiro e valores que este possui. E ameaçam-no de que se fizer queixa à Polícia será executado na rua no dia seguinte.

Pergunto a mim próprio se é justo apresentar assim tão sumariamente o retrato de uma das cidades que eu mais aprecio no mundo. E pergunto se o jornalista tem o direito de tão ligeiramente traçar a biografia de uma metrópole que não conhece para além de visitas de carácter turístico.

Por isso chamo em meu socorro a minha própria experiência: já estive em Nova Iorque três vezes — somando muitos dias e muitas noites — e nunca me senti ameaçado. Também nunca conheci alguém a quem tivessem acontecido as peripécias dramáticas que me são contadas. Dou, então, o sentido relativo às afirmações que me fazem e não condeno Nova Iorque. Será, porque é grande e palpitante, que dela tanto se fala. Será porque é grande e bela também, que 7 895 563 cidadãos ali se fixaram e ali vivem intensamente, oferecendo-nos o mais apaixonante quadro de vida humana que se pode imaginar.

A temperatura é de quatro graus em Nova Iorque. Quando se espreita por uma porta do aeroporto o frio corta-nos a face. De minuto a minuto sai um avião de cada um dos dois gigantescos aeroportos que servem a cidade. Quer John Kennedy quer La Guaira são considerados dos maiores aeroportos do Mundo. 39 499 000 passageiros/quilómetros circulam nos aeroportos da União em cada ano , o que dá aos Estados Unidos o primeiro lugar neste domínio. Chamam-nos para o voo de Chicago e não deixo de pensar em Al Capone nem em Chicago como a cidade do crime. De qualquer modo, a curiosidade domina-me porque vou conhecer mais uma cidade embora por pouco tempo. Quando o avião aterra no aeroporto da importante capital do Midlewest, os meus olhos são atraídos pela imponência dos seus arranha-céus. Depois, a caminho da Baixa durante a noite, tenho tempo de pressentir uma cidade industrial, de edifícios carregados de velhas-pátinas, de ruas abafadas pela altura descomunal dos edifícios. Espera-nos um hotel majestoso do fim do século, onde nos sentimos perdidos nos seus longos corredores. Chicago dorme. Apetece despertá-la e inquiri-la não só sobre o presente como acerca do seu passado e quanto às perspectivas do seu futuro.



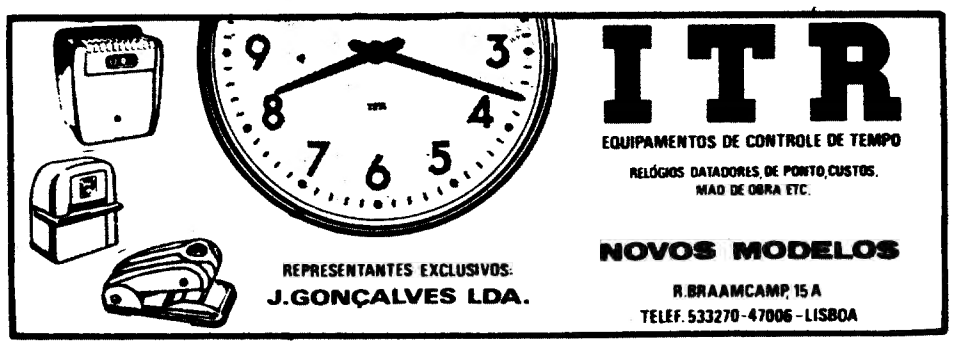
MARGARIDA

Toda a alegria de ver o petróleo jorrar no jardim, termina na hora de acordar. Aí, a realidade é outra. Em vez de jardim, uma cidade. Em vez de um poço de petróleo, uma bomba de gasolina com o letreiro «Esgotada». Faça render muito mais a gasolina do seu carro.
Você pode, deve, utilizar o telefone para resolver com rapidez muitos dos seus problemas.
Nas suas deslocações, nas suas compras, poupe o seu tempo. Poupe gasolina.
Consulte as Páginas Amarelas.

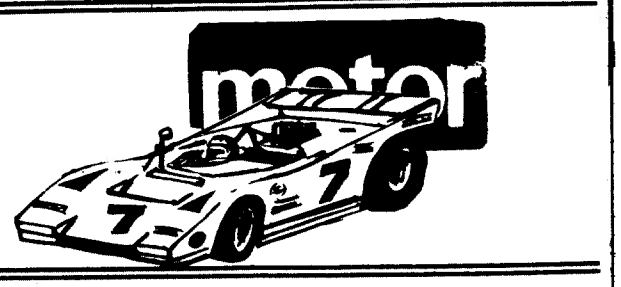
Páginas Amarelas

a consulta que resulta

construa o ambiente que merece
móveis por elementos | GM | suavizam a falta de espaço
Leiloeira Moderna Sul do Tejo, L.
R. Candido dos Reis, 47 51 e 91 (a rua dos Bombeiros Voluntarios) CACILHAS



ITR
EQUIPAMENTOS DE CONTROLE DE TEMPO
RELÓGIOS DATADORES, DE PONTO, CUSTOS, MÃO DE OBRA ETC.
NOVOS MODELOS
R. BRAAMCAMP, 15 A
TELEF. 533270-47006 - LISBOA
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
J. GONÇALVES LDA.



DIÁLOGO COM O DR. ARNALDO SAMPAIO

(Continuação da página I II)

viço de cuidados médicos diferenciados.

Se se pode admitir e até é necessário para o médico ou especialista se deslocar para atender doentes que não precisam de internamento já o mesmo não se pode admitir como norma em relação ao doente internado.»

Dr. Arnaldo Sampaio: «não supreendem as críticas daqueles que pensam que ainda estamos na Idade Média e portanto desaprovam tudo o que sejam regalias sociais reconhecidas como direito e não à custa de esmola»

« Medicina desumaniza-se se for exercida só com vista no lucro»

— Gostaríamos agora de saber se o dr. Arnaldo Sampaio julga o ensino pregraduado da medicina adaptado às exigências actuais dos serviços de saúde?

— É sabido — respondeu-nos o director-geral de Saúde — por todos que o curriculum dos cursos de medicina não está elaborado de modo a criar no jovem médico um estado de espírito que o sensibilize para os problemas sociais. Ora a medicina é uma actividade eminentemente social e se é exercída só com vista no lucro desumaniza-se e por conseguinte não satisfaz os anseios dos doentes que procuram o médico para alívio dos seus sofrimentos.

«Embora importante, não é só com a introdução no curriculum de cadeiras de ciências humanas, mas também e sobretudo com o contacto dos estudantes com as famílias desfavorecidas e com o exemplo dos professores que se poderá evitar a desumanização crescente do acto médico que se verifica nos serviços de saúde oficiais ou para-oficiais.

«Em quase todos os países e até em Portugal os responsáveis pela educação médica têm procurado por vários meios ministrar um ensino aos estudantes de Medicina que não só os prepare tecnicamente, mas que lhes desperte o sentimento de solidariedade humana, de primordial importância no exercício da profissão.

«Os êxitos alcançados com tanta experiência já realizada, pelo que conheço, não têm sido extraordinariamente animadores.

«Caberá então perguntar, o defeito estará só no ensino ou como se exerce a profissão? O possível leitor se o entender formulará a resposta. Neste momento em Portugal devido à explosão escolar o ensino da Medicina atravessa uma grave crise que não nos permite ser optimistas num futuro próximo.»

— Para terminar podia elucidar-nos sobre os programas de acção da Direcção-Geral de Saúde para o ano de 1974?

— O Decreto-Lei 413/71 cometeu à Direcção-Geral de Saúde tarefas cuja realização muito contribuirá para o progresso socioeconómico da população portuguesa.

«Apesar das dificuldades da falta de pessoal a nível central e principalmente na periferia tem-se realizado trabalho válido como as taxas de avaliação já o demonstrarão.

Os programas para este ano visam sobretudo:

a) Continuação da instalação dos centros de saúde nos concelhos ainda desprovidos destes serviços e melhoramento técnico dos serviços dos centros de saúde já em funcionamento, com especial realce para serviços de protecção à mãe e à criança.

b) Instalação da valência de medicina do trabalho nos Centros de Saúde onde essa matéria é indispensável.

d) Continuação da elaboração dos acordos com a Previdência relativos à protecção materno-infantil e na programação das instalações conjuntas dos Centros de Saúde e Unidades Médico-Sociais da Previdência.

e) Melhoria das instalações e equipamento dos Hospitais Concelhios para assistência conveniente no parto e da criança doente.

f) Reforço de luta contra as doenças transmissíveis pela melhoria dos serviços de «surveillance».

g) Vigilância sanitária das águas e levantamento topográfico dos focos de insalubridade para o que já foram equipados os Centros de Saúde com aparelhagem moderna.

h) Coordenação por meio das Comissões Concelhias das actividades de saúde de modo a evitar duplicações e aproveitar mais convenientemente o pouco pessoal disponível por intermédio de elaboração de programas em conjunto.

i) Programa extenso de cursos de reciclagem a nível central e distrital para pessoal médico, de enfermagem e outros técnicos.

j) Intensificação da educação sanitária por todos os meios de comunicação, principalmente por meio das enfermeiras de saúde pública que trabalham nos Centros e visitam as famílias da área do centro.

k) Continuação dos estudos para a promulgação dessa Lei de responsabilidade profissional actualizada e que corrija certas situações indesejáveis.

«Como pode verificar é um programa vasto e não enumerei os trabalhos de rotina desta Direcção-Geral.

«Evidentemente que teremos dificuldades em executar-se medidas políticas no que respeita à fixação de técnicos na periferia não forem tomadas».

A SAÚDE DOS SEUS FILHOS

P. — Como é que eu posso saber se dou ao meu filho de 2 meses a quantidade de alimento que ele necessita em cada refeição? (Maria de Jesus)

R. — O processo mais seguro de saber se o seu bébé come o suficiente é a observação do peso semanal.

P. — O que é a Lactose? (Ana Maria)

R. — Lactose é o nome do açúcar que entra na constituição do leite dos mamíferos.

P. — Qual é o leite mais aconselhado para o meu bebé de 6 meses? (M.T.).

R. — Aquele que o seu pediatra recomendar.

P. — Porque é que algumas crianças são tão irrequietas que têm de tomar medicamentos até para se comportarem bem na escola? (Isabel Lopes)

R. — A hiperactividade das crianças pode estar relacionada com muitas causas entre elas, alergias, infecções crónicas, parasitas intestinais, deficiências oculares e auditivas, carências de vitaminas ou de minerais, perturbações do sistema nervoso ou razões de ordem psicológica.

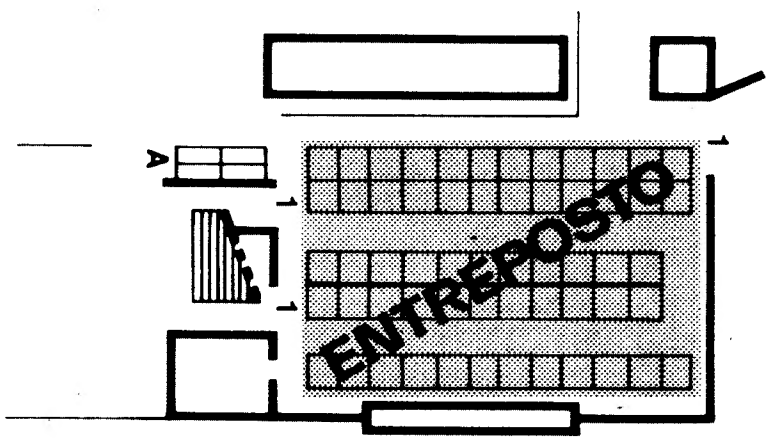
P. — Não será demasiado dar a uma criança de 15 meses o mesmo antibiótico durante 2 semanas? (H.B.P.)

R. — Não, se for por indicação médica. O tratamento prolongado com antibióticos é muitas vezes necessário para debelar completamente uma infecção e evitar recaídas.

Qualquer correspondência para esta secção deve ser dirigida para: dr.ª Maria Cecília Patuleia — «Diário de Lisboa» — Rua Luz Soriano — Lisboa-2.

ENTREPOSTO

L. LAGRIFA



De 8 a 17 de Março, a apresentação na NAUTICAMPO-8 (F. I. L., pavilhão 1), de:

Barcos (em fibra, para vela e motor) Tróia

Caravanas (em fibra) Campina

Atrelados Vado

inteiramente concebidos e fabricados pelos nossos técnicos.

Motores fora-de-borda Crescent

Colunas «Z-DRIVE» ENFIELD Z-DRIVE

Motores marítimos (a gasolina e diesel) NISSAN

Acessórios para nautismo e campismo

DÊ-NOS O PRAZER DA SUA VISITA AO NOSSO "STAND" NA NAUTICAMPO

«LES CHINOIS À PARIS»

PARIS JÁ ESTÁ A ARDER COM O FILME DE JEAN YAN

Continuação da pág. 1

Desordenadamente, vários espectadores procuram apanhar os papéis ainda no ar, outros curvam-se para o chão, alguns «correm» para o local da «queda». Repentinamente, na plateia, a uns 10 metros de mim, um jovem (assim me pareceu a sua silhueta recortada no fundo das luzes do palco) lança para o ar nova chuva de panfletos e, sem esperar por qualquer reacção, lança-se para a saída, empurrando, tropeçando, mas abrindo sempre caminho entre os espectadores que já começavam a abandonar a sala. A sua fuga provoca um certo alarme: há quem corra também para a saída, com maior ou menor discrição; há quem olhe para todos os lados com inquietação; há rumor, há confusão. Para mim — verdadeiramente não muito habituado a estas «lides internacionais» de «panfletos e contestações» — sinto-me invadido por um estranho receio: «será que acabará, mesmo, por rebentar alguma bomba»?...

A verdade é que, dessa vez pelo menos, não rebentou bomba nenhuma! Contudo, não me admirarei muito se daqui por uns dias se vier a ler que tal aconteceu...

Mas, do que é que eu estou a falar? E verdade, convém explicá-lo: pois de uma das exibições, no seu «primeiro sábado de vida», de um dos mais discutidos filmes do momento, o já célebre «Les Chinois à Paris» («Os Chineses em Paris»), de Jean Yanne.

E digo «não me admirarei», porque se no outro sábado, à saída do Rex, grupos predominantemente jovens espalhavam mais panfletos e faziam ajuntamentos sob observação da polícia (nessa noite, também preocupada com as manifestações antifranquistas — por causa da execução, em Barcelona, de Puig Antich — que iriam ocasionar a explosão de quatro engenhos noutras tantas dependências de bancos espanhóis), a verdade é que, já esta semana, um «comando» de cinco pessoas não identificadas invadiu um cinema onde o filme estava a ser projectado, partiu uma montra e «lançou tinta-da-china para a tela», como se podia ler na notícia que até nós chegou!

«Les Chinois à Paris» é a transposição para o cinema, de um romance de ficção bastante conhecido — «Quand les chinois...» de Robert Beauvais — que, em português, recebeu o nome («se bem me lembro»...) de «Chegaram os chineses».

No livro, Beauvais imagina o que seria a invasão de Paris, pelos chineses comunistas, em 1990. Na tela, porém, Jean Yanne coloca a acção mesmo nos nossos dias... e é aí que começam os protestos: tanto oficiais, como de grupos contestatários, tanto de chineses, como de franceses.

A fita que dá tantas «fitas»

..O filme conta-se com facilidade. Depois de terem ocupado toda a Europa, os chineses invadem a França e vão tomar Paris. Apanhados pela surpresa de algo que «consideravam impossível de acontecer», os franceses procuram fazer face à circunstância, das mais diversas formas: o presidente da República faz o seu discurso televisivo (do estilo **«franceses — a hora é grave mas saberemos manter-nos unidos, louvaremos o passado, escorraçaremos o inimigo e a vitória final será nossa»...**) e foge para o estrangeiro; nas auto-estradas, os automobilistas em pânico e desordenada fuga acabam por se «engarrafar» e envolvem-se em zaragatas que, a breve trecho, transformarão as vias em imensos «campos de batalha» pejados de mortos ou inanimados feridos.

Ora, é neste quadro de «pouco honrosa capitulação que os chineses penetram em Paris, sem terem necessidade de disparar um tiro, de sair dos seus camiões, ou largarem a flor vermelha de papel que cada soldado transporta juntamente com a espingarda. Depois dos desfiles pelas ruas da cidade e uma breve estadia no palácio do Governo, o comandante chinês (ainda muito jovem) decide instalar-se nas «Galerias Lafayette» que, para esse fim, cessam completamente as suas funções de «grandes armazéns».

Dentro de linhas que imediatamente evocam a ocupação nazi da «Cidade da Luz», iniciase, então, a «maoização» de Paris: as pessoas começam a vestir-se com o tradicional «fato à Mao», as ruas e fábrica enchem-se de cartazes e «slogans» de propaganda, os automóveis são retirados aos franceses (por serem «instrumentos de poluição e manifestações de capitalismo») e substituídos por «riquechôs», entram em vigor drásticas medidas de puritanismo (proibição de «certos vícios» como o fumo, a bebida etc...), a produção em massa é generalizada (como os franceses eram os maiores «fumistas» do Mundo... passaram a fabricar só tubos de chaminés) etc.

Perante este «estado de coisas», os filhos da França «reagem».

Enquanto uns estabelecem, desde logo, numa nova «resistência» — e acabam por ser presos e enviados para Pequim (para doutrinação) — Jean Yanne encarna o papel de um oportunista proprietário de uma «sex-shop», que ainda mal haviam chegado a Paris os primeiros invasores... e já ele mudava os dísticos da sua loja, de modo a que fossem perceptíveis «pelos bravos soldados chineses», ao mesmo tempo que afixava cartazes anunciando descontos especiais para eles!

E este comerciante que, actuando como um moderno «public-relations», consegue ganhar as boas graças do comandante chinês e, para lucro do seu negócio pessoal, fazer com que os invasores abandonem a França. Desde o levar à cena uma «versão comunista» da ópera «Carmen» («Carmeng» de seu nome...), ao convencer o jovem general de que não deveria deixar os franceses à sua antiga forma de «foliona vida», como deveria até fomentá-la — para que isso servisse de exemplo aos outros países... do que não se deveria fazer! — tudo o personagem de Yanne consegue, ao mesmo tempo que a «nova resistência» se limita a «operações de retórica», «inflamadas» reuniões e ao arrancar de tabuletas de sinalização de ruas; mais: os atentados franceses contra os invasores são feito por ... ingleses.

Nestas bases, enquanto o antigo dono da «sex-shop» enriquece e vai comemorando a oposição de cada milhão, os chineses vão-se «deixando» «amolecer» e, enquanto o próprio capitão se apaixona

NE?

por uma muito jovem (e muito mais corrompida...) francesa, os seus soldados saboreiam a «belle vie» do Paris nocturno.

Finalmente, o desfecho: Beauvais acaba o livro com um raio de uma arma especial que congelava todos os chineses; Yanne é menos «ficcionista» e resolve «pôr» o exército de Pequim em voluntária retirada (já que o alto comando central resolveu aceder ao pedido do jovem comandante que declarava os seus homens incapazes de resistirem às «alegria de viver» e à estúrdia do povo invadido...).

E já com os chineses muito longe de Paris... que a «resistência» se decide a passar à acção; e é já com os chineses fora de França que o seu presidente regressa, tendo como «primeira preocupação», o inteirar-se se havia alguém a quem conferir medalhas... Nessa nova situação, o comerciante, de Yanne, não vai parar de «aproveitar a ocasião» e enriquecer ainda mais: ao próprio presidente, vende os vários espólios deixados pelos chineses e apresenta contas que eles se «esqueceram» de pagar...

em França, é alcunhado do «censor da nossa sociedade de consumo», coloca as coisas num campo de interrogação: como reagiriam os franceses (ou outros ocidentais...) a uma invasão por chineses (ou quaisquer outros, afinal...)? Para facilitar a resposta (pelo menos a sua...), reencarna nos «vermelhos» amarelos o ocupante nazi, ainda na memória de tantos. Depois pretende demonstrar que os condicionalismos da sua sociedade de consumo os manietaram de tal maneira... que seriam incapazes de tornar a rechaçar um inimigo, como o que Hitler lhes arranjou. Ao contrário do que a reacção comunista se esforça por afirmar — os únicos «sujeitos» decentes (mesmo que ingénuos...) do filme são... os chineses.

Quanto aos franceses, ele mostra-os como seres caricatos, inexoravelmente presos e «handicapados» nas teias das nossas sociedades modernas: por muito que a hora seja grave, o presidente da República não pode aparecer frente às câmaras de televisão, sem passar pelas mãos da caracterizadora; por muito comunistas que houvesse em Paris, o comandante chinês escolheu para governador civil... um banqueiro; por muito que cada cidadão sentisse a sua terra ocupada... só mostrou sinais de rebelião quando lhe tiraram o seu automóvel; por muito retoricamente entusiastas que fossem os resistentes, a verdade é que só se dispuseram a atacar... quando a invasão já havia acabado! Mesmo tirando a «moral da história» de que «viver não custa; o que custa é saber viver», Yanne transforma o personagem por si incarnado num messiânico herói de circunstância... mas, nem por isso menos abjecto.

Ao nível pessoal e de sociedade, ninguém é poupado: desde presidente ao bispo de Paris, às festas populares (com ranchos folclóricos, escuteiros cantando hinos, a equipa de ciclismo da França, etc.), aos discursos mais ou menos caquéticos dos «veneráveis anciões» das forças vivas de qualquer país...

Como já referi, os únicos que apenas têm de se queixar de serem envolvidos nesta «ácida brincadeira» são os chineses que, se se assemelham aos nazis, é só por «uma questão de forma», e que se ficam com alguns dos seus hábitos ironizados, é como só que para mostrar que, apesar de tudo, há uma contrastante pureza (e honestidade, até) em relação aos compatriotas do realizador. Contudo ou talvez não...) muito pouca gente pensa assim.

A acção que desencadeou...

Uma coisa é ver o «Romeu e Julieta», outra coisa é ouvi-lo contar. Se a «historinha» fosse esta, sem mais nada, por certo que «Les Chinois à Paris» seria mais um dos cento e tantos filmes que se podem apreciar, neste momento, nas cerca de 350 salas de cinema da capital francesa e seus arredores. Contudo não é!

Em cada plano, em cada palavra, Jean Yanne põe uma comicidade que altera tudo completamente e «torna» a narrativa que acima faço numa palidíssima imagem do que é realmente o filme.. Yanne — que, «Lui» — perguntou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros o que era essa coisa do filme, que parecia não ser muito simpática»... A resposta foi de que «se ia ver». Então o Ministério perguntou ao Centro de Cinema o estado das coisas, sendo informado que as filmagens estavam quase no seu término, faltando pouco mais que as sequências do monumental desfile dos chineses pelos Campos Elísios. Eu tencionava filmar os soldados passando por debaixo do Arco do Triunfo, com os seus camiões, as suas bandeiras vermelhas, etc... Porém, a partir desse momento, todas as autorizações me foram negadas.

O Ministério teve excesso de zelo. Porque é compreensível que a Embaixada houvesse pedido esclarecimentos; contudo, daí a pedir o interdição do filme... Os chineses nem são mal tratados no argumento. Todos os problemas foram, pois, criados pelo departamento oficial, que em vez de se dirigir a mim para procurar saber concretamente as coisas (que os chineses «não comiam as criancinhas» de Paris, no meu filme) preferiram bloquear-me. Felizmente que são lentos e demoraram 15 dias...

Estará a verdade nestas declarações de Jean Yanne? Poucos parecem acreditar nisso. a embaixada chinesa parece mesmo estar «amuada» com o facto e o agora tão popularizado «Le Canard Enchainé» dramatizou a situação com a seguinte notícia:

Sabe-se que a embaixada chinesa apresentou um vivo protesto contra o filme «Les Chinois à Paris».

Um dos grandes responsáveis deste incidente é, evidentemente, Marcel Dassault (o grande industrial francês da aviação) que financiou a obra de Jean Yanne.

Díz-se que, desde há alguns dias, as relações entre o milionário e o Quaid'Orsay são cada vez mais tensas. Quanto aos dirigentes de Pequim, a sua atitude é categórica: «fazíamos ideia de comprar Mirages; essa possibilidade está, agora, definitivamente excluída».

... as reacções

Na verdade, para além dos «actos-contra» que já atrás descrevi, muita gente está contra o filme.

O primeiro protesto veio exactamente da Embaixada da China Popular em Paris que, ao ver desfilar pela cidade «soldados vermelhos de um seu exército fantoche», considerou o facto «uma afronta» e, o que conseguiu saber do «guião» do filme, como um atentado à imagem da China, colocada no papel de «invasora». Dada a proximidade da viagem de Pompidou à China, o Ministério dos Negócios Estrangeiros «deu uma no cravo e outra na ferradura»: o filme não foi proibido, mas a filmagem de alguns exteriores previstos foi impedída de rodar.

— Eu sei que a China — declarou Jean Yanne ao jornal

APENAS DOIS CHINESES...

Para a rodagem do seu filme, Jean Yanne teve de movimentar um exército de 350 «chineses» (oh! as ilusões do Cinema!...). Contudo, filhos do «Império Celeste» havia apenas dois: um de Singapura e outro da Formosa. Os restantes eram estudantes laocianos e do Cambodja: quase se diria... «um exército universitário».

Mas não se ficaram por aqui os problemas que o contestado realizador teve de resolver. Assim, desmanchou as velhas «Galerias Lafayette», embandeirou e colocou retratos de Lenine e Mao nas principais artérias parisienses, esvaziou de trânsito os grandes «boulevards» e auto-estradas e precisou de mais de duas toneladas de «molho de tomate» para rodar a cena da briga no engarrafamento, onde «morrem» centenas e centenas de franceses...

Os argumentos dos panfletos

Para uma melhor apreciação dos leitores, quanto às razões reclamadas pelas alas marxistas-leninistas e maoístas, creio que a melhor forma será reproduzir uma síntese dos textos incluídos em dois dos panfletos largados dentro e fora do Rex.

Assim, o panfleto de «L'Humanité Rouge» — sob o título «Uma grave provocação anti-chinesa; um grave insulto contra o povo de França» — começava por dizer:

«Os chineses em Paris», anunciado há longa data por forte publicidade, foi estreado em 25 de Fevereiro. Financiou-o o explorador capitalista Marcel Dassault, um grande peão da indústria de armamento francesa, cujos laços com o Poder são de público conhecimento. A estreia do filme, autorizada apesar dos vivos protestos do Governo chinês, constitui uma grave provocação de política reaccionária.

Não é por acaso que o aparecimento deste filme é elogiado pelos dois maiores semanários ultrareaccionários: o «Jours de France» do próprio Dassault, e o «Paris-Match», do magnete da indústria têxtil, Prouvost.

Não é por acaso que este filme sai pouco depois do anti-chinês de Antonioni «A China», ou do filme pró-nazi «Lacombe Lucien».

O filme de Jean Yanne é uma pretensa comédia fundada na comparação ignóbil entre o exército nazi e o Exército Popular de Libertação chinês.

O texto inicia então várias considerações nas quais é atacada a França, os U. S. A. e a Rússia, exemplificando-se que, nos últimos 50 anos, jamais a China invadiu qualquer país, e, portanto, a aparição (?) nos «écrans», como nação expansionista, não passava de uma «manobra do imperialismo capitalista».

Em seguida, chama o facto de a França e o seu povo também serem deveras enxovalhados pelo «realizador ao serviço de Dassault».

Quase em conclusão, o panfleto afirma:

Desde já, os marxistas-leninistas de França chamam a atenção de todos os militantes, simpatizantes e amigos da China para uma demonstração CONCRETA de apoio ao povo chinês. Que se organize a explicação e denúncia deste filme contra-revolucionário de Yanne-Dassault. Que se organize o boicote do filme. Que se exija a sua interdição. Exigimos do Governo francês que faça cessar imediatamente estes ataques à República da China e responda positivamente ao pedido da sua embaixada em Paris.

Por sua vez, a organização «Amities Franco-Chinois» elaborou um texto com «tónicas» semelhantes, mas sob a forma de perguntas e respostas: Jean Yanne pode afirmar que não ataca a China logo que a apresenta como um exército de «robots»? Ou quando nos apresenta uma imagem desnaturada do socialismo? Que diferença entre o filme e a realidade! Que prova de racismo e de desprezo!

A Imprensa contra o filme

À parte as duas publicações já citadas, a Imprensa francesa de uma forma geral é contra o filme.

Jacques Siclier, no «Le Monde», escreve: Que monumento de menosprezo e baixeza moral, elevados à custa dos milhões; o filme é tanto mais pernicioso, quanto envereda por niilismos políticos e brinca com tudo o que há de mais simplista ou intrincado no bom senso francês.

Robert Chazal, no «France Soir», diz: O exagero da maior parte das cenas ultrapassa a ironia, para se transformar num insulto.

Louis Chauvet pergunta em «Le Figaro»: O instrumento cinematográfico usado livremente por Yanne não o levará longe de mais ou às franquezas da sua imaginação?

Finalmente, Henry Chapier no «Combat», comenta: Espectáculo ácido, colorido, exagerado, que rouba os sorrisos nos conceitos do seu estilo.

Resta acrescentar que a Imprensa francesa também é particularmente maltratada no «Les Chinois à Paris»...

II—PÁSCOAS SANGRENTAS

«Julgam que pacificaram a Irlanda... loucos, loucos, loucos!»
(Discurso de Patrick Pearse, em 1915.)

Num fim de tarde de Agosto 71, trinta homens armados ocupavam uma fábrica de pão, no centro de Belfast. Com a maior discrição os habitantes das casas vizinhas começaram a instalar barricadas e obstáculos em determinados pontos, sem dúvida segundo instruções previamente recebidas. Depois as crianças foram evacuadas para uma escola, enquanto os adultos se afastavam até uma certa distância, de onde podiam seguir o decurso dos acontecimentos sem perigo.

Quando as primeiras forças inglesas, enfim prevenidas, chegaram, depararam com o pequeno bairro católico transformado numa fortaleza, a quinhentos metros apenas da sede do município a I.R.A. tinha decidido travar a sua primeira «batalha» de posições com as tropas britânicas, dois anos depois da sua chegada ao Ulster.

O combate durou cinco horas e, utilizando forças e meios consideráveis, os soldados ingleses foram obrigados a bater-se por cada metro de terreno conquistado. Cinco horas durante as quais, armados de velhas metralhadoras Thomson e de carabinas 22 Long Rifle, os homens da I. R. A. sustentaram os violentos assaltos de forças numericamente muito superiores e dispondo de um material moderno e sofisticado. E às seis da manhã, recuando de barricada em barricada, incendiando obstáculos, desapareceram como tinham vindo, abandonando um morto e cinco prisioneiros.

Operação falhada, acto gratuito? De modo algum.

Em primeiro lugar, os «provisorios» da I. R. A. lançavam um sério aviso às autoridades inglesas, mostrando que podiam fazer mais que armar pequenas emboscadas e dinamitar bares: tratara-se de uma autêntica batalha, minuciosamente organizada, em terreno escolhido e no momento que lhe parecera mais oportuno. Um modo também de dizer ao ocupante: estamos em nossa casa, chegamos e partimos quando queremos, voltaremos quando for preciso.

Junto da população católica, a operação de Eliza Street teve um impacto considerável. A I. R. A. afirmava de novo, e de que modo épico, a sua presença e força, inflingindo ao adversário uma severa humilhação.

E a ninguém escapou a semelhança entre esse combate de 11 de Agosto de 1971 e um dos grandes momentos da guerra de libertação da Irlanda: 55 anos antes, Eamon de Valera, refugiado numa padaria de Dublin, tinha resistido uma noite inteira aos soldados ingleses à frente de um punhado de operários mal armados.

Na segunda-feira de Páscoa de 1916, umas centenas de irlandeses insurgiram-se em Dublin contra a tutela britânica, ocupando o edifício dos correios e as ruas adjacentes, sob o comando de Patrick Pearse, «presidente da República provisória da Irlanda». Inicialmente surpreendidos, os ingleses reagiram vigorosamente, bombardeando os insurrectos até a rendição do último reduto, no domingo seguinte. A violência dos combates e a brutal repressão que se seguiu — 17 chefes da rebelião fuzilados, dezenas de presos e deportados — fizeram com que essa semana ficasse na história da Irlanda como «a Páscoa Sangrenta».

Mas, para os irlandeses, «a Páscoa Sangrenta» marca sobretudo o nascimento da «Irish Republicain Army» e o começo de uma insurreição que conduziria à independência, e a predominância de duas figuras, De Valera e Connolly, comandando cada um o seu destacamento de voluntários, que viriam a dominar a vida política irlandesa e que desde então personificavam as duas tendências principais que até aos nossos dias persistiriam na I. R. A. De Valera, republicano nacionalista, essencialmente preocupado com a libertação e unificação da Irlanda; Connolly, socialista cristão empenhado na criação de uma democracia popular bastante utópica.

Com a re-edição do feito heroico de Eamon de Valera, os «provisórios» anunciavam «a cor», os seus intuitos e os processos de que se utilizariam. E durante dois anos sem interrupção, apesar dos boatos de tréguas e das prisões dos seus chefes, iria submeter as tropas britânicas á dura prova de guerrilha urbana.

Mas desde há um ano que a I. R. A. parece ter mudado a sua estratégia, lançando as suas operações de terrorismo na Grã-Bretanha e diminuindo consideravelmente a acção armada no Ulster. Pela necessidade de sensibilizar — e do modo mais percutante — os britânicos? «Dantes, o problema irlandês deixava indiferente a maioria dos ingleses. Hoje, podem detestar os nossos métodos, odiar-nos, mas não nos ignoram e exercem pressões para que o governo actue eficazmente», diz um responsável da I. R. A. «provisória», com uma boa parte de razão.

«Os atentados de Londres constituem a prova da ineficácia real dos «povos», replica a ala «oficial«» fazendo notar que a grande explosão dos católicos não se produziu e que, ao contrário, os processos utilizados e a ausência de programa político conduzem a uma progressiva desmobilização das massas.

Reconhecimento de um fracasso, dificuldades de uma implantação conseguida sobretudo graças às ameaças e ao terror, são os motivos avançados pelos ingleses. Que salientam também os resultados positivos obtidos por Londres, graças a medidas políticas ou sociais a favor da minoria católica.

Há uma parte de verdade em todos esses argumentos, sem dúvida. E certo que a guerrilha urbana da I. R. A. tem também consequências graves para aqueles que pretende representar ou defender e que uma certa fadiga da população católica se começou a fazer sentir. Por outro lado, o desgaste provocado por esse tipo de combate não se verifica apenas num dos bordos, tendo nos últimos anos a I. R. A um número de baixas muito mais elevado do que os britânicos, que controlam cada vez melhor a situação, sob o aspecto militar. Ao ponto do mesmo responsável da ala provisória reconhecer que se tornou dificilimo preparar emboscadas, sem o risco de perder elevado número de homens.

Efeitos da explosão de uma bomba no centro de Belfast

Há também as sucessivas descobertas de esconderijos de armas, o isolamento dos bairros católicos, uma vigilância eficaz dos acessos às cidades criando graves problemas logísticos. Se certos explosivos são relativamente fáceis de obter, se a confecção artesanal da maioria das bombas não põe problemas de maior, outro tanto não sucede com as armas de fogo.

A este respeito, o das armas da I. R. A. e dos seus fornecedores correm aliás imensos boatos e hipóteses, de carácter geralmente sensacionalista e difícil de controlar. Desde as bazookas russas até aos lança-mísseis portáteis fornecidos pelo Kadhaffi, passando pelas inevitáveis metralhadoras checoslovacas.

Quanto ao suposto auxílio líbio, não há provas concretas e pensa-se que na melhor das hipóteses consiste em dinheiro. Metralhadoras checas, houve algumas apreendidas pelos britânicos, mas apesar de tudo em quantidades insuficientemente significativas. Houve também a história das bazookas soviéticas RPG-7, que teriam sido utilizadas em certos ataques contra postos militares da fronteira — mas vê-se mal a União Soviética a fornecer directamente material a um movimento que deve considerar como ultra-esquerdista...

Não é no entanto de estranhar que os elementos da I. R. A. que actuam ao longo da fronteira entre as duas Irlandas, ou perto de cidades como Newry, onde gozam de maior liberdade de acção, disponham de um material mais moderno. O que parece ser um facto é que, tanto em Belfast como em Londonderry, o seu armamento é tão díspare quanto pouco sofisticado e muitas vezes vetusto. Tal é a impressão com que se fica ao ouvir os católicos, confirmada pelos correspondentes permanentes no Ulster, que viram ou ouviram falar sobretudo das metralhadoras Thomson, de carabinas 22 Long, da espingarda M-1 do exército britânico e de caçadeiras. «Os **provos** aproveitam tudo o que tem um cano e pode disparar», dizia um oficial inglês, dando assim uma ideia do modo como a I. R. A. se arma.

E um pouco como a origem dos fundos que alimentam as suas actividades: não faltam as acusações a certas potências ou líderes estrangeiros, como é o caso de Kadhaffi nos últimos tempos. Numa organização onde abundam tendências e subtendências, da extrema direita à extrema esquerda, dos nacionalismos aos esquerdismos, em que estão representadas todas as ortodoxias, cismas e desvios regoluciónários, os contactos internacionais e as simpatias podem ser multiplas e é possível que haja apoios concretos. Mas não há dúvida de que hoje ainda a principal fonte de receitas da I. R. A. se encontra nos Estados Unidos, na importante colónia irlandesa que, sabendo

Um espectáculo corrente num país em constante sofrimento: um soldado dispara e um transeunte escapa por pouco ao fogo da arma

Reportagem de JOSÉ GABRIEL VIEGAS, nosso enviado especial

OS SOLDADOS DA NOITE

ou não do destino dos seus obulos, alimenta, como desde os primeiros tempos, as caixas da causa da Irlanda livre e unificada.

Que essas diversas dificuldades tenham conduzido a I. R. A. a transpor a luta para outro terreno, parece plausível. Mas isso não significa que não possa voltar, de um momento para o outro, a um tipo de acção mais conforme com as suas tradições.

Segundo me disseram, a Brigada de Belfast continua de pé, apesar das sucessivas prisões do seu comando. E certos sectores, perfeitamente organizados, há muito que não intervêm em operações sendo mantidos de certo modo em reserva, até ao momento em que de novo devam entrar em luta aberta.

Organizada em moldes militares, com uma hierarquia inspirada na dos exércitos regulares, a I. R. A. possui no entanto um extraordinário sentido da clandestinidade e uma notável capacidade de renovação dos seus quadros. Um responsável preso ou localizado perde automaticamente o seu posto e patente tornando-se, se recupera a liberdade, num simples militante, um simples «soldado» para empregar a sua terminologia.

Sendo sua principal fraqueza política, a multiplicidade e diversidade dos grupos, facções e tendências que a formam, constitui igualmente a sua grande força face à acção repressiva, que nunca consegue atingir mais que pequenos nucleos compartimentados.

De certo modo, a I. R. A. realiza o sonho de todas as organizações clandestinas. Mas a I. R. A. é o fruto de uma longa história em que as contradicões e os non-sense abundam. E o esquema — se esquema há — não é transmissível. Tal como os outros esquemas não lhe servem — nem sequer como referências para a tentar compreender.

É inacreditável: numa das ruas centrais de Londonderrey soldados do I.R.A. controlam o tráfego...

Quando menos se espera um soldado cai varado pelas balas perdidas

Se se efectuasse um inquérito junto dos católicos do Ulster, muito provavelmente se manifestaria uma maioria reprovando ou mesmo condenando a I.R.A. e os métodos actualmente utilizados. O que não impediria a mesma maioria de declarar a sua simpatia, simpatia que hoje se traduz em actos bem concretos.

Contradição que nada tem de estranho. Se uma boa parte dos católicos considera que os métodos da I.R.A. não conduzirão a nada, que não farão senão aumentar a repressão e adiar uma eventual solução do conflito, a verdade é que raros são os que não se reconhecem numa das organizações que tem ou teve esse nome. Porque a I.R.A. se inscreve na tradição heróico-histórica irlandesa da luta contra o invasor. Porque, apesar de todos os juizos de valor, a I.R.A. continua a aparecer como o último recurso, o último defensor — e mesmo para os sectores ditos «moderados», como o Partido zsocial Democrata Católico, partidário de uma solução negociada por etapas.

As exigências da informação, a necessidade do resumo, levam por vezes a uma simplificação um pouco abusiva. Não só no caso da Irlanda do Norte, como em relação a outras situações de conflito, quer se trate do Médio Oriente ou da península Indochinesa, tem-se tendência a aplicar o mesmo esquema: extremistas dos dois bordos que recusam qualquer concessão e pelo meio os eternos «moderados», graças aos quais todas as esperanças são possíveis. A partir daí a solução parece fácil, desde que se neutralizem esses extremistas que por definição devem ser minoritários e portanto isoláveis. E atribui-se grande importância às iniciativas dos grupos ou partidos considerados «moderados», ao mesmo tempo que se vigia e analisa atentamente todas as manifestações dos «extremistas», na esperança de descobrir indícios de uma nova propensão à moderação.

Assim, um grande quotidiano parisiense concluia recentemente, da entrada de novos deputados católicos do Partido Social Democrata no parlamento do Ulster, e de uma acalmia dos atentados da I.R.A. «provisória», que esta última organização abordara uma nova fase da sua luta, que estaria disposta a transferir para o plano político depois de ter verificado os efeitos negativos do combate armado. No mesmo dia, a mesma I.R.A. «provisória» assinava o mais importante atentado até então perpétuado na irlanda, destruindo todo um quarteirão numa cidade do condado de Tyrene.

Se em geral o esquema é errado, a situação a que menos se aplica é certamente a da Irlanda do Norte. Pelo grande número de movimentos e grupos em presença e, sobretudo, pela complexidade interna desses movimentos e grupos, divididos em facções e tendências, no entanto profundamente imbricadas umas nas outras.

«...as crianças foram evacuadas para uma escola...»

Sabe-se que, do lado católico, há sobretudo a I.R.A., dividida em duas facções «oficial» e «provisória» Os «oficiais», representados legalmente no Sul pelo movimento do Sinn Fein, são de tendência marxista, socialistas ou trotskistas, e favoráveis a uma luta essencialmente política, unitária não só no sentido geográfico como de uma colaboração entre trabalhadores católicos e protestantes, do Norte e do Sul, que deve conduzir a uma Irlanda unida e socialista. Os «provisórios», que provocaram a secessão do movimento em 1969, são frequentemente republicanos tradicionalistas, partidários da guerrilha urbana e da acção terrorista quando necessário, tendo como único programa político a reunificação e a expulsão dos ingleses e seus aliados, isto é, de «todos aqueles que não se queiram considerar irlandeses como os outros».

Formalmente, as coisas são assim. Na realidade, para boa parte dos católicos do Norte existe apenas uma I.R.A., que segundo os casos e as situações pode ser controlada por uns ou por outros. Uma I.R.A. que pode ser considerada anacrónica, pouco eficaz ou mesmo perigosa — mas que goza sempre do prestígio do seu passado. E que é essencialmente considerada como um instrumento de auto defesa, muito mais do que como uma organização política revolucionária.

Daí o rápido sucesso dos «provisórios», supostos hoje representarem oitenta por cento dos membros da organização. E a diminuição da influência dos «oficiais», reduzidos a um papel secundário, devido ao grave erro estratégico cometido em 1969: terem-se esquecido de que, para os habitantes dos «ghettos», eles eram antes de mais um grupo de auto defesa

A I.R.A. tinha conseguido entrar no movimento dos direitos cívicos de Bernadette Devlin, aparecendo como uma força protectora e tranquilizante com todo o seu passado heróico. Ao mesmo tempo, fiel à orientação optada em 1962, começou a estabelecer contactos com os operários protestantes, cuja condição social não é muito melhor do que a dos católicos. Enfim, depois do fracasso da campanha armada de 56 a 62, a I.R.A. punha um pé firme no Norte e, sobretudo, via esboçar-se pela primeira vez a unidade dos trabalhadores do Sul e do Norte, fase imprescindível para a construção de uma Irlanda socialista.

Para isso, tinha que abandonar o seu carácter de força armada, que aos novos interlocutores aparecia como força de agressão. O que fez, mas esquecendo que sob muitos aspectos a situação no Ulster é uma situação colonial, que as relações dos «loyalists» com a metrópole são marcadas pela desconfiança e pelo modo do abandono e que como sempre nessas condições tudo o que se assemelhasse a concessões da parte da Inglaterra podia provocar reacções violentas. Deu-se então a explosão protestante do Verão de 1969, a irrupção dos activistas armados nos bairros católicos. Para os conter, não havia combatentes do exército republicano, mas apenas políticos desarmados.

Devido a esse erro de apreciação, a I.R.A. ficou completamente desacreditada no Norte, enquanto que no Sul os nacionalistas, os tradicionalistas afastados ou relegados para segundo plano pela corrente marxista punham em causa a direcção do Sinn Fein e o estado-maior da I.R.A. Como a direcção oficial se tinha revelado incapaz de defender os católicos do Norte, eles iam-na substituir provisoriamente. Daí a designação de «provisórios» e uma divisão que nem sempre aparece claramente embora entretanto a ruptura entre as duas facções tenha sido consumada.

Ao mesmo tempo que a I.R.A. cometia o seu segundo grande erro estratégico — depois do fracasso da campanha de ataques à fronteira, de 56 a 62 — a Inglaterra deixava escapar a ocasião de criar as condições de uma solução do problema do Ulster. Manifestando uma extraordinária indulgência para com os activitas protestantes e suas exacções, enquanto dava provas do maior rigor aos católicos e seus representantes, o Governo britânico iria lançar toda uma comunidade no desespero.

No Verão de 69, os soldados ingleses foram acolhidos pelos católicos como protectores. Recebidos com «chá e simpatia», segundo a fórmula adoptada na época...

... Meses mais tarde eram insultados e apedrejados, enquanto que os atiradores da I.R.A. reapareciam nos telhados.

Uma nova I.R.A., a dos combatentes do nacionalismo irlandês, mas onde se reconheciam igualmente jovens das mais diversas tendências políticas. Uma velha I.R.A. também, a dos voluntários de Pearse e do exército dos cidadãos de Connolly, que encabeçaram uma rebelião contra a Inglaterra, sabendo perfeitamente que seriam esmagados.

Fénix renascia das cinzas e o Ulster entrava na fase mais dura da sua história.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20 LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

Relação de 20 obrigações Antiga Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães 4 1/2 % — 1905. 2.ª Emissão, retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1973, com os seguintes números:

11 425	11 502	11 503	11 547
11 548	11 556	11 580	11 582
11 583	11 593	11 721	11 722
11 723	11 724	11 725	11 858
11 859	11 860	11 872	11 958

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

AMORTECEDORES

Reparo e reconstruo todas as marcas c/ garantia. Mendes — R. Capitão Ramires, 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS

COTAL

SERVIÇO OFICIAL

TOYOTA

Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A
Telefs. 683131/2/3
Telefs. 631057/8

MERCEDES
BMW
ROVER
VOLVO
MARCAS DA G.M.

TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE

DAMOS ORÇAMENTOS PRÉVIOS

UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA

SERVIÇO INDEPENDENTE

O ENSINO PARTICULAR NO CANADÁ

Em geral, o Canadá, (Québec) organiza-se para a luta pelo progresso, na certeza de que nada pode exigir-se numa sociedade moderna se a escola, como elemento basilar não desempenhar completamente a sua função de preparação para todos os exercícios profissionais Nesta ordem de ideias, dá o maior apoio ao ensino particular, na certeza de que ele pode render tanto como o oficial, sobrecarregando menos o Estado e dando uma cobertura que seria impossível esperar apenas das escolas oficiais, dado que dificilmente o Estado abrangeria, em curto prazo, toda uma programação de rápida execução

POR
LUÍS DE CARVALHO E OLIVEIRA

O ensino particular desempenha, no Canadá, funções importantes a todos os níveis desde as escolas para crianças inadaptadas, ao ensino pre-escolar, às Universidades.

De tamanho interesse se reconheceu tal ensino que, de uma maneira geral, lhe foi atribuída uma subvenção por forma a fomentá-lo e desenvolvê-lo.

Diz a lei: «o Ministro pode, depois de ter obtido parecer da respectiva comissão, declarar de interesse público uma instituição que, segundo os critérios regulamentares, assegure serviços de qualidade e contribua para o desenvolvimento do ensino no Quebec, em função das características do ensino ministrado, da competência do seu pessoal e dos métodos pedagógicos utilizados».

Uma instituição declarada de interesse público recebe por cada ano escolar e por cada aluno inscrito para frequência de tempo pleno, em 30 de Setembro, uma subvenção igual a 80 por cento do custo médio por aluno, calculado este custo pelo ano escolar precedente, segundo os estabelecimentos públicos da mesma categoria e as normas em vigor para a aprovação de orçamentos de tais estabelecimentos.

E, porque o objectivo fundamental não é o de criar fonte de lucros para os empresários do ensino particular, mas sim realizar condições para uma rápida elevação do nível da população, proporcionando-lhe a escolaridade indispensável, a atribuição desta subvenção é condicionada à não exigência, por parte das escolas, aos seus alunos, de pagamentos de escolaridade ou encargos superiores à diferença entre a subvenção e o custo médio mencionado, acrescido de 10 por cento deste mesmo custo médio.

O auxílio dado, assim, ao ensino particular, sendo importante para o progresso da escolaridade do país, não pode, todavia, constituir meio de enriquecimento por parte daqueles que se interpõem entre o Estado e os que precisam de frequentar as escolas.

Ainda que não declarada de interesse público, nem por isso qualquer instituição de ensino deixa de merecer a atenção do Estado, que a subvencionará, uma vez obtido parecer favorável da respectiva comissão escolar. Fundamental é que satisfaça às exigências dos regulamentos próprios. A subvenção, neste caso, será apenas de 60 por cento, segundo o cálculo dos estabelecimentos declarados de interesse público e com subordinação à mesma condição, relativamente ao preenchimento da diferença entre a subvenção e o custo médio por aluno, nos estabelecimentos públicos da mesma categoria, no ano escolar anterior.

Extraordinário é ainda que até as instituições escolares com a alvará para o ensino de cultura pessoal, possam ter a mesma subvenção de 60 por cento.

Relativamente aos estabelecimentos para inadaptados, a qualquer dos níveis, pré-escolar, elementar, secundário ou superior, a subvenção não está determinada em lei, mas poderá ser e tem sido objecto de uma medida regulamentar utilizável segundo o parecer favorável da comissão escolar.

As disposições legais de protecção aos alunos, com o objectivo de impedir que sejam obrigados a pagamentos de cursos que não puderam seguir, são também de realçar, assim como as medidas de protecção aos estabelecimentos no caso de matrículas feitas e de seguimento parcial dos respectivos cursos.

Quanto à primeira situação, está legislado que todo aquele que efectuar uma matrícula em qualquer escola por carta registada até 10 dias da data da matrícula se, nesses dez dias não começou efectivamente a frequentar o curso no qual se tinha matriculado e ainda que qualquer aluno que tenha apenas seguido uma parte do curso em que efectuou a matrícula possa efectuar apenas o pagamento dessa parte, na proporção do preço correspondente ao curso inteiro. Neste caso, no entanto, a escola pode exigir uma indemnização que não exceda 50 por cento do preço convencionado para o curso completo, mas por tal forma que a quantia já paga e estes 50 por cento não excedam o preço total do curso.

Se o aluno, não tendo efectuado o aviso nos 10 dias seguintes à matrícula, desistiu sem que tenha chegado a receber qualquer lição, não será obrigado a pagar indemnização que vá além de 10 por cento do total do preço do curso completo.

O pagamento dos professores, dividido em duodécimos vai de 3450 dólares a 12 775 anuais com um aumento de 200 a 265 dólares por ano.

Os vencimentos anuais de 8400 a 12 775 dólares, correspondem ao ensino para o qual é exigido doutoramento do professor e um mínimo de 20 anos de escolaridade.

Os países que reconhecem ser a escola a base fundamental do seu progresso procuram que o ensino se faça por todos e quaisquer meios, oficiais ou particulares, a todos incentivando.

Uma vista da Avenida da Universidade em Toronto, uma das principais artérias da capital do Ontário

AS RUAS DA AMARGURA VÃO TER PRÉDIOS

DUAS TORRES PARA A PRIMEIRA FASE DE REALOJAMENTO DOS HABITANTES DE VALE ESCURO

Reportagem de JOAQUIM FURTADO

A resolução do problema do alojamento depende, antes de mais, da estruturação de uma política à escala nacional (1).

Quem conheça bem a cidade, quem sobretudo conheça este aspecto lastimoso da habitação e da sua capacidade, não pode deixar de surpreender-se, pelo menos surpreender-se — quando se ouve comentar que a questão não se resolve por via directa, mas, sim, pelo tratamento das causas (...) (2)

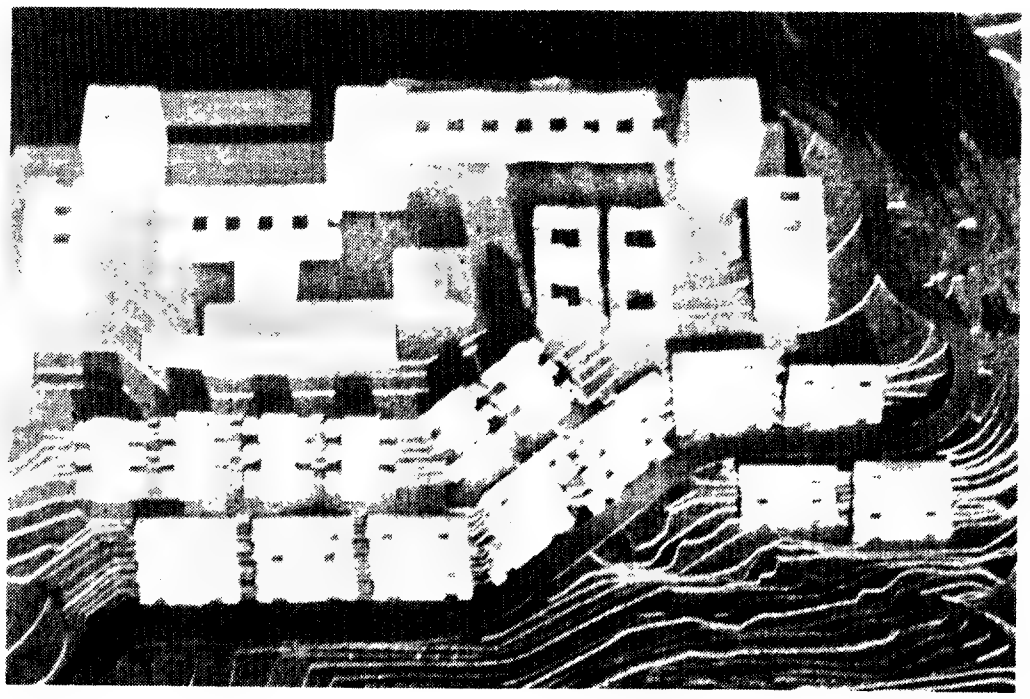
Realizou-se recentemente (25/Jan), na E. P. U. L., a abertura das propostas para a construção de duas torres na zona do Vale Escuro ao Alto de S. João , destinadas a realojar os habitantes do bairro de barracas ali existente.

Trata-se da 1.ª fase do Plano de Urbanização de que foi encarregado o Gabinete Técnico de Habitação da C. M. L. e que integrará mais 4 torres e várias moradias, com vista ao alojamento de 638 famílias. Estas duas torres iniciais deverão estar construídas dentro de 2 anos e comportarão 11 pisos habitáveis com capacidade para 132 fogos.(3) Por outro lado e no que respeita à Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, trata-se do seu primeiro empreendimento no campo da habitação social.

Sobre este projecto do G. T. H., um dos elementos da equipa por ele responsável afirmou ao «Diário de Lisboa»: **As populações de mais fracos níveis económicos escolhe, para fixação, os locais da cidade onde encontram fontes de trabalho e possibilidade de utilização de equipamentos. É, digamos, a usufruição da cidade e corresponde a um assumir muito consciente, por parte das populações, do seu estatuto de cidadãos.** E acrescentou: **A remoção dessas populações para bairros periféricos, corresponde a um agravamento da sua condição de marginais e sobretudo da sua condição de marginalidade social porque lhes retira o uso de cidade e marginalidade económica porque os obriga a gastar mais, nomeadamente nos transportes. Daí a necessidade de realojar no local, a população que lá habita.**

Integração do Vale na vida da cidade

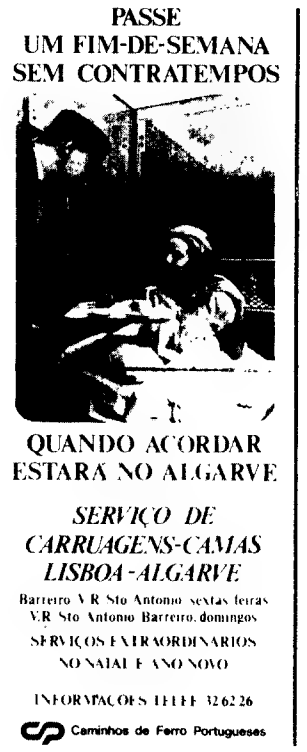
Abordando a questão sob o ponto de vista técnico, aplicando-a à circunstância concreta do Vale Escuro, o nosso entrevistado deu algumas justificações: **No campo técnico e no caso do Vale Escuro, um dos objectivos do nosso Plano correspondeu a alcançar altas densidades habitacionais uma ocupação intensiva do solo, sem prejuízo da instalação de equipamento social e à criação de dispositivos que facilitem a integração plena da vida da cidade na zona do Vale, retirando toda a possibilidade de o mesmo poder assumir a condição de «guetto» que, embora dispondo dos equipamentos necessários continuaria, ainda assim, isolado do conjunto da vida da cidade.** E a concluir: **Admite-se, no sentido desse aproveitamento, que haja uma grande profusão de espaços comunitários servindo o equipamento social necessário à zona.**



Conjunto do plano do Vale Escuro, mostrando os diversos tipos de edifícios de habitação e do equipamento integrado

Consultando o Plano de Urbanização do Vale Escuro-Alto da Eira, encontramos a justificação para que o mesmo tenha sido iniciado com a construção das 2 torres referidas: **As primeiras edificações a construir, do Plano, seriam as casas-pátio (moradias), mas «a necessidade de, o mais rapidamente possível, iniciar o realojamento da população vivendo em condições precárias no Vale Escuro, levou a escolher, dentro do conjunto de edifícios previstos no Plano de Urbanização apresentado em Agosto de 1971, aqueles cujas construções permitissem, num curto espaço de tempo e sem implicar a execução de grandes obras de infra-estruturas, expropriações ou demolições, alojar o maior número possível de famílias de forma a conseguir iniciar uma acção que elimine progressivamente as barracas existentes. Desta forma foi escolhida como prioritária, a construção das duas torres (...) do conjunto.**

Está assim a ganhar corpo a promessa do eng.º Santos e Castro que, como presidente da Câmara, garantiu aos habitantes do Vale Escuro o seu realojamento na zona que habitam.



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria e Perfumaria Splash», Rua Bernardo Francisco da Costa, 24-C AL-MADA

AS RUAS DA AMARGURA VÃO TER PRÉDIOS

Reportagem de **JOAQUIM FURTADO**

A resolução do problema do alojamento depende, antes de mais, da estruturação de uma política à escala nacional (1).

Quem conheça bem a cidade, quem sobretudo conheça este aspecto lastimoso da habitação e da sua capacidade, não pode deixar de surpreender-se, pelo menos surpreender-se quando se ouve comentar que a questão não se resolve por via directa, mas, sim, pelo tratamento das causas (...) (2)

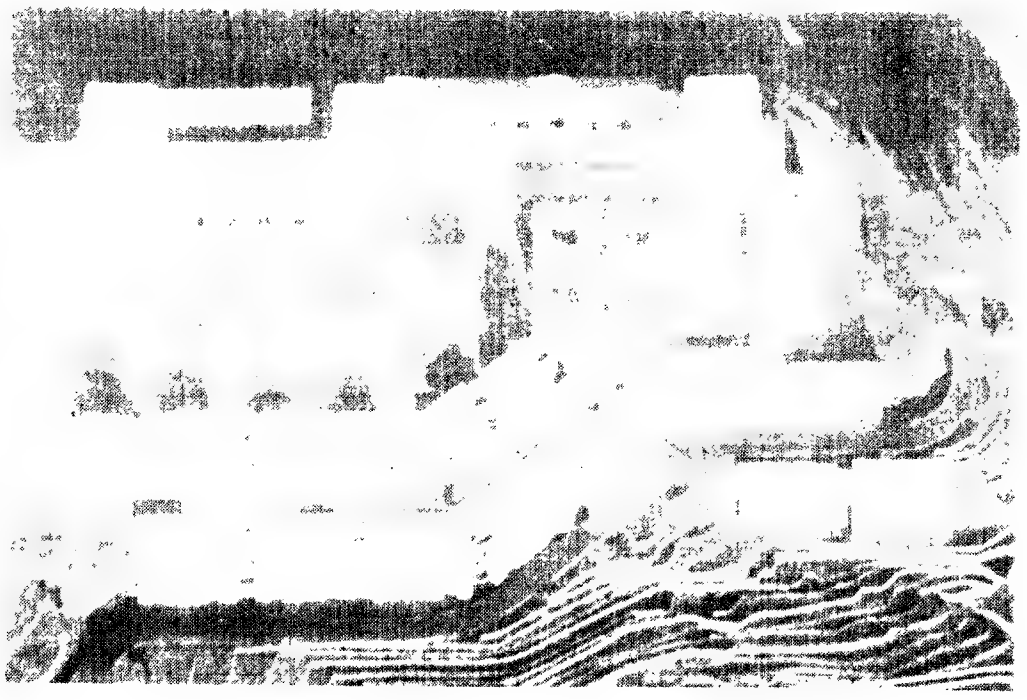
Realizou-se recentemente (25/Jan), na E P U L, a abertura das propostas para a construção de duas torres na zona do Vale Escuro ao Alto de S João destinadas a realojar os habitantes do bairro de barracas ali existente.

Tratava-se da 1ª fase do Plano de Urbanização de que foi encarregado o Gabinete Técnico de Habitação da C M L e que [illegible] duas torres [illegible] 638 [illegible] duas [illegible] 2 [illegible] pela Empre- [illegible] Diário de Lisboa»

As populações de mais fracos níveis económicos escolhe, para fixação, os locais da cidade onde encontram fontes de trabalho e possibilidade de utilização de equipamentos. É, digamos, a usufruição da cidade e corresponde a um assumir muito consciente, por parte das populações, do seu estatuto de cidadãos E acrescentou A remoção dessas populações para bairros periféricos, corresponde a um agravamento da sua condição de marginais e sobretudo da sua condição de marginalidade social porque lhes retira o uso de cidade e marginalidade económica porque os obriga a gastar mais, nomeadamente nos transportes. Daí a necessidade de realojar no local, a população que lá habita

Integração do Vale na vida da cidade

Abordando a questão sob o porto de vista técnico, aplicando a circunstância concreta do Vale Escuro o nosso entrevistado deu algumas justificações **No campo técnico e no caso do Vale Escuro, um dos objectivos do nosso Plano correspondeu a alcançar altas densidades habitacionais uma ocupação intensiva do solo, sem prejuízo da instalação de equipamento social e à criação de dispositivos que facilitem a integração plena da vida da cidade na zona do Vale, retirando toda a possibilidade de o mesmo poder assumir a condição de «guetto» que, embora dispondo dos equipamentos necessários continuaria ainda assim, isolado do conjunto da vida da cidade E a concluir Admite-se, no sentido desse aproveitamento, que haja uma grande profusão de espaços comunitários servindo o equipamento social necessário à zona.**



Conjunto do plano do Vale Escuro, mostrando os diversos tipos de edifícios de habitação e do equipamento integrado

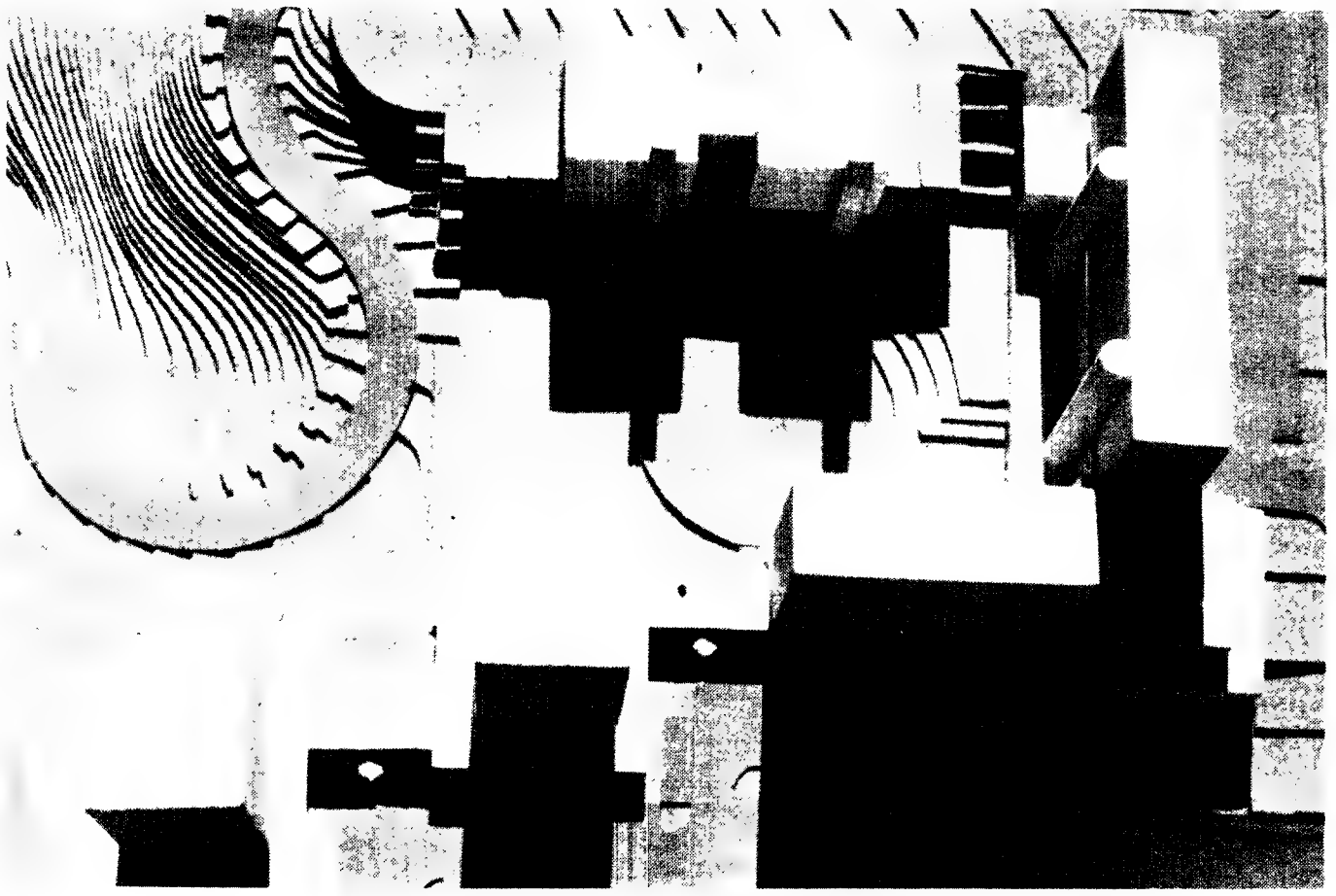
Consultando o Plano de Urbanização do Vale Escuro Alto de Eira, encontramos a justificação para que o mesmo tenha sido orientado com [illegible] Relativamente [illegible] **As primeiras edificações a construir, do Plano serão as casas-pátio (moradias), mas a necessidade de, o mais rapidamente possível, iniciar o realojamento da população vivendo em condições precárias no Vale Escuro, levou a escolher dentro do conjunto de edifícios previstos no Plano de Urbanização apresentado em Agosto de 1971, aqueles cujas construções permitissem num curto espaço de tempo e sem implicar a execução de grandes obras de infra-estruturas, expropriações ou demolições, alojar o maior número possível de famílias de forma a conseguir iniciar uma acção que elimine progressivamente as barracas existentes. Desta forma foi escolhida como prioritária, a construção das duas torres (..) do conjunto**

Está [illegible] garantir [illegible] corpo [illegible] presença [illegible] engo Santos [illegible] Castro que, como presidente da Câmara garantiu [illegible] barracas [illegible] do Vale Escuro [illegible] o seu realojamento [illegible] na própria [illegible]

PASSE
FIM-DE-SEMANA
SEM CONTRA-INDICAÇÕES

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria e Perfumaria Splash», Rua Bernardo Francisco da Costa, 24-C Al. MADA

AS RUAS DA AMARGURA VÃO TER PREDIOS



Conjunto das duas torres integradas na praça, junto à avenida General Roçadas

O PROCESSO VALE ESCURO

A Câmara pode dizer que «congelou» praticamente o problema das barracas (...). **Nova fase de disciplina entrará em vigor no princípio do próximo ano** (...). **Não será possível, a partir de uma data que vai surgir naturalmente, tentar-se sequer a construção de mais uma barraca na cidade** (...). **Basta à minha consciência, a certeza de se estar no caminho de reduzi-las** (as barracas) **às centenas em cada ano** (...).

Eng.º Santos e Castro. Reunião pública do Município, de 17/12/70.

Como nasceu a necessidade do Plano de Urbanização do Vale Escuro — Alto da Eira? **Perante o conhecimento da acção de desalojamento que a CML queria levar a cabo na zona do Vale Escuro, em resposta ao plano de eliminação sistemática dos bairros de barracas na cidade de Lisboa, a população visada reagiu organizando-se e recusando aquela acção** (...)

Estas são as linhas gerais do caso. Mas de que modo se avolumaram as folhas de um processo que, embora a caminho da sua concretização definitiva, se estende já por cerca de 4 anos?

Eis alguns dos seus mais importantes pontos:

— Em 5 de Março de 1970 a Paróquia de Arroios promoveu um colóquio sobre «A consciência cristã e o direito à habitação», onde o arquitecto Nuno Portas afirmaria: **É discutindo e estudando que nós nos inteiramos dos problemas. O nosso objectivo neste colóquio não é resolver nada: fundamentalmente é conhecer o problema. E depois, então, ver-se o que se pode fazer, de que maneira se poderá actuar** (...).

Chamamos para aqui esta referência, porque — conforme testemunhava a Imprensa — **foi de resto na sequência de um apelo lançado na Igreja em favor das famílias desalojadas do Vale Escuro que uma centena de pessoas acorreu a participar no colóquio. (5)**

Em 20 de Abril do mesmo ano uma Comissão de habitantes do Vale Escuro dirigiu ao presidente do Município (então já o eng.º Santos e Castro), uma exposição onde sublinhavam que **tendo sido avisados pelo fiscal da Câmara, sr. Igrejas, de que a Câmara tenciona transferir-nos daqui em breve,** pediam que fossem tomados em consideração alguns pontos, nomeadamente **que os habitantes deste bairro trabalham nas proximidades, havendo até pessoas que vão a pé para o trabalho; que há aqui muitas escolas primárias** (...) **havendo ainda um Centro Social com creche e classe infantil e cursos nocturnos para adultos; que há pessoas que aqui viveram a sua vida inteira, porque aqui nasceram, algumas há 50 anos** (...). Chamando a atenção para estes e outros pontos, os habitantes juntavam o pedido de **que fossemos realojados dentro desta zona, mesmo pagando uma renda, desde que esteja ao nosso alcance.** E terminavam dizendo saber **que o sr. presidente realmente está interessado em acabar com os bairros de lata, portanto esperamos que se interesse pelo nosso caso.**

— Em 12 de Junho do mesmo ano, o Grupo de Promoção do Vale Escuro enviou ao presidente do Município um aditamento ao documento anterior, onde afirma que **os habitantes** (...) **souberam que, muito brevemente, as barracas que ocupam seriam demolidas para dar lugar a prédios e à futura Av. Coronel Eduardo Galhardo.** Esclarecendo alguns pontos que, segundo a população, o realojamento deveria ter presentes, o Grupo de Promoção volta a reafirmar a necessidade de o mesmo alojamento ser feito no Vale Escuro, ou então Olivais, Encarnação, Chelas em **virtude de os transportes serem directos na sua maioria e portanto tornarem-se mais baratos.** Este aditamento inclui ainda um ponto em que **o Grupo de Promoção se propõe servir de intermediário entre os Serviços Camarários e a população.**

Em 16 de Junho, também de 1970, a Imprensa (6) informa que o presidente da Câmara recebera uma Comissão de habitantes, à qual declarou serem **falsas as notícias referentes a qualquer evacuação próxima das famílias residentes no Vale, embora esteja prevista, no local das actuais barracas. a construção de grandes blocos habitacionais.** Declarou ainda o eng.º Santos e Castro que **na nova zona habitacional a Câmara procurará alojar o maior número possível dos actuais moradores, os quais trabalham, na sua maioria, em fábricas da zona oriental da cidade.** Deste modo a **Câmara Municipal mandou voltar ao Gabinete Técnico de Habitação, o anterior projecto de Urbanização do Vale Escuro, a fim de estudar a sua revisão, em ordem ao alojamento daquelas famílias, próximo dos locais de trabalho e dos estabelecimentos de ensino de que a zona dispõe (7).**

— Em 24 do mesmo mês, uma ordem elaborada pelo Serviço de Realojamento do Gabinete Técnico de Habitação, estabelece que **tendo já começado as obras de construção de uma torre e do prolongamento das ruas de acesso ao Vale Escuro — Av. Mouzinho de Albuquerque e Rua Coronel Eduardo Galhardo — e existindo no local algumas barracas que impedem o trabalho em curso, propomos** (...) **o realojamento de 40 famílias, 30 que impedem a construção da torre e 10 das ruas de acesso.** As famílias em causa ficaram deste modo distribuídas: 2 na Quinta da Calçada; 3 em Chelas; 3 no Bairro das Furnas; 8 no Bairro Padre Cruz; 8 na Musgueira; 4 no Bairro da Boavista; 1 em habitação património da Câmara e 1 no Bairro do Grilo.

Estes 40 agregados familiares ficaram assim dispersos pelos mais variados locais, situados às mais variadas distâncias do Vale Escuro, o que o Serviço de Realojamento justifica nos seguintes termos: **No realojamento das famílias** (...) **procurou-se alojar os agregados nos locais que pediram ou nos locais mais próximos ou de fácil acesso ao trabalho, do chefe do agregado familiar. Nem sempre se pôde satisfazer estes requesitos ou por falta de casas vagas perto desses locais, ou por a receita do agregado não poder comportar a renda da habitação pre-sumível, ou ainda pelo grau de formação do agregado, não permitir o seu realojamento em bairros definitivos.**

— Em 14 de Janeiro de 1972, a Imprensa (8), dava conta da **inesperada demolição de algumas barracas ocupadas por pessoas isoladas e também da urgência com que se exigiu a destruição de todos os anexos das barracas do Vale.**

Nova exposição ao presidente do Município (em 8 de Fev.), nestes termos: **Desde o último Natal, como é do conhecimento de V.Ex.ª, que agentes da Polícia Municipal têm intimidado pessoalmente, um a um os habitantes deste bairro a demolir telheiros, alpendres e vedações de protecção de barracas, e intimado as pessoas sós a demolir as suas barracas** (...). A reclamação é acompanhada de notas sobre a situação de algumas pessoas que viviam sozinhas e termina com o pedido de **que não fosse tornada mais difícil uma vida que já de si não é agradável.**

— Perante a estupefacção de quem acompanhara o caso, a Imprensa publicou algumas notícias na tentativa de esclarecer as contraditórias alegações que vinham a lume. Assim o «Diário de Lisboa» de 6 de Janeiro, divulgava já, algumas declarações do major Saldanha, Comandante da Polícia Municipal, onde afirmava que **a acção deste comando, em relação às barracas do Vale Escuro** (...) **não infringe os projectos urbanísticos da Câmara Municipal, para realojar os habitantes daquele bairro. Não procedi à demolição prematura de barracas ou anexos com aquele projecto em mente, para isso tenho que aguardar directivas camarárias. Limitei-me a dar seguimento a uma actividade de «controlo» que desde há tempos vem sendo adoptada, tendente a não permitir a deterioração das condições, já de si más, nos bairros daquele género, existentes em Lisboa.**

Quanto às intimidações de demolição, o comandante Saldanha esclarecia nestes termos: **Nos últimos dias do ano findo, intimámos vários residentes daquele bairro para que demolissem certos anexos dentro de um prazo razoável** (...). **Nada mais. É importante portanto, não relacionar essas medidas com os projectos camarários de urbanização e realojamento do Vale Escuro** (...).

DEITO O OLHO À VIDA E DIGO: OS TRANSPORTES SÃO OUTRA RENDA

O Vale Escuro é um bairro de barracas. Fica situado junto ao Alto de S. João e alberga cerca de 900 famílias. Algumas das pessoas que ali vivem, lá nasceram, há já 50 anos. Há cerca de 7 anos a água pôde chegar ao Vale Escuro, através do chafariz da Câmara. Mediante o pagamento de uma licença, os habitantes podem usufruir dos colectores de esgoto. As crianças vão às escolas, próximas dos bairros urbanos. Os pais trabalham nas fábricas da zona, ou então não muito longe da habitação. Pagam rendas pelos terrenos que ocupam.

Há quantos anos mora aqui?

Há cerca de 9, mas aquela vizinha ali aponta-nos a barraca em frente **já aqui vive há mais de 40.**

Fala-nos uma mulher no fim dos 30 anos. Nasceram-lhe dois filhos para a escola de inadaptados. O marido assoma à porta e sauda-nos entre uma desconfiança inicial e uma tranquilização que vem depois. E varredor da Câmara. A mulher trabalha a dias e fala-nos com uma lucidez inesperada dos problemas que rodeiam a questão do bairro:

O que nós gostávamos de saber é quando saímos daqui, porque isto é uma situação que nem é para fazermos alguns arranjos nas barracas nem para não fazermos. Há aqui muitas pessoas que precisavam de fazer algumas reparações nas casas, mas têm medo de estar a gastar o dinheiro que lhes faz falta, como eu, e depois virem as casas... Além disso gostávamos de saber como serão as rendas para podermos deitar contas à vida. Assim estamos aqui sem saber o que se vai passar, nem o que nos vai acontecer.

Mas parece que as coisas vão andando. Vão começar a ser construídas duas torres. O que é que pensa disso?

O que eu penso é que espero que aquilo que o sr. presidente da Câmara nos prometeu não seja esquecido e que nós fiquemos a morar aqui. Sabe, eu prefiro pagar mais alguma coisa mas estarmos perto do trabalho e os garotos da escola, porque os transportes é um problema e aqui não temos esse problema. Não sei se estarei certa, mas é assim que eu penso. Deito o olho à vida e digo: os transportes são outra renda...

REFERÊNCIAS

1) Raul da Silva Pereira, em «Problemática da habitação em Portugal» — 1963
2) Eng.º Santos e Castro, na sessão pública da Câmara, de 17/12/70
3) Para a construção destas duas torres, foram desalojadas do local 15 famílias, cujo realojamento se verificou nas Galinheiras (casas pré-fabricadas com rendas entre os 170$00 e os 650$00) e nos Olivais (casas definitivas com rendas que ultrapassam os 1000$00). Estas famílias teriam assinado uma declaração, segundo a qual lhes era dada a possibilidade de, caso quisessem, habitarem as torres depois de construídas.
4) Júlio Eduardo Z. F. Carrilho. E. S. B. A. L., Relatório de Estágio 1971/73
5) Curiosamente no mesmo dia, a Imprensa informa que «O novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng.º Santos e Castro, toma posse do novo cargo, no próximo dia 11 (...)».
6) Jornal «O Século».
7) Deste estudo resultou o Plano em que se integra a construção das duas primeiras torres de que damos nota neste trabalho.
8) Jornal «O Século»

AS JORNADAS SOBRE «SOCIEDADE MODERNA E POPULAÇÃO»

A FALTA DE PREPARAÇÃO PARA O CASAMENTO PODE SER FONTE DE TRAUMATISMOS PSICOLÓGICOS GRAVES

—declarou ao «Diário de Lisboa» o prof. JÚDICE HALPERN

Durante a semana finda (dias 5, 6 e 7), realizou-se em Lisboa o 3.º e último Ciclo de Conferências das «Jornadas de Estudo sobre Sociedade Moderna e População».

A iniciativa foi da responsabilidade da «Associação dos Médicos Católicos Portugueses», da «Associação Católica dos Profissionais de Enfermagem e Saúde» e do «Serviço de Entreajuda e Documentação Conjugal». Enquanto os dois primeiros ciclos se debruçaram sobre o estudo dos problemas de regulação de nascimentos e harmonia conjugal, o último destinou-se essencialmente a equacionar o aborto e suas implicações. Falando com o prof. Júdice Halpern, membro do «Serviço de Entreajuda e Documentação Conjugal», recolhemos para os leitores do «Diário de Lisboa» alguns elementos não só sobre os temas discutidos nas «Jornadas», mas também sobre como funciona e os princípios que defende (nomeadamente no que diz respeito à regulação de nascimentos e ao aborto) o «Serviço de Entreajuda».

Entreajuda».

Trata-se de uma organização que trabalha há vários anos na ajuda a casais em dificuldades de harmonia e no esclarecimento e formação sobre problemas relacionados com a sexualidade e a natalidade afirmou a este propósito o prof. Júdice Halpern que, acerca das iniciativas por ele levadas a efeito acrescentou: **A primeira actividade pública desenvolvida pelo Serviço foi no Bairro Padre Cruz, onde realizámos conferências de esclarecimento a auxílio a casais no âmbito da regulação de nascimentos e harmonia conjugal ambas as coisas acompanhadas de consultas médicas.** Perguntámos se esta assistência é, depois, feita periodicamente. Respondeu o nosso entrevistado: **Após esta actividade, originamos a criação de centros, nos quais as pessoas assistidas se reunem, bastando-se, a partir daí, a si próprias. Até agora — o Serviço constituiu-se em 1965 — fomos, já, a mais de metade das paróquias de Lisboa onde oferecemos os nossos préstimos. Escolhemos as paróquias por se tratar de um local de mais fácil reunião e ao alcance da maioria das pessoas.**

Métodos naturais

Concretamente sobre as linhas teóricas defendidas pelo Serviço, esclareceu o prof. Júdice Halpern: — **Interessa-nos ajudar o casal, na sua totalidade. O problema dos filhos é grande, mas não é o único. Paralelamente há a considerar os desajustamentos sexuais e psicológicos que deverão ser acompanhados simultaneamente. Pensamos que para ajudar o casal a desenvolver-se na sua totalidade, a escolha de um método para regular os nascimentos, não é indiferente. Isto, quando ele é necessário, naturalmente. Penso que deve ser um método que permita um diálogo autêntico entre o casal e que seja da responsabilidade dos dois, permitindo que o acto conjugal se realize em toda a sua plenitude. É por esta razão que defendemos os métodos a que se chama normalmente de naturais, nomeadamente o método das temperaturas.**

— Como encara os outros métodos, objecto de larga difusão e aplicação?

— **Este que defendemos parece-nos o melhor que a ciência oferece às pessoas. É o único que permite o desenvolvimento harmonioso da vida no casal.**

Argumentámos, pondo em causa este conceito. Defendeu o nosso entrevistado: **As pessoas quando se casam, deveriam fazê-lo por que se amam. Assim sendo criam uma comunidade de vida e amor. Ora o amor tem que se exprimir por sinais, como aliás, todo e qualquer dos nossos sentimentos. Até mesmo quando pensamos temos que falar e fazer gestos para dar forma ao que sentimos e queremos transmitir. Considerando desta forma, o acto conjugal não seria um simples gesto, mas seria um sinal do amor do casal. Frequentemente a vida conjugal perde este significado. Na maior parte das vezes o único tempo que os casais têm para estar juntos, é depois de um dia de trabalho e as ocasiões de diálogo são praticamente nulas: lêem o jornal, vêem televisão e não falam.**

Um significado maior

As formas que defende não poderão correr o risco de obrigar a uma programação ou estudo?

— **Só pode seguir este método, desde que ambos os membros do casal se encontem de acordo. O casal que nos procura está completamente à vontade para seguir ou não o que propomos. A única solução que sugerimos é que os dias sejam propícios ao desenvolvimento de outros tipos de diálogo. Por outro lado, este método obriga a que o casal dê aos dias sim, um significado muito maior. Acontece que muitas mulheres se sentem mais como coisas impersonalizadas do que como membros com iguais direitos do casal. Devo acrescentar que a experiência me mostrou que casos de frigidez muitas vezes decorrentes do facto apontado, desapareceram com a adopção de métodos preconizados.**

— Gostaria que se referisse concretamente àquilo que considera as inconveniências dos outros métodos contraceptivos.

— **Vendo o problema globalmente, verifico que todos são apenas aplicáveis por um dos membros do casal. A maior parte deles dizem respeito à mulher. A pílula, por exemplo, obriga a mulher a não esquecer-se de tomá-la diariamente, para além de, em muitos casos, ter efeitos laterais. Com isto não quero recusar a importância psicolóiga destes métodos. O que me parece indiscutível é que subtraem o diálogo no seu conjunto geral, mais do que no caso do método das temperaturas, o que poderá autorizar-nos a dizer que em muitos casais, determina uma diminuição do valor global da vida conjugal. É por este motivo que, mesmo que todos os métodos contraceptivos fossem inócuos, eu manteria a mesma opinião. Mesmo que a pílula não fosse de algum modo prejudicial haveria ainda a considerar os problemas psicológicos.**

Casamento: «comunidade de vida e amor»

Que factores encontra para justificar a adopção dos mais variados métodos e a sua recomendação?

— **Penso que poderá estar em jogo uma concepção de fins de casamento. Se o casamento é essencialmente a forma de um prazer, se tem fins num diálogo cada vez maior, tanto físico como espiritual. De modo que isso pressupõe que foi feita uma escolha heterossexual, selectiva e permanente, visto que se trata de um diálogo que terá de desenvolver-se progressivamente. O casamento chamado de experimental, por exemplo, parece-me errado, porquanto o seu único objectivo parece estar previamente determinado. Por outro lado, enferma do esquecimento de que todo o diálogo é progressivo.**

De que modo poderá esse tipo de relações ser uma resultante de certos fracassos matrimoniais, em grande parte decorrentes de falta de informação, por exemplo?

— **Este estado de coisas parece-me ter resultado do facto de o amor e de o diálogo serem uma aquisição, digamos recente, e o facto de a quebra de «tapus» ter levado as pessoas a reacções extremas.**

— De que modo as teorias que defende (e que o «Serviço de Entreajuda» defende), estão ligadas a uma concepção cristã?

— **Acho que não é necessário que estejam. Neste aspecto, uma experiência muito curiosa, foi um trabalho levado a cabo pelo casal Guy (médicos franceses que estiveram nos dois anteriores ciclos de conferências e virão no 3.º) nas ilhas Maurícias. Deve ter sido a maior experiência de contracepção, utilizando o método das temperaturas. A população destas ilhas professa mais de 20 credos e, particularmente os católicos, indus e muçulmanos trabalharam em conjunto. Esta é uma experiência que me parece significativa. Aliás, quando damos assistência não perguntamos a crença das pessoas.**

Quer referir-se à experiência que tem adquirido no contacto com as pessoas que o consultam e que pedem assistência ao «Serviço de Entreajuda»?

— **Normalmente as pessoas começam por pedir ajuda para regulação de nascimentos. Depois, por detrás disso, é frequente detectarmos problemas muito piores. A falta de preparação para o casamento constitui um mau ponto de partida e pode ser fonte de traumatismos psicológicos muitas vezes irremediáveis.**

Devemos ter presente que a ignorância de um mínimo de noções de psicologia e de anatomia, leva a desajustamentos enormes e de efeitos às vezes irrecuperáveis.

O aborto e as suas implicações

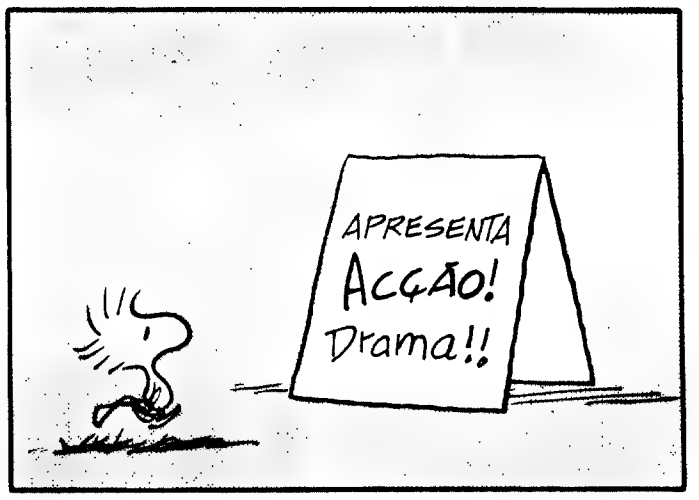
O 3.º Ciclo de conferências, a realizar esta semana, respeita sobretudo ao aborto e suas implicações. O prof. Júdice Halpern fez algumas considerações sobre como é encarada esta questão: **Em Portugal o aborto é proibido por lei. Todo o que se faz é clandestino e o seu número é bastante grande. Penso que sob o ponto de vista legal há só três posições possíveis de adoptar: a proibição; uma atitude de neutralidade (reservando a cada um o direito de fazer o que entender) ou uma atitude per missiva (com o fornecimento, inclusive, de estímulos). A passagem de uma atitude proibitiva até uma de neutralidade, a evolução de uma lei, digamos assim seria perigosa porque para o público funcionaria como uma aprovação do aborto por parte do Estado, permitiria a criação de instituições oficiais ou particulares que a ele se dedicassem e levariam naturalmente ao aumento do seu número. Os dados de alguns países, como Inglaterra e Japão, em que o aborto é permitido, mostram que não só o número daqueles que se poderiam chamar legais, aumentou, como também aumentou o de clandestinos. Na minha opinião o aborto é sempre um mal, porque representa um atentado contra uma vida já em formação.**

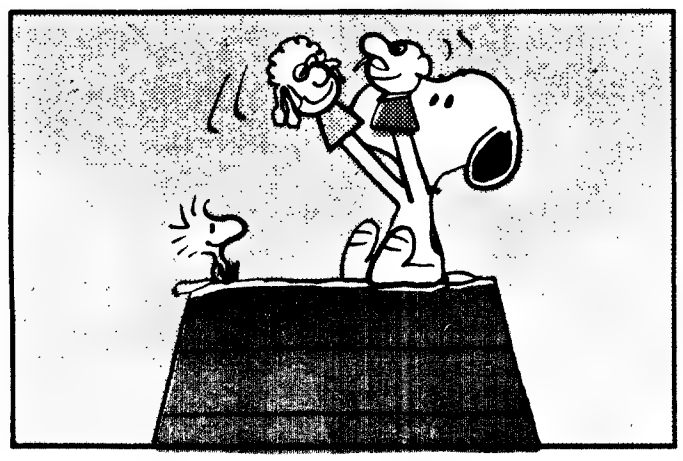
— Essa posição tem sido discutida, argumentámos.

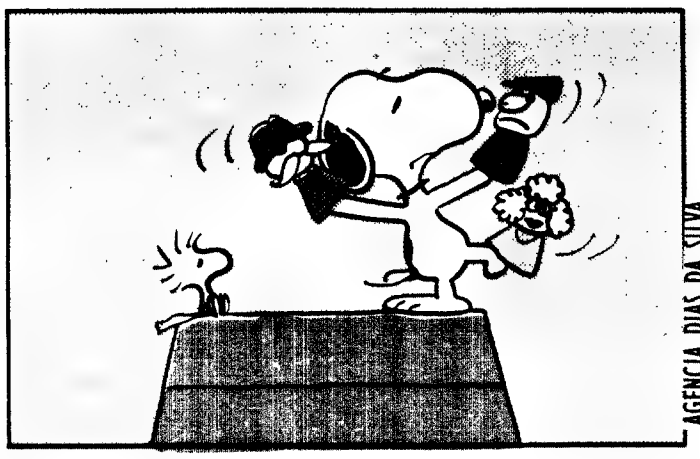
— **Evidentemente que há muita gente que a discute. Mas, para mim, entre a altura da fecundação e o nascimento, há um processo de formação contínua. É por isso que, marcar limites dizendo que até uma determinada altura não se trata de um ser humano e a partir de certa fase já se trata, para mim é completamente inadmissível.**

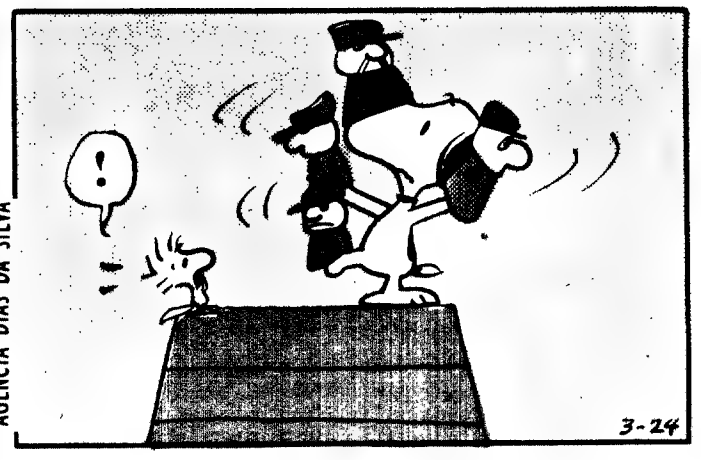
— Concretamente sobre as conferências, quer adiantar alguns dados?

— **Não pretendemos que seja uma campanha contra o aborto, embora evidentemente se tenha que falar da nossa posição perante o problema. O que queremos é estudar todas as implicações biológicas, psicológicas e morais que possam justificar e permitir uma opção. São essencialmente sessões de informação, para o que contamos com os relatos das várias experiências de cientistas de outros países que integram os conferencistas.**

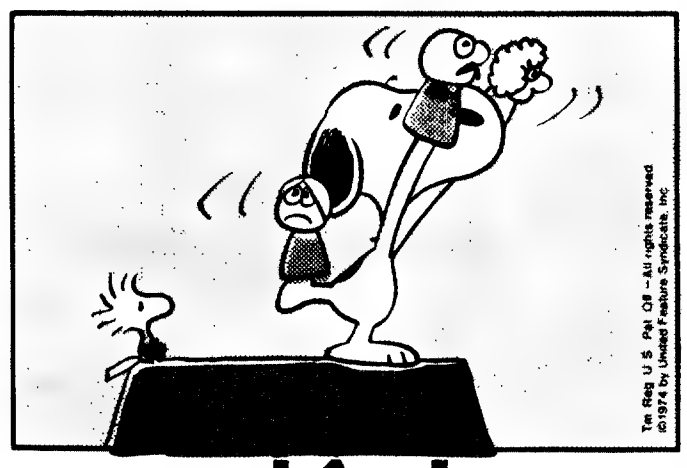


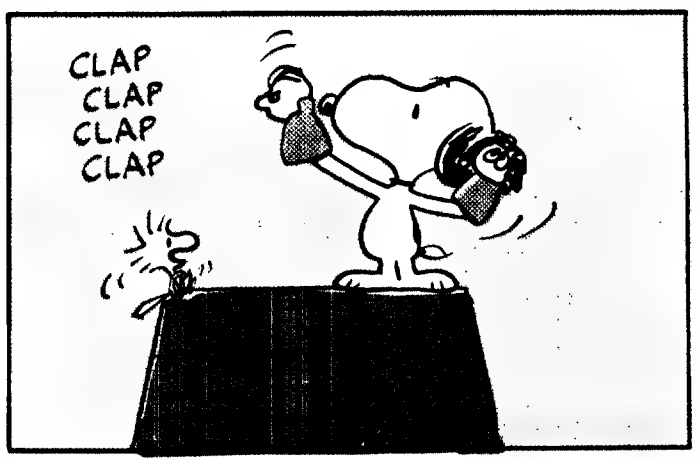






AGENCIA DIAS DA SILVA





os Kolans

SEGUNDO O INSTITUTO NACIONAL BRITÂNICO

A TAXA DE CRESCIMENTO DIMINUIRÁ EM 1974

Telex de JOAQUIM LETRIA
(nosso correspondente em Londres)

Uma redução das taxas britânicas até ao fim deste ano foi prevista aqui por uma respeitável instituição — o Instituto Nacional de Investigação Económica e Social.

A notícia foi conhecida nesta capital neste fim-de-semana através do relatório daquele instituto que começa obviamente por analisar a situação do petróleo. E uma das primeiras conclusões é obviamente a de que os importadores de petróleo sofrerão grandes «deficits» comerciais. De acordo com os estudos do instituto, os países desenvolvidos perderão cerca de quarenta mil milhões de dólares com o aumento do preço do petróleo, enquanto os países em desenvolvimento perderão apenas dez mil milhões de dólares americanos.

Os aumentos dos preços significam que os consumidores em muitos países terão de pagar entre dois e quatro por cento pelos produtos. E isto unicamente por causa da subida do petróleo. Não é no entanto surpreendente que o petróleo esteja a afectar as taxas de crescimento. Para os países desenvolvidos do Ocidente e para o Japão o crescimento real não poderá ser mais de dois por cento em 1974. Isto representa cerca de metade da média anual recente.

Estes índices variam de países para países. Entre aqueles que o relatório diz irem fazer melhor do que o normal encontram-se o Canadá, o Japão e a França, enquanto que entre os que vão estar pior estarão os Estados Unidos, a Alemanha Federal e a Grã-Bretanha. Países mais pequenos que não dependem tanto comercialmente da América e da Alemanha vão passar bem: Austrália, Espanha, e Irlanda figuram entre as previsões do Instituto de Investigação Económica e Social da Grã-Bretanha.

No que respeita ao comércio, o Instituto também não se mostra animador: o ano passado o Mundo foi assaltado por uma coincidência de subida de preços. Isto atirou o preço de matérias-primas para um topo que significou imediatamente inflação mundial. E natu-

Continua na pág. 2

CORREIA DA CUNHA EM NAIROBI

Parte hoje para Nairobi o eng. Correia da Cunha que, na condição de delegado nacional, vai participar na segunda sessão do conselho de administração do Programa das Nações Unidas para o Ambiente.

O eng. Correia da Cunha desloca-se também a Moçambique em visita de trabalho aos órgãos locais instituídos para defesa do ambiente, sendo acompanhado pelo comandante José de Ataíde, vogal representante do ministro da Marinha na Comissão Nacional do Ambiente.

UMA RUSSA IMOLOU-SE PELO FOGO

MOSCOVO, 10 (R-UPI-ANI) Uma mulher rússa imolou-se pelo fogo perante numerosas pessoas, na Praça Vermelha, a noite passada, num acto coincidindo com o Dia Internacional da Mulher, declararam testemunhas.

O novo Governo italiano será constituído amanhã

ROMA, 10 — (R-UPI-ANI) — O pequeno Partido Republicano de Itália — que há uma semana originou a queda do Governo quadripartido chefiado por Mariano Rumor — anunciou que não está disposto a juntar-se a uma nova coligação.

Todavia, os republicanos prometeram dar o seu «apoio externo» a um nogo Governo, formado pelos seus antigos parceiros na anterior coligação.

A posição dos republicanos foi anunciada numa declaração feita pelo vice-secretário do partido, Adolfo Batáglia, após uma reunião efectuada entre os quatro partidos, onde foi rejeitada uma proposta republicana para o gabinete ser alargado de modo a incluir os secretários dos quatro partidos.

O Governo do primeiro-ministro Mariano Rumor caiu no passado sábado depois do secretário do Partido Republicano Ugo La Malfa ter resignado do seu cargo de ministro do Tesouro devido a diferendos relativos à política económica com os socialistas.

Na reunião de ontem, os dois principais partidos da anterior coligação Democratas-Cristãos e Socialistas concordaram sobre os princípios gerais relativos à política económica, segundo anunciaram entidades dos dois partidos.

Entretanto o primeiro-ministro designado, Mariano Rumor, teve em Roma uma conferência com os dirigentes de quatro partidos políticos Democracia-Cristã, Socialista, Social-Democrático e Republicano para a formação do seu quinto governo.

Depois da reunião, os quatro dirigentes dos partidos convocados manifestaram a convicção de que os 36.º Governo da Itália em 31 anos será constituído amanhã à tarde, quando as conversações forem retomadas.

HOJE 36 PAGINAS

O colaborador da Casa Branca John Ehrlichman quando se dirigia ao tribunal para mais um depoimento sobre o Caso Watergate. Ehrlichman declarou-se inocente perante o juiz federal de Washington, John Sirica (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

SETE COLABORADORES DE NIXON DECLARAM-SE INOCENTES

WASHINGTON, 10 (UPI-ANI E F.P) — Sete antigos colaboradores do presidente Nixon, acusados de prejúrio, conspiração e encobrimento do caso Watergate à justiça, declararam-se inocentes, perante o juiz federal de Washington, John Sirica.

Contudo, este ordenou-lhes que entregassem os passaportes e impôs-lhes uma fiança pessoal para a sua libertação, até que o julgamento do caso comece em Washington, em Setembro.

Os acusados são o antigo ministro da Justiça, John Mitchell, que está a ser julgado em Nova York em relação com o caso «vesco», o chefe dos colaboradores da Casa Branca, Bob Haldeman, o colaborador John Ehlichman, o subsecretário da Justiça Robert Mardian, o colaborador especial Charles Colson, o colaborador presidencial Gordon Strachan e o advogado da comissão de reeleição de Nixon, Kenneth Parkinson.

Todos abandonaram os seus lugares antes do dia 31 de Abril de 1972.

John Ehlichman e Charles Colson, também acusados de violação ilegal de propriedade privada em relação com o caso do consultório privado do psiquiatra Danniel Elsberg (o homem que entregou os «papéis do Pentágono» à Imprensa) declararam-se igualmente inocentes das acusações que lhes são feitas agora.

Uma centena de manifestantes fora do tribunal vaiou os réus aos gritos de «Sieg Heil» (o grito de saudação a Hitler) e de «Nixon há-de seguir-vos».

NA VISITA AO ALENTEJO

ÁGUA E SANEAMENTO NA AGENDA DO MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

ÉVORA, 9 — Importantes melhoramentos de desenvolvimento dos concelhos de Estremoz e Viana do Alentejo, foram estudados pelo ministro das Obras Públicas e Comunicações, eng.º Rui Sanches, em conjunto com os presidentes das Câmaras Municipais respectivas, no decorrer das sessões de trabalho que marcaram o último dia da visita daquele membro do Governo ao distrito de Évora.

Nas reuniões, em que o ministro Rui Sanches esteve acompanhado por directores-gerais e directores de serviços do Ministério das Obras Públicas, o abastecimento de água e o saneamento prosseguiram na primeira linha da agenda de trabalhos.

A comparticipação do Ministério nas obras de abastecimento de água a Estremoz (que importarão em mais de 12 000 contos), será na ordem dos 92 por cento, se o pedido do Município for satisfeito. Em Viana do Alentejo, a obra de abastecimento de água à zona alta encontra-se praticamente concluída, esperando agora a Câmara que o Ministério lhe conceda um subsídio de 150 contos, relativo a despesas efectuadas ainda em 1972.

O Município de Viana pediu também, ao ministro, a construção de um novo depósito de maior capacidade, destinado ao abastecimento de Viana, Alcáçovas, de Aguiar e da Vila do Torrão, cujo consumo total anda à volta dos novecentos metros cúbicos.

Novo quartel de bombeiros

A partida de Evora, do eng. Rui Sanches e da sua comitiva foi antecedida de uma deslocação não programada do ministro ao Governo Civil do distrito. Segundo o seu costume, o ministro iniciou os trabalhos em Estremoz, logo que chegou

Continua na pág 3

A greve na Etiópia

ADDIS ABEBA, 10 (R) — Conversações referentes a uma fórmula destinada a pôr termo à greve geral na Etiópia, que dura já há três dias, prosseguem entre dirigentes dos sindicatos e o novo Governo nomeado pelo imperador Hailé Selassié.

Um porta-voz sindicalista disse que continua a aguardar que os 85 000 grevistas regressem ao trabalho amanhã se conseguirem concessões para as suas exigências de melhores salários e de novas leis referentes ao trabalho.

Taxa de crescimento

(Continuação da pág. 1

ral que alguns desses preços desçam ainda este ano mas muitos países ficarão pagando mais pelo petróleo que consomem enquanto o volume de comércio deverá subir unicamente cerca de cinco por cento para contrabalançar. Isto sucederá principalmente com as nações desenvolvidas.

O relatório a partir destes dados põe diversas premissas políticas de interesse para os Governos. Sem recordar o recente caso francês na reunião de Washington, o relatório diz que muitos países começarão a mostrar-se mais egoístas defendendo os seus interesses e deixando certas associações e pactos para trás, enquanto poderá ressurgir uma certa agressividade de alguns Governos. Essa tendência é fortemente contrariada no relatório, que pede para que os países se juntem cada vez mais sem se deixarem arrastar por nacionalismos. O documento acrescenta que os países mais ricos terão de viver com os seus «deficits» comerciais e aqui na Grã-Bretanha há já forças industriais a trabalhar de modo a poder prever-se uma substancial melhoria da balança de pagamentos lá para os fins deste ano. A ideia básica do relatório quanto às taxas e impostos é a de que uma redução nos impostos aliviará aqueles que produzem e poderá ser do interesse não só deste país, como de muitos outros. Entretanto, no fim desta semana o Governo Trabalhista de Harold Wilson congelou as rendas de casa, o que foi muito bem recebido pela população, enquanto que os círculos de especuladores, que beneficiaram largamente nestes últimos três anos, se mostram preocupados.

António Álvaro de Azevedo Lencastre Póvoas Leite de Castro

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Participação e Missa do 7.º Dia

Anette Louise de Sequeira Oliva Leite de Castro, seus filhos, Ana Margarida, Luís Manuel e José Paulo de Oliva Leite de Castro, Francisco Oliva Mira, Maria Antónia de Almeida e Vasconcelos Mendonça e Póvoas Leite de Castro Soares Vieira, marido e filho, Margarida Maria Ana de Almeida e Vasconcelos Mendonça e Povoas Leite de Castro Nápoles Sarmento, marido e filhos, Maria da Conceição de Almeida e Vasconcelos Mendonça e Povoas Leite de Castro Smith e marido (ausentes), Maria Luísa de Almeida e Vasconcelos Mendonça e Póvoas Leite de Castro Osório de Castro, marido e filhos, Diogo Cristóvão de Almeida e Vasconcelos Mendonça e Póvoas Leite de Castro e demais família, participam o falecimento de seu querido marido, pai, irmão, cunhado, tio e parente.

Amanhã, às 11 horas, na Basílica da Estrela, será rezada missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

Baixa das reservas monetárias

WASHINGTON, 10 (UPI-ANI) — As reservas dos países industriais baixaram 7,2 por cento entre 1 de Novembro e 31 de Janeiro segundo informação do Fundo Monetário Internacional (FMI).

As estatísticas do FMI referentes a Janeiro, publicadas esta semana, mostram que os Estados Unidos, o Canadá, a Dinamarca, a Noruega e a Suécia foram os únicos países que escaparam à baixa.

Na base dos valores do dólar de 1970, as reservas nos países industriais baixaram de 98,6 para 91,5 biliões de dólares no período de 3 meses.

«Ainda talvez seja cedo para atribuir esta perda de reservas ao aumento dos preços da importação do petróleo» — afirma o F.M.I..

AGRAVA-SE A CRISE ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A COMUNIDADE EUROPEIA

WASHINGTON, 10 (F.P.) (De Fernand Moulier) Não será fácil debelar a crise que surgiu nas relações entre os Estados Unidos e a Europa. Os círculos autorizados americanos mostram-se muito severos com os aliados europeus, particularmente com os franceses e os alemães. Cabe agora aos europeus, dizem, formular propostas construtivas com vista ao estabelecimento de relações transatlânticas normais, assentando no princípio fundamental da consulta prévia em todos os domínios.

Sabe-se que o presidente Nixon enviou na quinta-feira, uma carta ao chanceler Willy Brandt, criticando o facto de a Alemanha Federal ter aceitado participar na conferência dos «nove» com os países árabes produtores de petróleo, sem prevenir os Estados Unidos, de não ter respeitado a regra de consultas prévias entre aliados, consultas indispensáveis — sublinha — a uma harmoniosa cooperação atlântica e de estar a fazer o jogo dos países produtores árabes, os quais, segundo uma alta individualidade americana, vão constituir-se em verdadeiro «clã» anti-Estados Unidos e anti-Europa.

A questão da conferência dos «Nove» com os países produtores de petróleo árabes teve o papel de simples catalisador, com dois bodes expiatórios nas pessoas dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal e da França. O menos que se pode dizer é que desde a conffe-rência de Washington sobre os problemas energéticos, Kissinger deixara de contar com Jobert, o ministro dos Negócios Estrangeiros de França. Esperava, porém, que os outros oito países do Mercado Comum continuariam a não aderir à posição da França, tal como aconteceu em Washington. Assim, a decisão de Bruxelas foi para Kissinger, senão uma surpresa, pelo menos uma decepção, constituindo, segundo os círculos próximos do Departamento de Estado, a gota de água que faz transbordar o copo.

Recorda-se a propósito que o secretário de Estado propôs em 23 de Abril do ano passado uma nova Carta do Atlântico, tão generosa como o Plano Marshall. Mas esse discurso, dizem os seus colaboradores, foi recebido na Europa com indiferença.

Deste lado do Atlântico, os europeus são acusados de legalismo abusivo e de ausência de propostas construtivas. Os americanos querem andar depressa e obter resultados rápidos.

— Não entendem os métodos da Europa, pelo menos é o que dizem, o que não deixa de ser surpreendente quando tal afirmação parte de pessoas que completaram a sua formação no velho continente.

Os observadores interrogam-se quanto às razões que impeliram Kissinger a escolher precisamente o momento em que a maior parte dos Governos europeus se encontra assoberbada por crises políticas para dar um murro na mesa. Ao condenar os europeus que, por diversas razões, preferem a Europa ao domínio da Aliança Atlântica pelos Estados Unidos, Kissinger dá argumentos aos membros do Congresso, numerosos aliás, favoráveis ao regresso das tropas americanas estacionadas na Europa. Ora Kissinger quer manter essas tropas, a todo o custo, quanto mais não seja por recear o aparecimento, na Europa, de movimentos neutralistas que fariam o jogo da URSS.

As afirmações das esferas responsáveis americanas em relação aos europeus são de uma excepcional severidade, a qual surpreende todos os observadores.

Adiada uma reunião entre os Estados Unidos e o Mercado Comum

BRUXELAS, 10 (R.) — Foi adiada um conferência de dirigentes políticos da Comunidade Europeia e dos Estados Unidos, em Bona, marcada para terça-feira, a fim de debater um novo projecto de declaração de princípios sobre as relações CEE-Estados Unidos.

A reunião foi cancelada a fim de dar aos Estados Unidos mais tempo para estudar o novo projecto europeu, que deverá ser assinado pelo presidente Nixon durante a sua projectada visita à Europa na Primavera.

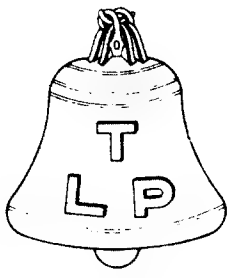
Outra razão do adiamento poderá ter sido a irritação dos Estados Unidos por não terem sido informados com antecedência da iniciativa tomada pela Comunidade de estabelecer acordos de cooperação, no domínio da energia e noutros campos, com os Estados árabes.

Os americanos receiam que conversações directas possam prejudicar os seus esforços de coordenar as negociações entre os países ocidentais e os países árabes produtores de petróleo. Uma Comissão de Coordenação sobre Energia, estabelecida pela Conferência de Washington, em que participaram países da CEE, o Canadá, os Estados Unidos e o Japão, deverá efectuar a sua primeira reunião nesta cidade, na quarta-feira.

A Alemanha Ocidental fiel à Comunidade

MUNIQUE, 10 (F.P.) — O ministro federal da Economia, Hans Friedrichs, lançou hoje uma advertência contra qualquer tentação de fazer sair a República Federal Alemã da Comunidade Europeia.

Discursando na inauguração da 26.ª Feira Internacional do Artesanato em Munique, o ministro considerou que isso «equivaleria a um passo atrás nos planos político e económico». Acrescentou que «o alto nível de interdependência das economias da Alemanha Ocidental e da Europa constitui a base de toda a nossa economia».



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

INFORMA

ASSINANTES LIGADOS À CENTRAL DE CASCAIS

Na noite de 6 para 7 do corrente mês procedeu-se à alteração de prefixos numéricos dos telefones dos seguintes Assinantes:

Iniciados por «285» — alteraram para «2865»

As restantes linhas de rede mantêm a mesma numeração.

LEMBRE-SE DESTA ALTERAÇÃO

ATAQUES NO EGIPTO AO PRESIDENTE NASSER

CAIRO, 10 (R) — Um escritor egípcio atacou as medidas do falecido presidente Gamal Abdel Nasser de sequestro de propriedades, dizendo que foram uma «arma de terrorismo moral e material».

Artigos atacando as medidas de sequestro promulgadas por Nasser nos anos 60, foram publicadas em dois destacados jornais, **numa série de críticas públicas a Nasser, desde que a censura à Imprensa foi levantada no mês passado por Anwar Sadat.**

Escrevendo no influente «Al-Ahram» Saad Fakhri Abdel Nur disse que o sequestro de propriedades **que afectou 15 mil pessoas** constituiu um acto bárbaro pertencente a Idade Média e uma arma de puro terrorismo moral e material».

No jornal «Akhbar El-Yom», o antigo «chanceler» Ahmed Hammady escreve que as medidas foram parcialmente responsáveis pela vergonhosa derrota do Egipto na Guerra dos Seis Dias de 1967.

O antigo «chanceler» escreve: «A derrota ocorreu porque nos estavamos divididos, dissociados da nação e a viver como estranhos na nossa propria patria».

O dr. Hammady disse que o sequestro de bens «terminou com o liquidar de certos indivíduos, tiramdo-lhes tudo com excepção do palmo de terra das suas campas», e descreveu as medidas como uma «punição desregrada imposta de maneira criminosa».

O presidente Anwar Sadat, que por morte de Nasser, em 1970, subiu ao poder no Egipto, ordenou que nenhuma medida de sequestro deve ser imposta sem uma ordem do tribunal competente.

Durante o regime de Nasser, os sequestros eram levados a efeito atraves uma simples ordem administrativa.

Abdel Nur criticou aqueles que se opõem à entrega das propriedades aos seus legítimos donos e as compensações devidas.

Abdel Nur frisou: «Os que se opõem com o fundamento, falso, de que isso implicaria um regresso ao capitalismo ou um fardo para o orçamento egípcio, não têm quaisquer atenuantes. Essa maneira de raciocinar é a chamada lógica dos «gangsters» e ladrões uma vez que tais propriedades não faziam parte do espolio do Estado.

Divergências entre os árabes quanto ao fim do embargo do petróleo

CAIRO, 10 (R) Ministros do Petróleo de sete países árabes devem reunir hoje na capital egípcia para debaterem o levantamento do embargo de ramas petrolíferas imposto aos Estados Unidos durante a guerra árabe-israelita de Outubro do ano passado anunciou hoje a Imprensa egípcia.

Todavia, o ministro argelino da Indústria e Energia Belaid Abdesselam disse ontem à «Reuter» em Argel que os ministros do Petróleo árabes haviam sido oficialmente convidados a reunir-se em Tripoli capital da Líbia, na próxima quarta-feira.

Belaid Abdesselam é o presidente da Organização dos Países Árabes Exportadores de Petroleo (O.A.P.E.C.).

A Síria, o Bahrain e o Qatar não estão incluídos na lista, publicada na Imprensa egípcia, dos países que tomarão parte da reunião do Cairo, muito embora um alto funcionário do Ministério da Energia tenha dito que foram convidados todos os países que tomaram parte na reunião do Koweit em Outubro do ano findo, quando os Estados petrolíferos árabes decidiram impor um embargo de ramas aos Estados Unidos e à Holanda e reduções a outros países da Europa Ocidental.

A maior parte dos observadores no Cairo concluíram que as notícias contraditórias a respeito do local da reunião traduzem diferentes atitudes políticas sobre o embargo. O mais provável é que os países que querem manter o embargo se reunam em Tripoli e aqueles que pretendem pôr-lhe termo se encontrem no Cairo.

Do ponto de vista político, a atitude da Síria é especialmente importante, devido à tensa situação militar ao longo da frente dos montes Golan, muito embora quase não conte para o problema petrolífero, visto que a sua produção é mínima.

O Egipto e a Arábia Saudita advogam que o embargo deve ser levantado, ao passo que a Argélia, o Koweit e o Abu Dhabi têm exprimido oposição.

A Líbia, identificada por círculos informativos fidedignos como o principal fornecedor (oculto) de petróleo árabe aos Estados Unidos, é também, ao menos em palavras, um dos mais ferozes opositores ao levantamento do embargo.

O Iraque anunciou que boicotará a conferência dos ministros árabes do Petróleo no Cairo. Além de se opor ao levantamento do embargo do petróleo aos Estados Unidos, o Iraque pediu também a nacionalização dos interesses económicos norte-americanos no Médio Oriente.

O presidente Anwar Sadat tem adoptado ultimamente uma atitude mais favoravel aos Estados Unidos do que outras nações árabes, principalmente desde que a diplomacia do secretário de Estado norte-americano Kissinger conseguiu um afastamento de forças na frente do canal de Suez. Diplomatas no Cairo pensam até que poderá haver um compromisso do Egipto perante o secretário de Estado americano relativamente ao levantamento do embargo, previsto para a reunião ministerial do Cairo.

A Síria não conseguiu ainda um afastamento de forças nas frentes do monte Golan. O Governo sírio toma uma atitude cautelosa perante Washington, mantendo uma aparente dureza e relutância em apoiar, nesta fase, o levantamento do embargo contra os norte-americanos.

O jornal argelino «El-Moudjahid» praticamente um órgão governamental, escreve que devem ser mantidas as restrições de modo a garantir que o Governo de Washington continuará a fazer pressões sobre Israel. A atitude de Argel reflecte provavelmente as opiniões de muitos outros países árabes.

Entre outros tópicos os ministros do Petróleo deverão decidir se as reduções de produção serão mantidas ao mesmo nivel do acordo de Dezembro do ano findo, ao passo que a questão dos preços do petróleo será abordada só em princípio, uma vez que a principal discussão terá por âmbito a reunião da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEC), que se realizará em Viena durante a próxima semana.

A Internacional Socialista e a crise do petróleo

VIENA, 10 (UPI-ANI) Uma delegação constituída por representantes de oito nações da Internacional Socialista, chefiada pelo chanceler austriaco Bruno Kreisky, partiu ontem em viagem de inquérito para o Médio Oriente.

Kreisky afirmou que adelegação visitará, em primeiro lugar, o Cairo e mais tarde a Jordânia, a Síria e Israel, mas recusou-se a revelar os programas e as datas das visitas.

«Por motivos de segurança, não serão fornecidas as datas» — acrescentou:

Os países representados na delegação são: Áustria, Inglaterra, França, Itália, Japão, Alemanha Federal, Holanda e Suécia.

«O principal objectivo da nossa viagem é sondar os pontos de vista dos árabes acerca do acordo de paz do Médio Oriente. Desejamos descobrir se põem condições prévias a um acordo permanente», disse Kreisky.

O chanceler observou que aviagem tem a aprovação do Partido Trabalhista Israelita, que é membro da Internacional Socialista.

Nenhum partido árabe é membro dessa organização.

POUCAS PROBABILIDADES DE PAZ NO MÉDIO ORIENTE

WASHINGTON, 10 (R) Um relatório da Comissão de Relações Externas do Senado afirma que existem poucas probabilidades de quaisquer perspectivas de paz geral, para o futuro muito próximo, resultantes da conferência de Genebra.

O relatório, redigido por Seth Tillman, membro do pessoal da Comissão, após uma viagem de cinco semanas ao Médio Oriente, não concorda com uma declaração feita pelo secretário de Estado Henry Kissinger quando este disse que um afastamento egípcio-israelita no Sinai, marcou o ponto de viragem para a restauração das «realações humanas normais» na área.

O relatório dizia também que as diferenças básicas continuam a ser a insistência árabe para os israelitas regressarem às fronteiras anteriores a 1967 e a recusa israelita de regressar a essas fronteiras até que as relações estejam completamente normalizadas e garantida a paz.

Novos combates no Golan

DAMASCO, 10 — A Rádio Damasco emitiu ontem o seguinte comunicado:

«Às 12 horas e 15 (10 e 15 TMG) as nossas forças fustigaram o inimigo com fogo de artilharia, no sector central da frente, quando as forças inimigas tentavam avançar com uma unidade de engenharia, destinada a fortalecer as suas posições avançadas.

«A luta durou até às 12 horas e 30. Como resultado do embate, o inimigo sofreu a destruição de um «buldozer» e de outro veículo.»

Trata-se do terceiro embate entre forças sírias e israelitas registado esta semana e anunciado pela Síria.

Um comunicado militar, emitido anteontem, afirmava que as forças sírias e israelitas tinham trocado fogo de artilharia e de blindados, durante dois recontros.

A Síria anunciou também trocas de fogo na segunda-feira.

NIXON ACUSADO DE OCULTAR PROVAS

NOVA YORK, 10 (R) James McCord, um antigo agente da C.I.A. julgado e condenado pela sua participação no arrombamento do edifício Watergate, acusou ontem o presidente Nixon de ter ocultado provas que teriam sido úteis para a sua defesa.

Atropelou um português com o automóvel

PARIS, 10 (A. N. I.) — Foi preso e vai ser submetido a julgamento no tribunal de Versailles o automobilista francês Christian Marchand, de 28 anos, que em Vesinet, depois de uma discussão num bar de Ycheres, saiu com o seu automóvel ao encontro, na estrada, do emigrante português Jaime Gonçalves, a quem atropelou mortalmente.

Um modelo revela os seus segredos de beleza

"Antes de ser modelo, pensava que a profissão era só fascinação. Mas não. É trabalho árduo. E um prazer e um fascínio, também."

"Dois atributos deve ter um modelo: elegância e serenidade.

"Sim, é possível ser serena — é possível estar calma todos os dias do mês. Eu consigo-o, com a ajuda dos tampões Tampax. São de uso interno, por isso não se notam, não irritam e não causam cheiros. E são tão cómodos! Com tampões Tampax uma pessoa mantém-se fresca, calma e confiante.

"A elegância, por outro lado, é uma tarefa de todos os dias. Faz parte da vida de um modelo. Eu posso estar muito cansada, mas nunca deixo de retirar todo o make-up antes de me deitar. O meu cabelo, por exemplo, se não estiver bem limpo é quase impossível de pentear. Por isso, lavo-o frequentemente. E para o ter certinho, corto-lhe as pontas de quinze em quinze dias.

"Mesmo que não pense em ser modelo, elegância e serenidade são atributos essenciais para qualquer mulher. Isto é um segredo conhecido".

O nosso único interesse é protegê-la.

tampões TAMPAX

PROTECÇÃO HIGIENICA PARA USO INTERNO

PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTONIO PACHECO AGOSTINHO, LDA
R. RODRIGUES SAMPAIO, 15-2.º-LISBOA

O ministro das Obras Públicas no Alentejo

Continua na pág. 1

ao Município e depois de escutar apenas, breves palavras de saudação do presidente da Câmara, Jorge Maldonado.

Além do abastecimento de água à vila, os participantes na reunião estudaram outros problemas de administração local. Depois de um exame das condições postas pela Direcção do Serviço de Fortificações e Obras Militares para a cedência dos terrenos e prédios a sul da pousada Rainha Santa Isabel, o ministro concordou com o presidente da Câmara no sentido de se deixarem esses terrenos na sua posse actual, em virtude do carácter desfavorável da sua aquisição pelo município.

O arranjo envolvente da pousada e o perímetro de protecção aos castelo e muralhas de Estremoz foram outros assuntos estudados. Além destes, assume particular relevância para a vila, na agenda (como sempre sobrecarregada) da reunião, o problema da construção do novo quartel de bombeiros, que importará em 3200 contos. O ministro visitou as instalações actuais (um autêntico barracão) e mandou fazer o projecto da obra. Em suspenso ficou a questão da piscina, pois o orçamento de 6000 contos apresentado pela Câmara (incluindo também a construção de balneários e conclusão de bancadas) foi considerado muito alto pelo eng. Rui Sanches.

Rede de esgotos em Viana

Em Viana do Alentejo, cujas carências são manifestas, o ministro Rui Sanches estudou o pedido de uma comparticipação de 3200 contos (em dois anos) para a rede de esgotos. A obra tem estado a ser executada por administração directa no que diz respeito à abertura de valas e regularização do traçado. Para os esgotos de Aguiar foram pedidos 2500 contos.

A maior parte dos restantes problemas tratados referiu-se a melhoramentos urbanos, em especial pavimentação de muitas ruas de Viana, que se encontram em visível mau estado.

Depois da reunião no Município de Viana, o ministro e os funcionários superiores do seu departamento visitaram o castelo (um dos mais belos de Portugal), onde vão ser feitas obras de beneficiação e restauro, o terreno onde ficará instalado o parque da vila e um outro destinado a construção de habitações.

Em Alcáçovas foram visitados os terrenos destinados às contruções escolares e ao parque e obras em curso no adro da igreja matriz.

De manhã, em Estremoz, o ministro Rui Sanches efectuou visitas ao quartel dos bombeiros, ao hospital, ao parque desportivo e às obras da variente à Estrada Nacional n.º 18, em Azaruja.

Durante o almoço, em Evora, o ministro das Obras Públicas foi saudado pelo governador civil, dr. Vieira da Silva, que num curto improviso salientou os benefícios que as câmaras municipais usufruem com este tipo de sessões de trabalho promovidas pelo eng. Rui Sanches.

Assistiram a este almoço, além da comitiva que acompanhou o ministro desde Lisboa, todos os presidentes das câmaras municipais do distrito.

DESPORTO

BELENENSES E CONIMBRICENSE NA PRIMEIRA DIVISÃO

Realizaram-se ontem à noite as finais regionais do Campeonato Nacional da II Divisão em Basquetebol, apurando-se como vencedores Belenenses e Conimbricense, pelo que ambos sobem à I Divisão. Em Lisboa, o Belenenses derrobou o C.I.F. por 67-55 e, em Aveiro, o Conimbricense superou o C.D.U.P. (55-44).

Para o campeonato da I Divisão disputou-se uma jornada mais sem surpresas de maior. Resultados: BPM, 71-Algés, 73; Sangalhos, 76-Sporting, 91; Ginásio Figueirense, 80-Barreirense, 65 e Benfica, 122- Vasco da Gama, 60.

Hoje, jogam Cuf-Académico e F.C. do Porto-Académica, às 17 e 30 nos pavilhões dos clubes indicados em primeiro lugar. Sejam quais forem os resultados de hoje, o Benfica prosseguira isolado no topo da tabela.

Andebol

O Belenenses continua isolado no comando do campeonato metropolitano de andebol de sete, uma vez que triunfou com facilidade na sua deslocação ao norte.

Resultados da jornada de ontem: Académico, 11-Belenenses, 33; Progresso, 7-Benfica, 24; Espírito Santo, 23-Desportivo Portugal, 15; Almada, 18-F.C.do Porto, 21; Campo de Ourique, 16-Técnico, 15 e Sporting, 18-Victória de Setúbal, 16.

CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS
HOJE AS 21.30
teatro da cornucópia
no MAYER CINEMA: Telef. 32 74 93
A Ilha dos Escravos e A Herança
de MARIVAUX
Esp. Subs. Fund. Calouste Gulbenkian — Grupo C/14 anos
50 % Desconto jovens e estudantes Descanso: 3.ª Feira

um filme de Werner Herzog
AGUIRRE
O AVENTUREIRO
KLAUS KINSKI * HELENA ROJO * RUY GUERRA
GRUPO C - 14 ANOS
SATÉLITE

A Casa da Imprensa vai atribuir de novo o prémio Artur Portela

Nos termos do Estatuto a assembleia geral ordinária da Caixa de Previdência de Profissionais de Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa) deverá reunir na sede social, no próximo dia 19, pelas 17 horas, para apreciação e votação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal sobre o exercício da gerência de 1973.

Não havendo número suficiente de sócios, a referida assembleia geral ordinária efectuar-se-á, em segunda convocação, no próximo dia 27, à mesma hora, com qualquer número de presenças.

Do relatório da direcção em exercício no ano transacto a que preside o nosso camarada de Redacção Armando Pereira da Silva, extraímos alguns elementos mais significativos.

Assim, foram actualizados os vencimentos dos médicos do quadro clínico permanente, bem como os de todo o pessoal da instituição. Procedeu-se à beneficiação do segundo andar da Rua do Loreto, o qual foi arrendado à Associação Portuguesa de Escritores, tendo-se também tentado actualizar, sem que o assunto chegasse a bom termo, a renda do Cinema Ideal. A Corrida da Imprensa, o X Ciclo do Cinema e a Grande Noite do Fado propiciaram a obtenção de fundos extraordinários, o que já não terá acontecido com a festa para entrega dos Prémios de Imprensa de 1972, a qual se realizou sem grandes resultados económicos. Não foi ainda possível concretizar o Festival Internacional de Cinema da Casa da Imprensa. Atribuiram-se os Prémios de Imprensa de 1973. O esquema de assistência médica aos sócios e seus familiares manteve-se dentro das coordenadas definidas nos anos precedentes. Prosseguiu a catalogação do valioso espólio legado por Pinto Quartin. Não foi ainda possível obter instalações adequadas ao convívio entre os sócios. Volta a ser atribuído o «Prémio de Reportagem Artur Portela», subsidiado com 5 mil escudos pela família desse sócio fundador. Continuou a registar-se fragilidade na actividade associativa.

Por outro lado, tendo despendido cerca de mil e duzentos contos, a gerência terminou o seu mandato com um saldo positivo de 116 mil e quinhentos escudos e eliminou o saldo negativo do Fundo Disponível Extraordinário, na totalidade de mais de 17 600 escudos, que vinha sendo amortizado pelas gerências anteriores, deixando de haver saldos negativos na totalidade dos fundos obrigatórios.

O ROUBO DE AUTOMÓVEIS

Apesar das «stop», e rusgas quase diárias levadas a cabo pela Secção de Trânsito da P.S.P., os automóveis (com particular incidência sobre os «mini» e «sport») continuam a desaparecer da praça lisboeta, perante o desespero dos proprietários lesados. E, na madrugada de ontem, para não fugir à rotina, face às dez viaturas recuperadas pelas brigadas policiais, os «ratoneiros» ripostaram com o furto de dezoito carros, ostentando as seguintes matrículas:

EH-64-17, Austin Mini 1000; BE-94-61, Austin Mini 1000; GA34-40, Austin Mini; FA-73-08, Fiat 128; DA-68-95, Fiat 600 D; BF-52-25, Fiat 600 D; HD-34-68, Fiat 600 D; BB-85-76, Datsun 1200; BB-42-85, Datsun; SN-46-47, Morris 850; ID-74-91, Rover 2000; BM-38-12, Honda 600; DB-63-79, Anglia; GC-71-89, Ford Transit; HE-72-61, Mercedes Benz; 445-MT-25, Peugeot; FL-96-35, Rover; LN-14-90, Mathies.

HOSPITAL

Faleceu no Hospital de S. José, para onde entrara há dias, como noticiámos, José da Costa, de 72 anos, trabalhador, residente em Areias, Ferreira do Zêzere, que fora atropelado por uma motoreta, naquela vila. Recolheu ao Instituto de Medicina Legal, por ter chegado já morto ao Hospital de S. José, Adílio Manuel de Sousa, de 47 anos, operário, residente na Rua Ferreira Palha, 8,1.º ao Dafundo, que adoeceu subitamente em casa.

Agredido com uma enxada

Recolheu ao Hospital de Santa Maria em estado grave, José Rosário Anastácio, de 54 anos, morador no lugar do Reguengo Grande, Lourinhã, que foi agredido à enxadada na cabeça, por um irmão, após uma discussão, naquela localidade.

Militares feridos

Na Avenida Infante D. Henrique chocaram dois automóveis. Do acidente resultou terem ficado feridos os ocupantes de um dos carros, que era conduzido por Manuel António de Sá, de 23 anos, furriel miliciano do Exército, morador em Moncorvo, que seguia acompanhado de Arménio Lino Martins, de 22 anos 1.º cabo miliciano, residente em S. Julião, Bragança. Socorridos numa automaca do 115, foram transportados ao Hospital de S. José, onde os dois ficaram internados, muito traumatizados.

Vítimas de acidentes de viação

Recolheram ao Hospital de S. José, muito traumatizados, Sidónio Vilarinho Alves, de 44 anos, operador, morador na Rua dos Cordoeiros, 41,1.º, que foi atropelado por um automóvel, na Docapesca, em Pedrouços; e José Lopes Duarte, de 25 anos, motorista, morador na Rua dr. José António de Almeida, 38, no Cacém, que foi vítima do choque da camioneta que conduzia com outra na Venda das Raparigas.

NO PORTO

Emancipação da mulher em colóquio

A emancipação da mulher, de que tanto se fala, é uma pretensão sem grande significado, porque o que está em causa é, conjuntamente, a emancipação do homem e a revisão de toda uma mentalidade — afirmou-se ontem na Associação de Pais da Senhora da Hora, num colóquio sobre a mulher, promovido por aquela colectividade, a propósito do Dia Mundial que agora se comemora.

Embora o número de mulheres presentes, o que foi considerado como significativo, fosse inferior ao dos homens, o que pareceu inicialmente comprometer o debate, todos entenderam que o problema era comum a ambos os sexos e que só interligados os problemas podiam ser discutidos.

Nas intervenções, que foram em grande número, salientou-se tanto a importância que uma associação podia desempenhar no esclarecimento deste problema, na vantagem de promover, com regularidade, encontros com os pais (homens e mulheres) da Senhora da Hora.

Foi especialmente salientada a diferença de educação que é proporcionada aos dois sexos desde a infância, a utilização da mulher como símbolo publicitário, as desigualdades no trabalho, etc., com elementos concretos que traduzem uma inferioridade de tratamento exercido em desfavor da mulher.

Numa outra intervenção, que deu lugar a interessante debate, considerou-se que o problema da emancipação da mulher se define no plano do trabalho, em que historicamente ela foi vencida pelo homem.

Enquanto este tomou o domínio da natureza e da produção de bens, tornando-se suficiente, a mulher foi renegada para plano secundário, cada vez mais afastada do trabalho social em paridade com o homem.

LUTA DE CINCO HORAS COM UMA BALEIA

HORTA, 10 (ANI) — Depois de arpoada nos mares da ilha do Pico, uma baleia «aproou» ao alto mar, percorrendo mais de duas milhas, levando a reboque a canoa que a arpoara, a de mestre Manuel Vaidoca, da Calheta de Naquim.

Depois de cinco horas de luta com o cetáceo, sem que este mostrasse quaisquer sinais de fadiga, embora estivesse a perder muito sangue, o arpoador, já com a noite a cerrar-se, teve de cortar a linha.

A baleia acabou por encalhar no Monte da Guia, na ilha do Faial.

HOMENAGEM NA JUVENTUDE DE GALÍCIA

Fernando Almeida e Maria Margarida, locutores da Rádio Renascença, foram ontem à noite homenageados pela Juventude de Galícia com um jantar, em restaurante da capital.

Esta homenagem proporcionada pela conhecida casa regionalista deve-se ao trabalho dos dois locutores que sempre têm procurado divulgar a música, a arte e as actividades galegas.

DUAS LISTAS NAS ELEIÇÕES DO GRÉMIO DAS FARMÁCIAS

No próximo dia 15, realizar-se-ão as eleições dos corpos directivos do Grémio Nacional das Farmácias para o triénio 1974/76.

Concorrem duas listas. Os pontos fundamentais do programa da lista A — que tem o patrocínio da direcção actual — são: estimular a participação dos agremiados na vida gremial; garantir a defesa dos interesses económicos das farmácias; e assegurar o direito de livre escolha da farmácia. Quanto à lista B, o seu programa define-se em três pontos, a saber: aumento do lucro de comercialização; fazer regressar à farmácia as especialidades farmacêuticas que são vendidas por estranhos à profissão; tornar operantes os serviços do Grémio, fazendo o diálogo com todos os consócios espalhados pelo país e dar uma maior autonomia às secções gremiais do Porto, Coimbra e Ilhas Adjacentes.

São os seguintes os nomes que integram cada uma das listas candidatas. Para a direcção da lista A: dra. Maria do Castelo Mendes Correia, drs. Alcindo Assunção Teixeira, Luís Fernandes Seixas Tomás, João de Matos, Eurico Figueiredo Pais, dra. Maria Luísa Rosado Pinto e dr. Mário Medeiros de Almeida. Para a Assembleia Geral: drs. António Sousa Macedo, José Augusto Almeida Nifo, e Américo Henriques Luís. As pessoas que integram a lista B são as seguintes: para a direcção: drs. José Joaquim Marques do Nascimento, António Marques Borges Nunes, Desidério Nunes Correia, Joaquim José Acabado Janeiro, Mário Simões Pires, José Afonso Diogo e Brás Barreiros Maymone. No que respeita à Assembleia Geral é a seguinte a sua constituição: dr. Dâmaso José da Silva Gomes e drs. Alberto Correia Ralha e José Pinto Coelho de Freitas.

GEORG SOLTI

Maestro titular da Orquestra Sinfónica de Chicago, único maestro laureado pela ACADEMIE FRANÇAISE DU DISQUE 7 vezes GRANDE PRÉMIO DO DISCO MUNDIAL, celebrou em 1973 **25 anos de contrato exclusivo com a DECCA.**

VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

COMPANHIA DOS GRANDES ARMAZÉNS ALCOBIA, SARL

Informa os seus exmos. clientes e amigos que a partir da próxima segunda-feira 11 de março encerra o seu estabelecimento na rua ivens, 14 lisboa, por motivo de obras.

PARA SI UMA NOVA DISCOTECA AGORA NO EDIFICIO CASTIL facil acesso parque privativo

VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

ACÇÃO NACIONAL DA JUVENTUDE

UMA ORGANIZAÇÃO COM FINALIDADES DE FORMAÇÃO POLÍTICA

Está marcada para os próximos dias 23 e 24, nas instalações da F. N. A. T., na Costa da Caparica, a primeira assembleia geral da Acção Nacional da Juventude, associação recentemente constituida com o propósito de desenvolver actividades que possam contribuir para a formação política dos seus associados.

Segundo os estatutos, já aprovados, a nova organização aceita como princípios fundamentais o «respeito da pessoa humana», a «defesa da instituição familiar, base de conservação e de desenvolvimento da Nação ede disciplina e harmonia social», a «existência da propriedade privada e da livre iniciativa como meios de realização individual, limitadas contudo pela sua função social», a «existência e o exercício do poder legitimamente constituido» e a «necessidade de defesa intransigente da unidade nacional».

Propõe-se a A. N. J. estimular em todos os jovens o espírito de participação activa, na vida pública e social do país, com vista a uma colaboração consciente na resolução dos problemas nacionais. Surge assim a associação como um instrumento de participação, colaboração e acção. Para o integral desempenho das suas atribuições, a organização estrutura-se em termos de dar prossecução aos seus fins à escala nacional, podendo para tanto aceitar a filiação de instituições de objectivos idênticos.

Vai a assembleia geral eleger os membros que constituirão os órgãos da associação, debruçar-se sobre as finalidades e meios de acção e intensificar o espírito de cooperação entre todos os sócios, procedendo ainda à proclamação do primeiro sócio honorário. No primeiro dia, além da sessão de abertura, em que se apresentam os relatórios da comissão organizadora, efectuam-se duas reuniões de trabalho e um colóquio sobre o Ultramar português, dirigido pelo ministro Rebelo de Sousa. O programa do segundo dia compreende uma reunião do conselho geral e mais duas sessões de trabalho e a de encerramento, na qual tomam posse os primeiros dirigentes da A. N. J. Está também prevista a discussão de alterações aos estatutos.

O CASO DA DEMOLIÇÃO DA PRAÇA DE TOIROS DE ALGÉS

Como já foi noticiado, estão interrompidas as obras de demolição da praça de toiros de Algés, ordenadas pela Câmara Municipal de Oeiras.

De facto, depois de destruída mais de metade da praça, o «bulldozer» teve de ser retirado do local, devido à existência de toneladas de sucata sob as bancadas, propriedade do guarda da antiga arena, também negociante de ferro-velho.

Além do mais, este continua a morar na praça, numa habitação com telefone e electricidade, alegando que, com a mudança que será forçado a fazer, perderá mais de 100 contos.

Em contacto com o Município oeirense, nada conseguimos apurar quanto à data provável do recomeço das obras, tendo-nos sido adiantado que seria «em breve». Entretanto, parece haver da parte da C. M. O. alguma relutância em referir o assunto, antes de uma reunião com a Imprensa que o seu vice-presidente conta promover dentro de poucos dias.

Como o nosso jornal oportunamente noticiou, encontra-se naquela edilidade um processo para a construção de um complexo urbanístico com duas torres de 35 pisos, restaurante panorâmico, «aparthotel», escritórios, residências e parques para 600 automóveis. E sobre este anteprojecto e também àcerca do realojamento das famílias a morar em barracas na zona da referida praça de toiros que o vice-presidente do Município de Oeiras se irá pronunciar na aludida conferência de Imprensa.

O subsecretário das Comunicações no Porto

O subsecretário de Estado das Comunicações e Transportes, dr. Pupo Correia, visita ao fim da tarde de hoje, no Porto, a IX Exposição Filatélica Nacional «Invicta 74», presidindo depois ao jantar de encerramento do mesmo certame, no Grande Hotel, no qual se fará a distribuição de prémios.

Amanhã, aquele membro do Governo efectuará diversas visitas de trabalho na zona portuária do Douro, deslocando-se da parte da manhã ao cais de Gaia, ao terminal para petroleiros e, após passagem pela doca de recreio, ao Serviço de Comunicações e ao Posto Central e Radar Portuário, e durante a tarde, sucessivamente, ao local do cais para contentores, à doca n.º 1 Norte (cais em reparação), ao novo cais de 370 metros da doca n.º 2 Norte, à doca n.º 4 (ponto onde se iniciarão em breve as obras), à doca n.º 2 Sul (terminal provisório para contentores), ao cais da doca n.º 2 Sul, à doca n.º 1 Sul (cais em reparação), aos trabalhos de demolição do cabeço Sul da doca n.º 1 integrados na empreitada do cais para contentores, ao porto de pesca e ao cais do molhe Sul.

O CURSO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA VISITOU A SIDERURGIA

Os oficiais que frequentam o Curso Superior Naval de Guerra visitaram as instalações da Siderurgia Nacional.

Recebidos no complexo fabril do Seixal por um dos seus administradores, ouviram uma palestra sobre a localização, natureza, características, possibilidades e planos de expansão das instalações, percorrendo depois os sectores principais daquele conjunto industrial, para observação das diversas fases da actividade ali desenvolvida.

A administração da Siderurgia obsequiou os visitantes com um almoço, registando-se, depois, esclarecedora troca de impressões sobre os vários aspectos do problema siderúrgico português na actual conjuntura, com especial relevo para o abastecimento de matérias-primas e para a necessidade de a Marinha de Guerra assegurar a liberdade de utilização das rotas oceânicas correspondentes.

MANIFESTAÇÃO DE PROTESTO CONTRA A EXECUÇÃO DE PUIG

Ontem, cerca das 13.15, registou-se uma manifestação de protesto contra a execução de Salvador Puig Antich, nas imediações do escritório de vendas da companhia aérea espanhola «Ibéria», na Rua Rosa Araújo, em Lisboa. A polícia dispersou os manifestantes que, entretanto, tinham partido os vidros das montras daquela companhia.

ESCRITÓRIOS

ALUGAM-SE

No Chiado, em prédio totalmentee remodelado, alcatifados, acabamentos de luxo, elevador, aquecimento, porteiros das 8 às 22 horas. R. Garrett, 80.

do seu apartamento...
o esplendor da Marina

E o privilégio de estar em
VILAMOURA

- pinhais maravilhosos e uma extensa praia com cerca de 3 km
- magníficos campos de golfe, ténis, centro hípico, piscinas...
- casino a partir de Abril 1974
- marina com capacidade para 507 barcos (1000 na primeira fase) modernamente equipada para apoio à náutica desportiva

e próximo de sua casa, a vida elegante de um porto de recreio

VILAMOURA

Sem compromisso queira enviar-nos informações mais detalhadas acerca de:
Nome
Morada
LUSOTUR-Soc. Financeira de Turismo, S.A.R.L.
Rua Tomás Ribeiro, 50-2.º – Tel. 537057
Telex: 12616 Lusef P – Lisboa 1 DL

VISITE-NOS NO 8º SALÃO NAUTICAMPO 74

LATRATORIA - TURISMO E HOTELARIA, S.A.R.L.

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de trinta e um de Janeiro de mil novecentos setenta e quatro, lavrada de folhas oitenta e seis a noventa e três do Livro H - quinze de notas deste OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA, a cargo do Notário Licenciado Eduardo António Correia de Azevedo, foi constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, que se há-de reger pelos seguintes Estatutos:

CAPÍTULO PRIMEIRO

DENOMINAÇÃO, DURAÇÃO, SEDE E OBJECTO

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de LATRATORIA — TURISMO E HOTELARIA, S. A. R. L., e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

ARTIGO SEGUNDO

UM — A sociedade tem a sua sede em Lisboa, provisòriamente, na Rua Artilharia Um, números setenta e nove a oitenta e cinco, freguesia de S. Mamede, e terá as sucursais, agências, delegações e qualquer outra espécie de representação social onde, quando e nas condições que o Conselho de Administração decidir.

DOIS — Quando os interesses da sociedade o aconselem, a sua sede social poderá ser transferida para qualquer outra parte do território português, por resolução do Conselho de Administração.

CAPÍTULO SEGUNDO

UM — A sociedade tem por objecto social imediato as actividades de exploração hoteleira, com inclusão de restaurantes.

DOIS — Poderá, porém, exercer qualquer outra actividade comercial ou industrial, permitida por lei, quer directamente quer através de participação em outras sociedades já constituídas ou a constituir.

CAPITAL SOCIAL, ACÇÕES E OBRIGAÇÕES

ARTIGO QUARTO

UM — O capital social é de SETECENTOS MIL ESCUDOS, inteiramente subscrito e realizado, em dinheiro, dividido em setecentas acções do valor nominal de mil escudos cada uma.

DOIS — As futuras emissões serão objecto de autorização da Assembleia Geral, que estabelecerá, entre outras, as condições de subscrição.

TRÊS — Nos aumentos de capital, os accionistas terão direito de preferência, na proporção das acções que possuírem.

ARTIGO QUINTO

UM — As acções serão nominativas ou ao portador, reciprocamente convertíveis, a pedido e a expensas dos respectivos titulares.

DOIS — Poderá haver títulos de uma, cinco, dez, cinquenta, cem e quinhentas acções, os quais serão sempre assinados por dois administradores, podendo uma das assinaturas ser aposta de chancela.

ARTIGO SEXTO

A sociedade poderá adquirir acções e obrigações, próprias ou alheias, e realizar sobre elas quaisquer operações convenientes aos interesses sociais, nos termos legais e com observância do disposto no artigo décimo nono.

ARTIGO SETIMO

A sociedade poderá emitir obrigações nos termos legais e nas condições que forem deliberadas pela Assembleia Geral, especialmente convocada para o efeito.

CAPITULO TERCEIRO

ADMINISTRACÃO

ARTIGO OITAVO

UM — A administração da sociedade será exercida por um Conselho de Administração, composto de três membros, um dos quais será o presidente.

DOIS — Quando assim o entender conveniente, o Conselho de Administração poderá designar, de entre os seus membros, um administrador-delegado, fixando os limites do respectivo mandato.

ARTIGO NONO

É da competência do Conselho de Administração, ouvido o Conselho Fiscal e sob reserva da aprovação da primeira Assembleia Geral que vier a realizar-se, prover os lugares de eleição vagos no mesmo conselho e providenciar sobre a substituição temporária de algum administrador impedido.

ARTIGO DECIMO

UM — O Conselho de Administração terá, para gerir os negócios da sociedade, os mais amplos poderes de administração, limitados sòmente pela legislação em vigor e pelas disposições dos presentes estatutos.

DOIS — O Conselho de Administração reunirá sempre que for convocado pelo seu presidente, por sua iniciativa ou a requerimento de dois administradores.

TRÊS — As deliberações do Conselho de Administração, para serem válidas, carecem de ser tomadas por maioria de votos dos seus membros, presentes ou representados.

ARTIGO DECIMO PRIMEIRO

O Conselho de Administração ou o administrador-delegado, este mediante prévio consentimento daquele conselho, poderão delegar, total ou parcialmente, os seus poderes em directores, gerentes ou procuradores; e a sociedade poderá constituir procuradores, nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial, ou para quaisquer outros fins, mediante procuração.

ARTIGO DECIMO SEGUNDO

UM — A sociedade fica obrigada, nos seus actos e contratos:

a) — pelas assinaturas de dois administradores;

b) — pela assinatura de um administrador, conjuntamente com a de um director, gerente ou procurador, nomeado nos termos do artigo anterior, dentro dos limites dos respectivos mandatos; ou, ainda,

c) — pelas assinaturas de dois directores, gerentes ou procuradores, nomeados nos termos do artigo anterior.

DOIS — Nos actos de mero expediente, é suficiente, indiferentemente, uma só assinatura.

ARTIGO DECIMO TERCEIRO

Os membros do Conselho de Administração deverão caucionar o exercício do seu cargo, depositando dez acções, na sede social ou à exclusiva disposição da sociedade, na instituição de crédito que esta indicar.

CAPITULO QUARTO

FISCALIZAÇÃO

ARTIGO DECIMO QUARTO

UM — A fiscalização da sociedade será exercida por um Conselho Fiscal, constituído por um presidente, dois vogais efectivos e um suplente, nos termos da lei.

DOIS — Por deliberação da Assembleia Geral, poderá em qualquer altura ser entregue a fiscalização da sociedade a revisores oficiais de contas ou a uma sociedade de revisão de contas, verificado o condicionalismo legal.

TRÊS — Se a Assembleia Geral deliberar proceder de acordo com o disposto no número anterior, deverá fixar a data em que o Conselho Fiscal eleito cessará as suas funções.

CAPÍTULO QUINTO

ASSEMBLEIA GERAL

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

UM — A convocação da Assembleia Geral deverá ser feita por meio de anúncios, assinados pelo presidente da Mesa ou, no seu impedimento, pelo primeiro secretário, e publicados nos termos da lei, com, pelo menos, quinze dias de antecedência, dela dando-se conhecimento a todos os accionistas.

DOIS — Para que a Assembleia Geral, ordinária ou extraordinária, esteja regularmente constituída em primeira convocação, é preciso que os accionistas presentes ou representados sejam titulares de, pelo menos, sessenta por cento do capital social, sem prejuízo do que se dispõe no artigo décimo nono.

TRÊS — Desde que regularmente convocada e constituída, a Assembleia Geral representa a totalidade dos accionistas, sendo as suas deliberações obrigatórias para todos eles, mesmo para os ausentes, dissidentes e interditos.

QUATRO — A Assembleia Geral poderá ser convocada a pedido do Conselho de Administração, do Conselho Fiscal ou a requerimento de accionistas que representem a maioria do capital social.

CINCO — Em segunda convocatória, a Assembleia Geral deliberará qualquer que seja o número de accionistas presentes ou representados.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO

UM — Só poderá fazer parte da Assembleia Geral o accionista que tiver averbadas em seu nome ou depositadas na sede social ou em outros lugares indicados pelo Conselho de Administração, pelo menos, dez acções, até cinco dias antes da data marcada para a reunião.

DOIS — Os accionistas possuidores de menos de dez acções poderão agrupar-se de forma a completarem o número exigido, desde que se façam representar por um só deles.

TRÊS — Os accionistas com direito a tomar parte na Assembleia Geral, poderão fazer-se representar por outros accionistas nas mesmas condições.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO

As deliberações da Assembleia Geral serão tomadas por maioria dos votos presentes ou representados, cabendo um voto a cada dez acções, salvo os limites fixados na lei e no artigo décimo nono destes Estatutos.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

A Mesa da Assembleia Geral será constituída por um presidente e dois secretários.

ARTIGO DÉCIMO NONO

UM — As deliberações relativas à fusão, cisão e dissolução da sociedade, à alteração dos estatutos e ao aumento de capital social, só serão válidas quando tomadas em Assembleia Geral por, pelo menos, dois terços dos votos representativos do capital social.

DOIS — Nas deliberações relativas a eleições para órgãos sociais, observar-se-ão as seguintes disposições:

a) — As eleições só serão válidas quando tomadas por voto favorável de, pelo menos, cinquenta e um por cento da totalidade do capital social, ficando, todavia, assegurado aos accionistas que, individual ou conjuntamente, representem, pelo menos, quarenta por cento da totalidade do capital social, a faculdade de poderem indicar, para figurar no Conselho de Administração, uma pessoa da sua escolha, — para figurarem entre os membros efectivos do Conselho Fiscal duas pessoas da sua escolha, e, para figurar na comissão de fixação de vencimentos, uma pessoa da sua escolha, não podendo os demais accionistas opor-se a estas indicações, pelo que as pessoas indicadas deverão obrigatòriamente fazer parte dos órgãos sociais para que forem designadas;

b) — Para efectivação desta faculdade, o presidente da Mesa, ou quem estiver a substituí-lo, deverá previnamente ao acto eleitoral, advertir os accionistas que possam preencher as condições previstas na precedente alínea, para que indiquem as pessoas que desejam escolher para os aludidos órgãos sociais, se o quiserem fazer, ficando entendido que, na falta de tal indicação, prescindem imediatamente do exercício da faculdade em causa, o que tudo deverá ficar consignado em acta.

PARÁGRAFO ÚNICO — Na falta de acordo nos termos do número precedente para o preenchimento dos novos órgãos sociais da sociedade, manter-se-ão em exercício, até ser possível proceder à sua eleição consoante determinam os estatutos, os órgãos sociais anteriormente eleitos.

CAPÍTULO SEXTO

ANO FINANCEIRO E DIVISÃO DE LUCROS

ARTIGO VIGÉSIMO

O ano financeiro coincidirá com o o ano civil.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO

A aplicação dos lucros líquidos, apurados pelo balanço, será anualmente votada pela Assembleia Geral Ordinária, depois de deduzidas as verbas obrigatórias por lei.

CAPÍTULO SÉTIMO

DISPOSIÇÕES GERAIS

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO

UM — Todos os membros dos corpos sociais serão eleitos pelo período de três anos e sempre reelegíveis.

DOIS — As suas funções serão remuneradas, nos termos em que forem fixados por uma comissão de vencimentos, eleita pela Assembleia Geral.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO

Podem fazer parte dos órgãos sociais quaisquer sociedades comerciais, desde que representadas por um só dos seus administradores, directores ou gerentes, ou por pessoa munida de mandato especial para tal fim.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO

Todas as representações de accionistas ou de membros dos órgos sociais, a que estes estatutos se referem, poderão efectuar-se através de simples carta, de cuja validade decidirá quem presida às reuniões onde as mesmas forem apresentadas, salvo nos casos em que a lei ou os próprios estatutos exigirem forma diferente.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO

Em caso de dissolução, a Assembleia Geral, que nomear os liquidatários, determinará o modo de efectuar a liquidação.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO

A nulidade de qualquer cláusula ou condição que conste ou venha a constar dos estatutos desta sociedade, não invalida as demais nem o próprio contrato social.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO

Os casos omissos nos presentes estatutos serão regulados pelas disposições legais aplicáveis e pelas deliberações tomadas pela Assembleia Geral.

CAPÍTULO OITAVO

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO

Fica, desde já, convocada a Assembleia Geral desta sociedade para eleição dos corpos gerentes, que hão-de servir durante o primeiro triénio, que terminará em trinta e um de Dezembro de mil novecentos e setenta e seis, e da comissão de fixação das remunerações destes, a reunir, na sede social, imediatamente a seguir à outorga e assinatura desta escritura de constituição.

Está conforme com o original na parte fotocopiada, não havendo na parte omitida da dita escritura, nada em contrário ou além do que aqui se reproduz.

Lisboa, seis de Fevereiro de mil novecentos setenta e quatro.

O SEGUNDO AJUDANTE
(Edmundo Edilberto Rumalho)

ECONOMIA NACIONAL

Importação de preparados forraginosos

A importação de preparados forraginosos está a apoiar a política de fomento em curso nas actividades pecuárias nacionais. De Janeiro a Setembro do ano findo, foram importados perto de 15 mil toneladas desses produtos, no valor de 137 mil contos.

Sistema de informação coordenada em Angola

No âmbito das realizações previstas pelo IV Plano de Fomento, vai ser criado em Angola um sistema de informação coordenada, de modo a assegurar a melhor distribuição dos abastecimentos naquele vasto território. O sistema previsto abrangerá a recolha e utilização de informações sobre produção, importação, consumo, e preços, com vista à estabilização e ordenação dos circuitos distribuidores.

Investigação aplicada ao desenvolvimento

Segundo informações divulgadas pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, em face de informações recolhidas em inquérito recente, revelam que, em 508 empresas metropolitanas inquiridas apenas 183 declararam manter serviços regulares de investigação aplicada ao desenvolvimento, tendo sido investidos, com essa finalidade, cerca de 214 contos, em 1972. Esta verba representa um aumento de 15 por cento em relação ao ano anterior. Assinala-se também que as indústrias transformadoras absorveram cerca de 78 por cento dos investimentos efectuados em tal domínio, destacando-se as indústrias químicas com a parcela de 44 mil contos.

Area de cultivo do milho.

Tem continuado a decrescer a área de cultivo do milho no nosso País. Na campanha de 1972-73, por exemplo, ela foi apenas de 354 mil hectares, o que representa um decréscimo de 9 por cento em relação ao ano anterior e de 20 por cento relativamente à média do último decénio. Quanto à produção obtida, cifrou-se em 530 mil toneladas, apenas inferior em três por cento à média dos últimos dez anos. O rendimento conseguido foi de 164 mil quilos de milho por hectare semeado, excedendo em 9 por cento a média tradicional.

Plano do Zambeze

O Gabinete do Plano do Zambeze, em Moçambique, tem vindo a preparar diversos projectos nos sectores das indústrias extractivas e transformadoras desse Estado. Tais trabalhos têm contado com o apoio e colaboração de diversas entidades, como a Direcção de Geologia e Minas de Moçambique, o Instituto Nacional de Investigação Industrial, o Laboratório de Engenharia Civil e as Universidades de Lourenço Marques, Luanda e Porto.

Produção e refinação de açúcar em Angola

Um núcleo industrial para a produção e refinação de açúcar na escala prevista de 100 mil toneladas anuais, vai ser criado em Angola. A sua localização está em estudo, devendo o núcleo ser acompanhado de um plano de reconversão dos agricultores indígenas nas áreas da sua projecção económica.

Supermercados: uma actividade em expansão

A mais importante cadeia de supermercados em actividade em Portugal registou em 1970 um total de vendas de 80 mil contos; esse montante elevou-se depois a 400 mil e 900 mil contos, respectivamente em 1971 e 1972, alcançando em 1973 o valor global de um milhão e meio de contos.

Relações comerciais Portugal-Suécia

Segundo informações tornadas públicas pelo Gabinete de Divulgação Económica, a Suécia forneceu-nos, nos primeiros dez meses de 1973, mercadorias no valor de dois milhões e oitenta e oito mil contos. Recebeu, em contrapartida, exportaçõs de produtos portugueses no valor de um milhão e 977 mil contos.

Estruturação do comércio de mercadorias

Pelo **grupo de trabalho** criado na Secretaria de Estado do Comércio para estudo da nova estruturação do comércio de mercadorias, foi recentemente enviada ao Gabinete de Planeamento da mesma Secretaria do Estado, uma proposta da Corporação do Comércio relativa aos mercados municipais, projecto de regulamento de vendedores ambulantes e regulamento de feirantes. Os textos envolvem possíveis soluções para problemas que são desde há muito debatidos na esfera das actividades comerciais do País.

Fábrica de cerveja em Bissau

Foi há pouco inaugurada em Bissau a primeira fábrica de cerveja da Guiné Portuguesa. Tendo sido investidos 120 mil contos na sua primeira fase, a nova unidade fabril é já a maior da província.

Disponibilidades portuguesas de urânio

Os recursos de urânio detectados na região da Guarda prefazem o total aproximado de 1400 toneladas exploráveis, encontrando-se dispersos por 57 jazigos. Por sua vez, as disponibilidades verificadas elevam-se respectivamente a 3800 toneladas na Urgeiriça e 3600 no Alto Alentejo, localizando-se respectivamente em 23 e 21 jazigos.

Cimentos de Moçambique

Vai ser montada na fábrica da Matola, próximo de Lourenço Marques, uma quarta linha de fabrico, com a capacidade de produção de 2 mil toneladas por dia (700 mil anuais). Para esse efeito, foi assegurado à empresa promotora da iniciativa, no Banco de Fomento Nacional, um crédito de financiamento no montante de 400 mil contos, sob garantia de uma organização sul-africana que apoia a realização.

O PROBLEMA DA ÁGUA EM SINTRA PREOCUPA A CÂMARA MUNICIPAL

O abastecimento de água ao espaço concelhio e o saneamento são dois sectores sobre os quais incide fundamentalmente a actuação da Câmara Municipal de Sintra. Toda a atenção converge para a resolução do dramático problema estival da falta de água. Além das obras na rede hídrica do concelho, os Serviços Municipalizados de Sintra empreendem actualmente a tarefa de procurar água no subsolo.

O esquema das obras que se encontram já concluídas, por iniciar ou já iniciadas, correspondentes à primeira fase do ano de 1974, atinge no concelho de Sintra, a importância de 48 014 contos. Cerca de cinquenta por cento desta quantia (23 085 contos) serão utilizados em obras de abastecimento de água e saneamento.

No que respeita à electrificação da região, vão ser dispendidos 500 contos. 11 449 contos serão dedicados à rede viária municipal; e noutras obras serão gastos 12 980 contos.

Mas o problema mais preocupante para o Município de Sintra é a falta de água que nos meses de Verão atinge gravíssimas proporções. Para além das obras já empreendidas e destinadas a melhorar a rede de distribuição, permitindo uma maior abundância do precioso líquido, mesmo quando os caudais enviados de Lisboa são os normais, a Câmara Municipal de Sintra adjudicou já, numa primeira fase, mais uma série de remodelações, extensivas ao saneamento.

Importantes melhoramentos

Essas remodelações são as seguintes: abriu-se recentemente concurso para as obras de construção do Reservatório de Ouressa (Mem Martins) e do respectivo equipamento electromecânico, que permitirá uma melhoria local do abastecimento, pela quantia de 800 contos.

Edificação dos reservatórios de Agualva (melhoria local de abastecimento e Bairro do Fundo de Fomento da Habitação), por 3.500 contos; conduta da Idanha (reservatório da zona do Alto Norte, melhoria geral de abastecimento e bairro F.F.H.), por 2.715 contos; conduta de aduação e distribuição na Rinchoa (melhoria geral de abastecimento), por 600 contos; conduta de Venda Seca/Mercês (melhoria geral de abastecimento), por 3.468 contos.

Decorrem neste momento as seguintes obras: instalação da Central Elevatória de Venda Seca (melhoria geral de abastecimento e bairro F.F.H.), por 1.230 contos; conduta Belas-Idanha (melhoria geral de abastecimento e bairro F.F.H.), por 1.700 contos.

Pela quantia de 2.400 contos vai ser aberto concurso para o abastecimento de água à zona de D. Maria (Almargem do Bispo), cuja estimativa é de 3.500 contos.

Obras de electrificação

Neste momento estão em curso as obras referentes aos núcleos de Alcolombal de Cima e Alcolombal de Baixo, por 200 contos; e Areias, A-do-Longo e Amoreira, por 300 contos. Encontram-se aguardando comparticipação, vários trabalhos em pequenas povoações.

Rede viária

Decorrem presentemente ou estão em fase de conclusão as seguintes obras em estradas e caminhos municipais: Lanço E.M. 45 — Vale de Lobos, por 800 contos; acesso à Lixeira (Vale Mourão), por 305 contos; S. João das Lampas/E.M. 602, por 1.015 contos; C.M. 247/A-do-Longo, por Areias, por 1.127 contos.

Estão adjudicadas: pavimentação e esgotos da estrada de Mem-Martins/E. N. Lisboa-Sintra, por 1900 contos; a pavimentação — Tapete asfáltico da Av. Frederico Ulrich, na Portela de Sintra, por 265 contos; a concepção/obra da passagem inferior do caminho-de-ferro, em Mem Martins, 5000 contos, importância estimada.

Arruamentos

Encontram-se em fase adiantada de construção: Av. da Boavista, em Mem Martins, por 117 contos; Rua da Corga, na Várzea de Sintra, por 40 contos; Rua de Janas, por 100 contos; Rua das Acácias, na Rinchoa, por 80 contos; Rua de Assafora e Cortezia, por 300 contos, Ruas de Magoito, por 110 contos; Arruamentos em Almargem, por 90 contos.

Obras diversas

Projectos em curso; Pavilhão para oficina e recolha de viaturas (estimativa) 2000 contos; mercado do Cacém (que aguarda aprovação final), 3000 contos, valor estimado; cemitério do Algueirão (estimativa), 1500 contos; adaptação do hotel Costa (2.ª fase), 2000 contos; obras de adaptação do Casalinho de Santo António, 400 contos; obras de adaptação da antiga serração na Volta do Duche, 250 contos; construção do edifício para instalação dos Serviços do Bairro Administrativo de Queluz e outros serviços (1.ª fase correspondente a estudos), 150 contos; construção da Rua 9 de Abril em Queluz, por 500 contos.

Com projecto em curso ou já adjudicados: Parqueamento junto à estação dos caminhos-de-ferro, em Sintra, 180 contos; escola primária, tipo especial, na Portela de Sintra, 800 contos. Obras concluídas: casas de renda económica, em Massamá (18 fogos), por 2200 contos.

Procurar água

Os Serviços Municipalizados de Sintra prosseguem as suas pesquisas no sentido de encontrar água no subsolo da região. Em Vale de Lobos mantêm-se negociações com os proprietários dos terrenos, onde o líquido essencial existe em quantidade digna de exploração. O que não acontece em Negrais, onde o caudal não oferece hipótese de rentabilidade.

Quanto à antiga nascente de Azenhas do Mar, que servirá igualmente a Praia das Maçãs, os Serviços Municipalizados procedem actualmente às tarefas de elevação e tratamento de água, à instalação de um chafariz e à construção de um pequeno reservatório.

A actuação dos Serviços incide ou incidirá ainda sobre a Quinta Grande, no Sabugo, e no abastecimento de água a Ulgeira e Azóia.

O PRÉMIO MONTAIGNE PARA NEMÉSIO

No próximo dia 13 do corrente, em cerimónia a efectuar no Auditório Dois da Fundação Calouste Gulbenkian, o prof. Vitorino Nemésio recebe o prémio Montaigne, instituído pelo octogenário alemão dr. Alfred Toepfer, de Hamburgo, que propositadamente se desloca a Lisboa. O elogio do prof. Vitorino Nemésio será feito pelo dr. Hans Rau, 2.º burgomestre da cidade germânica acima mencionada.

Este prémio, segundo uma nota da Embaixada da República Federal Alemã, «constitui uma homenagem à vasta obra do eminente humanista e cidadão europeu Vitorino Nemésio que, como historiador, professor catedrático, romancista e poeta, como publicista ligado à Imprensa e Televisão, divulgou com grande impacto a cultura lusitana, contribuindo assim para a conservação do património cultural europeu comum.»

O Prémio Montaigne, no valor de 25 000 marcos, é sublinhado por uma medalha de ouro com o retrato de Montaigne.

Importante: os galardoados com este prémio têm o direito de escolher um bolseiro que dedicará os seus estudos na Alemanha a um tema de interesse europeu. O valor da bolsa é de 6 000 marcos. Este ano, a bolsa de estudo será entregue à estudante portuguesa de Germânicas Maria Leonor Faria Mendes.

O Prémio, atribuído desde 1968, contemplou já, entre outras individualidades, Raymon Aron (professor de Sociologia da «Ecole des Hautes Etudes de Paris») e René Maheu (director-geral da UNESCO).

Esta manhã, quantas vezes tornou a pôr espuma nos pontos difíceis?

Nem tudo é facil quando se faz a barba.
É verdade que há partes que não apresentam qualquer problema. Nessas uma passagem de lâmina, basta. Mas nas outras? O pescoço, os ossos da mandíbula, a parte de baixo do queixo...

Aí é preciso passar a lâmina... Tornar a passar... Passar mais uma vez. E já pensou que fez todas essas passagens sem espuma? Porque na primeira passagem, a lâmina só tira uma parte dos pelos, mas a espuma, essa tira-a toda.

Para cortar os pelos sem cortar a pele, seria preciso usar espuma 4 ou 5 vezes.

E quando a barba é feita sem espuma, o resultado não se faz esperar. A lâmina desliza mal – muito mal – e é a pele que sofre as consequências.

É certo que há uma solução: tornar a pôr espuma cada vez que se passa a lâmina.
Mas você não o faz. Nunca o fará. Procurámos uma outra solução. E encontrámo-la: a lanolina.

A lanolina: um lubrificante

A lanolina é um elemento **natural** muito empregado nos produtos de beleza. Penetra na pele em profundidade, hidratando-a, alimentando-a e tornando-a macia.
Estudando-a de mais perto, vimos que a lanolina tinha ainda muitas outras qualidades.
Para começar é bem absorvida pela pele que protege, impedindo-a de secar.. e os ataques das lâminas, cada vez mais afiadas... Hidrata-a. Faz a lâmina deslizar melhor porque nivela as pequenas asperezas da pele.
E este efeito continua enquanto se barbeia porque a lanolina permanece na pele, depois da lâmina ter tirado a camada superficial da espuma.
Finalmente – e é importante – alimenta a pele e prepara-a, dia após dia, para a barba do dia seguinte.
Foi por todas estas razões que empregámos a lanolina na espuma para barbear WILLIAMS.

Williams utilizou a lanolina porque você não torna a pôr espuma

Quando usa a espuma de barbear WILLIAMS, é como se a tivesse usado em duas camadas.
Uma superficial que contém um certo número de produtos eficazes (como todas as outras espumas), e uma invisivel, à base de lanolina, que pelo seu grande poder lubrificante, continua a fazer deslizar a lâmina quando a primeira camada já desapareceu.
É por isso que com WILLIAMS você não tem necessidade de tornar a pôr espuma nos pontos difíceis. Sem que eles sofram por isso.

Com williams quando já não há espuma, a lanolina fica.

O CASO DAS MENINGITES

A propósito dos casos de meningite que têm surgido em diversos pontos do País a dr.ª Maria Cecília Patuleia que é a responsável pela informação médica no nosso jornal, escreveu o artigo que reproduzimos a seguir e tem o mais vivo interesse. A dr.ª Maria Cecília Patuleia é pediátra e virulogista tendo trabalhado nos Estados Unidos nos últimos quinze anos onde é Fellow da Academia Americana de Pediatria.

Pela Dr.ª MARIA CECÍLIA PATULEIA

O estado de contagiosa ansiedade em que se encontra uma população quando se julga ameaçada por uma doença infecciosa grave, de carácter epidémico, pode constituir um importante problema social.

À excepção da Raiva e da Varíola, nenhuma outra infecção parece poder preocupar e até paralisar de medo tantos seres humanos, como a meningite Cérebro-Espinal Epidémica.

Esse terror, associado à curiosidade imaginativa dos que são leigos no assunto, provoca muitas vezes a disseminação de histórias e boatos que ainda contribuem mais para o histerismo em massa e para o pânico geral, estes dão origem a um número exagerado de perguntas directas e telefónicas, registadas por médicos, hospitais e departamentos de Saúde Pública.

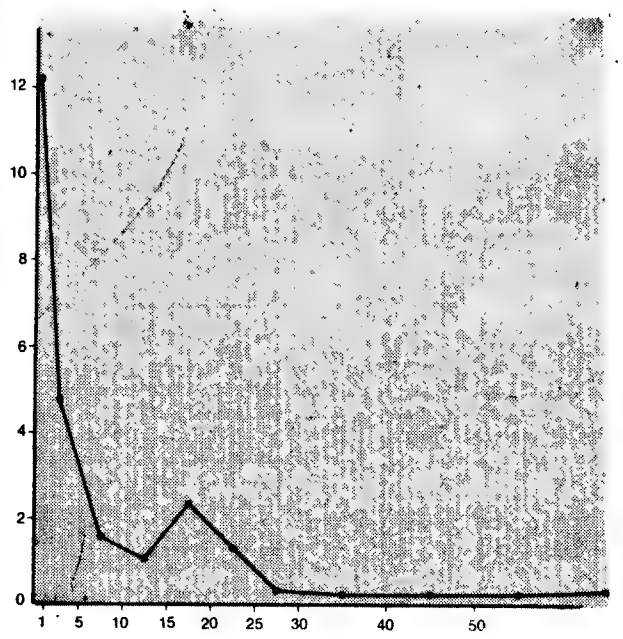
O desassossego colectivo duma população que se considera exposta a uma doença epidémica de conhecida gravidade, justifica não só uma explicação simples e adequada sobre essa mesma doença, mas também sugestões firmes destinadas a dar aos factos o valor que eles merecem.

O que é a meningite

Entende-se por meningite, a infecção das meninges ou membranas que envolvem o cérebro. Duma maneira geral podemos dizer que qualquer agente infeccioso (bactéria, virus, fungo, etc) capaz de se mutiplicar ao nível das meninges, pode ser responsável pela sua infecção.

Algumas meningites são banais e até passam despercebidas, tanto ao médico como à família do doente por exemplo, a que tão frequentemente acompanha os casos de Papeira; outras são graves, sobretudo pelas suas consequências, visto que a doença, em si responde favoravelmente ao tratamento antibiótico apropriado (infecções por Pneumococos, por H. Influenza, certas formas de meningites cérebro-espinal epidémica, etc.). No grupo de máxima severidade são incluidos aqueles casos, aliás não muito frequentes, considerados perigosos para a vida do doente; entre esies destacam-se os chamados quadros fulminantes que, semelhantemente a outras emergências médicas, necessitam de tratamento imediato.

A meningite cérebro-espinal epidémica, de que se têm registado casos no nosso País é produzida por uma bactéria denominada Meningococo ou Neisseria meningitidis. Caracteriza-se por aparecer em surtos epidémicos de dimensões variáveis. Por motivos desconhecidos, o Homem é o único animal capaz de contrair esta doença que pode num número reduzido de casos, manifestar-se sob uma forma grave, fulminante. No entanto em 90 por cento das situações, a infecção por meningococos até é inaparente. A sua frequência acentua-se nas crianças com menos de cinco anos (Quadro I) o que está de acordo com o facto desta doença parecer conferir um certo grau de imunidade.



Incidências dos casos de meningite Cérebro-Espinal Epidémica durante os diferentes meses do ano, nos Estados Unidos da América do Norte.

Na coluna da esquerda: médias mensais por 100.000 pessoas.

A sua incidência máxima anual coincide, habitualmente com o Inverno e a primavera (Quadro II). Predomina nos indivíduos de sexo masculino e tem sido causa de largas epidemias em aglomerados institucionais e quarteis. A propagação da doença faz-se por contacto directo ou inalação de partículas infectadas. A meningite cérebro-espinal epidémica constitui uma das grandes preocupações dos epidemiologistas de todo o mundo, que, incessantemente procuram desvendar os mistérios do carácter epidemiológico e da ocasional gravidade súbita daquela doença. A circunstância de não ser possível transmiti-la aos animais de laboratório tem contribuído para dificultar o seu estudo, em muitos aspectos.

Entre períodos epidémicos, 2 a 5 por cento da população adulta, dos centros urbanos, são portadores de meningococos não activos, na nasofaringe, e, ainda não se sabe quais são os factores que condicionam a sua reactividade nesse mesmo indivíduo nem a susceptibilidade dos indivíduos contagiados.

A infecção por meningococos parece obedecer a uma variação cíclica que condiciona o seu aparecimento durante períodos prolongados, aproximadamente de 10 em 10 anos.

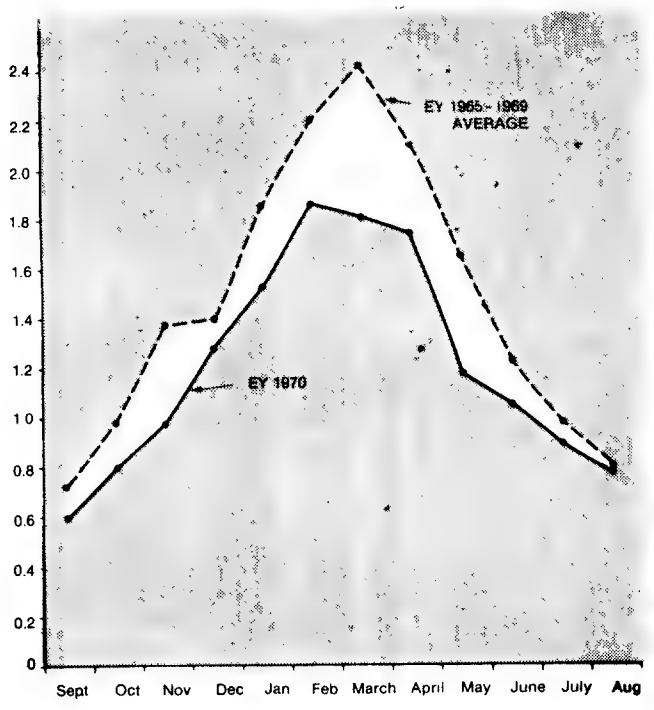
Todos os países, principalmente os de clima temperado, têm, nas suas estatísticas epidemiológicas casos esporádicos ou pequenas epidemias de meningite cérebro-espinal epidémica cujo, número não varia notavelmente de ano para ano. E a média dos casos notificados aos Serviços de Saúde que permite a estes uma apreciação justa da ocorrência.

Com efeito, os departamentos de Saúde Pública dum determinado país são as únicas entidades que possuem suficiente informação para avaliar a importância de qualquer epidemia. Quando essa autoridade não encontra razões para tomar medidas especiais e permanece atenta mas não preocupada, todo e qualquer alarme da parte do público é, não só desnecessário mas também pode tornar-se prejudicial aqueles, que já sofrem de suficiente número de angustias.

A era dos antibióticos e o uso da Heparina trouxeram um aspecto muito menos sombrio à evolução das formas graves de meningite cérebro-espinal epidémica, desde que não haja qualquer demora ou hesitação na instituição do tratamento e se façam os testes de laboratório adequados. **Toda a criança ou adulto suspeitos da doença devem ser observados pelo médico imediatamente.**

Quanto à vulnerabilidade dos indivíduos expostos à doença, como se sabe que a percentagem dos não afectos é largamente superior à das vítima a situaçao não justifica ma receio do que o de andar automóvel. Na realidade, mor muito mais gente em acidente rodoviários do que de meni gite cérebro-espinal epidémi e no entanto a população con nua a andar de carro, **sem de xar que o medo do risco qu corre,** a preocupe. Tambe são tratados nos hospita mais casos de crianças intox cadas com produtos domés cos do que afectadas de meni gite e os armários das coz nhas e das casas de banho co tinuam a guardar substânci com alta probabilidade de transformarem em perigo gr ve.

A ameaça causada pelo a tual surto de meningite cér bro-espinal epidémica é ap nas mais um dos fantasmas somar a outros, mas não maior de todos eles e não exi te nenhuma necesidade de co ferir-lhe mais importância c que na realidade merece.



Incidências dos casos de meningite Cérebro-Espinal Epidémica nas diferentes idades durante o ano de 1969 nos Estados Unidos.

Na coluna da esquerda: percentagem do número de casos.

MUTUAL X

COMPANHIA DE SEGUROS S.A.R.L.

Rua de Fernandes Tomás, 797 — PORTO
Av. Duque d'Ávila, 20-1.º — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL DE 9.000 PARA 30.000 CONTOS

(Autorizado por Portaria publicada no «Diário do Governo» n.º 22 — III Série, de 26 de Janeiro de 1974).

O capital, que se encontra representado por 50.000 Acções de 180$00 cada uma, passa a sê-lo por 100.000 Acções de 300$00 cada, efectuando-se o aumento mediante a incorporação de 6.000 contos de Reservas Livres e os restantes 15.000 contos pela emissão de novas Acções.

SUBSCRIÇÃO DESTINADA AOS ACCIONISTAS

1) 16.666 Acções ao preço de 500$00 cada uma, destinadas a serem subscritas pelos actuais Accionistas, na proporção das que possuirem (uma por cada três); as que não forem subscritas serão rateadas pelos Accionistas que declararem no acto da subscrição estar interessados nesse rateio, sendo atribuídas na proporção das que possuirem.
2) O imposto de mais valias de 6$00 por cada Acção antiga será pago pelo Accionista no acto da entrega das Acções para carimbagem e selagem.
3) O pagamento das novas Acções será feito no acto da subscrição.
4) O período da subscrição decorrerá em 11, 12 e 13 do corrente, nos seguintes locais:

PORTO — Rua Fernandes Tomás, 797
LISBOA — Av. Duque d'Ávila, 20-1.º,
sendo necessário para o efeito a apresentação das Acções antigas.

Porto, 7 de Março de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Siderurgia Nacional, S. A. R. L.

ESCRITURÁRIOS DE 3.ª

Pretende-se admitir para a Fábrica do Seixal

EXIGE-SE:

Habilitações mínimas Curso Geral do Comércio, 5.º ano liceal ou equivalência
Idade até 35 anos
Situação militar cumprida.

OFERECE-SE:

Vencimento a bom nível e outras regalias inerentes à classe.

Os candidatos serão sujeitos a exames médico, profissional e psicotécnico.

Responder para a Secção de Pessoal, Siderurgia Nacional – Paio Pires Seixal.

JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES

IAN HAMILTON FINLAY

Em 1920, Piet Mondrian, Theo Van Doesburg e Anthony Kok (pintores) publicavam em Leiden, na Holanda, o segundo manifesto de «De Stijl» (que para a semana traduzirei), onde se poderia ler uma proclamação que anteciparia, de um ponto de vista teórico, o que viriam a ser posições posteriores do Movimento de Poesia Concreta (um movimento internacional de poesia que radicalmente a aproxima das outras artes gráficas, visuais, auditivas, tácteis, de grupo e que funciona num espaço autónomo do da evolução da «outra» escrita poética nos respectivos países, embora de um modo ou outro vá contaminando os processos de escrita dessa «outra» tradição e situação poéticas). Claro que vários outros autores haviam, no princípio do século, começado a explorar a viabilidade da exploração da palavra na página, mas faziam-no dentro de uma obra que não era unicamente dirigida por essa intenção: na França, Mallarmé com «Un coup de dès» e Apollinaire com «Calligrammes»; nos U.S.A. cummings, num ou noutro poema da sua vasta e radical obra. A achega de pintores a esta situação (Picabia, Duchamp) veio acentuar as possibilidades de exploração conjunta deste processo poético em que a arte verbal da poesia se movimenta não já para o referir as outras artes mas para assumi-las. (Outros nomes, entre quase dezenas, se poderiam referir nesta pré-situação: Marinetti, Paul Klee, Dylan Thomas.)

Mas o fundamental que eu queria acentuar hoje (outros aspectos ficarão para a nota seguinte) é isto:

1 — Nestes autores, os aspectos que a poesia concreta reivindica são processos que ocorrem não dominantemente, ainda que intensamente; não direi, pois, que são situações esporádicas, mas são situações entre outras situações estéticas que constituíam o todo da sua obra. Por isso os teremos unicamente de considerar como precursores.

2 — Para lá destes precursores, em que os aspectos da obra que antecipavam o concretismo coexistiam com outros aspectos de índole diferente e, sobretudo, de índole predominante (muitos, como disse, nas literaturas e artes dos países culturalmente mais avançados, os quais obedeciam a coordenadas típicas do princípio do século com os seus rasgos inventivos e, mesmo, a sugestões que se poderiam remontar ao século anterior, a Novalis por exemplo, se não nos quiséssemos remontar muito antes, ao barroco, uma vez que a circunstância epistemológica era muito diferente), temos que pensar o movimento concretista como existindo a par de uma outra linha inventiva da poesia, em que os discursos e as circunstâncias se continuam ou radicalmente se alteram sem que o concretismo, a não ser ocasionalmente, para isso contribua. Quero dizer: o concretismo é um fenómeno poético que se não pode negligenciar em certas literaturas, mas que não pode de modo nenhum pensar-se como tendo sido ou sendo dominante nessas literaturas; ele é um outro percurso e, quantitativamente pelo menos, minoritário.

São estes dois pontos que me interessa sublinhar para passar a referir o poeta inglês de quem esta semana me ocupo. Ian Hamilton Finlay é um escocês, tal como outro poeta que igualmente tem contribuído para o movimento concretista na Grã-Bretanha, Edwin Morgan, de quem me ocuparei a seguir. A sua obra divide-se, caracteristicamente, em duas zonas fundamentais: uma, inventivamente dentro da situação usual da escrita poética, com poemas curtos e animados de um relativo poder conceptista; outra, radicalmente utilizando o aspecto gráfico da palavra, a sua distribuição na página como jogo e como significação, publicada em edições que já não comportam o livro: são objectos-poéticos feitos numa sua imprensa própria.

Estes dois aspectos da sua obra esquematizam, campo individual, a minha afirmação atrás feita: coexistência de dois processos poéticos opostos. Se podemos pensar em Ian Finlay escrevendo numa primeira fase da sua produção poemas «convencionais» e, posteriormente, poemas dentro de outra convenção, o facto de ele em 1969 republicar os poemas dessa primeira fase esclarece as relações dessa coexistência (como mais obviamente o haveremos de verificar em Edwin Morgan).

Deixarei para a próxima semana a abordagem mais detalhada dos aspectos concretistas (aliás os mais importantes) deste poeta; deixarei igualmente para a próxima semana uma tentativa de mais detalhada referência ao concretismo (embora quem queira aprofundar estes assuntos encontre em «A proposição 2.01» de E.M. de Melo e Castro, na Ed. Ulisseia uma boa reflexão em português). Hoje queria referir apenas poemas seus, dentro dos processos do discurso poético usual. Bem sei que não será por esses poemas que Finlay é reconhecidamente uma figura influente da poesia inglesa. Contudo, será interessante tê-los em conta. Foram publicados durante os anos 60 década em que igualmente, iria publicando os seus vários conjuntos de poemas concretos influenciando, desse modo, o gosto o jeito e a produção de um sector do público e do fazedor de poesia, contribuindo para outra das divisões em que o colectivo público inglês se partilharia durante esses anos: «underground», concretismos, tradicionais.

Os poemas de «Os que dançam herdam a festa» são todos eles em torno de elementos escoceses, centrados nas Ilhas Orkney, onde o poeta descreve a sua casa, inventaria os tranquilos costumes, refere as simplicidades do viver. São textos percorridos de um jogo levemente irónico de situações, os portugueses chamar-lheíam, no bom sentido, brejeirices. O mundo civilizado que às ilhas chega é posto sempre em situações um pouco ridículas de comportamento, de tal modo a intensidade primitiva do local (que o poema recupera) os expulsa de si. São poemas líricos predominantemente curtos, num lirismo idêntico ao de Robert Burns, mas numa subtil mistura do estilo de Burns com o de Apollinaire. Aliás, como veremos, os seus poemas concretos mantêm esta atenção ao ambiente líquido das Orkney, ao mar, aos riachos, aos sons de água, aos barcos, aos peixes. Todavia, apesar desta referência persistente à sua região, esta poesia escapa a ser regionalista precisamente porque o regional é sempre filtrado por um humor civilizado, um lirismo levemente irónico e uma utilização dos elementos regionais sempre de um modo indirecto, de forma a contribuir mais para criar uma atmosfera do que para descrevê-la, quase no jeito dos elementos regionais que os poetas japoneses habilmente jogam e referem sem nunca caírem no paisagismo ou na cor local pela cor local. O próprio Finlay nos alerta para este processo, numa situação escocesa posta em paralelo com uma do poeta japonês Tasji Miyoshi.

Neve (de Miyoshi)

Mandando Taro dormir — lento lençol no telhado de Taro/Mandando Jiro dormir — lento lençol nc telhado de Jiro

Neve em Rousay

Mandando o Toino dormir — lento lençol no telhado da pequena Mary/Mandando a pequena Mary dormir — lento lençol no telhado do Toino.

A situação de um moço par de namorados despedindo-se para casa de cada um, o campo de neve (a psicanálise atribui-lhe sinais eróticos), o tempo da neve a formar-se nos telhados das duas casa. No poema escocês, o silêncio da neve sobre o sono (o lençol) une os dois seres separados que, pela neve, se juntam. Claro que, o elemento regional do poema de Finlay nos não é totalmente transmissível na tradução; trata-se de elementos dados na camada lexical: assim, o que traduzo por «pequena Mary» é, no original, «peedie Mary», sendo «peedie» a forma de Orkney para o escocês «wee», que é «tiny» em inglês e «pequeno» em português.

Esta maneira de transmitir muito indirectamente os sentidos do texto, este jogo elíptico dos significados, surge-nos como um processo deste poeta pouco disposto a discursividades inúteis. Assim, num outro poema, chamado «Mansie olha o mar à maneira de Hugh Macdiarmid», Finlay joga com duas situações: a do escocês (Mansie é o diminutivo tipicamente Orkney de Magnus, nome muito comum na Escócia) e a do marxista (Hugh Macdiarmid é um dos maiores, por muitos considerado o maior, poeta marxista da Grã-Bretanha e é, também, um escocês). O poema é uma quadra que se pode traduzir assim:

O mar, penso, é perigoso /
só a obedecer à Lua / Apesar
disso lembro o que Engels disse: / «A liberdade é a consciência da necessidade».

Para a semana referirei os poemas concretistas de Ian Hamilton Finlay.

NOTA:
I. H. Finlay nasceu em 1925
Obras não «concretas»:
«Glasgow beasts», 1960. Reeditado pela Fulcrum Press em 1965.
«The dancers inherit the party», 1961. Reeditado pela Fulcrum Press em 1969.

O LIVRO DE NAMORA

Antes de ser posta à venda ao público, esgotou-se rapidamente a primeira edição (5000 exemplares) do livro novo de Fernando Namora, «Estamos no Vento». Mas constituirá este êxito sinal de um grande interesse por parte do público? Por enquanto, e como explica o próprio autor, trata-se unicamente de uma manifestação de confiança por parte das livrarias, cujos pedidos, baseados na garantia que o nome de Namora suscita, excederam as perspectivas da editora.

Para Fernando Namora, «Estamos no Vento» é, antes de mais, «uma interrogação a mim próprio». Que olhos tem um homem de cinquenta anos para ver a nova face do mundo?» E o ficcionista, debruçando-se sobre si próprio, acrescenta: «E um homem que tenta compreender, situar-se e ser um personagem activo no seu meio».

Ainda sobre «Estamos no Vento», Namora afirma: «Tudo o que conto lá é rigorosamente acontecido. As pessoas vão pensar que há muita coisa inventada, mas as crianças têm frases e coisas surpreendentes...»

No livro, as quatro personagens crianças são os próprios netos de Fernando Namora.

«Estamos no Vento» foi escrito na aldeia de Monsanto, Beira Baixa, no Verão passado. «Quando escrevo, não o faço para ninguém em particular. Não escrevo para esta ou aquela pessoa». «Se publico um livro» — declara ainda Fernando Namora — «é para que o leiam e, por isso, considero que neste acto está incluida uma vontade de comunicação».

Negro Tomintoul

Para a Escócia veio a alta americana
E foi ficar numa pequena quinta
Oh era uma quinta escocesa longe de tudo
Um pequeno riacho escocês e um campo pedregoso

Veio para um canto, estava a chover
E as pequenas árvores inclinavam-se
Era a Escócia como a imaginara
A precaução, não a gravidade, inclinava-as
A chuva caindo escocesa, escocesa
E as colinas não voavam alto, mas para dentro

Mas o que mais a atraía era o touro tão selvagem
Olhava para o touro com olhos de criança
Nunca em Nova Iorque vira um touro assim
Como este grande touro escocês, Tomintoul
Chamava-lhe em segredo, o grande touro escocês

Era todo negro, como nem um touro
E oh que pele tão bela
Viu-o seguir ao lado duma vaca
Diga-me, por favor, a vaca é noiva dele?

Não, são todas suas noivas legítimas
Havia vinte e quatr-r-ro vacas na colina escocesa

Era demais para a alta americana
Olhava-o de pé na colina em frente
E ele sempre a mugir, negro Tomintoul
Mas depois algo nela amaciou

Interior Orkney

Fazendo o que a Lua diz, afasta a cadeira
Para perto do fogão e aquilha-o com
O melhor combustivel, mistura de peixe seco
E tabaco que guarda num balde com caranguejos

Muito pequenos para comer. Um levanta as pinças
Como para agarrar o crescente de lua
No calendário que é quase como um zodíaco
Com falhas pálidas e inexplicáveis. Entretanto

Uma lagosta arrasta-se para a hábil-Isca posta dentro do relógio
No armário junto ao rádio — um peixe seco herdado
Molhado em «whisky» e cuidadosamente preparado

Com flores de batata dos Golden Wonders
O velhote cresce para dentro dos ouvidos
Click! fecha a tampa do relógio, e a infeliz lagosta
Fica prisioneira dentro do relógio,

Um relógio de cuco adaptado. Não tem horas, só
Marés e luas e está armado
Com dois pequenos pires, um de sal e outro de água
Para a lagosta ir vivendo e, cada quarto de maré,

Deitar a cabeça pelo estreito alçapão
que era para o cuco. Será treinada a ler
O barómetro quebrado e a abanar os bigodes
À música de dança escocesa, até ser demasiado velha.

Então o velhote vai ter que apanhar outra lagosta.
Entretanto é feliz e leva o relógio
Para o mar. Está de pé e unta-o
Numa poça entre pedras que reflecte a lua.

O escritor e a beleza

O melhor que um escritor escreve é Belo.
Tem de ignorar o Louco e o Submisso.

Entretanto, claro, a mentira existe,
O luxo da mentira pomposa no ar social

E o escritor escreve-a, e é
Parte da nevrose do analista.

Bom, um escritor tem que desafiar
Isso. Um escritor escreve do céu

E de outras coisas um pouco tristes e Belas.
Tem de ignorar o Louco e o Submisso.

Vede como coxeia e vai cego.
Vede como dança na ponta dos pés.

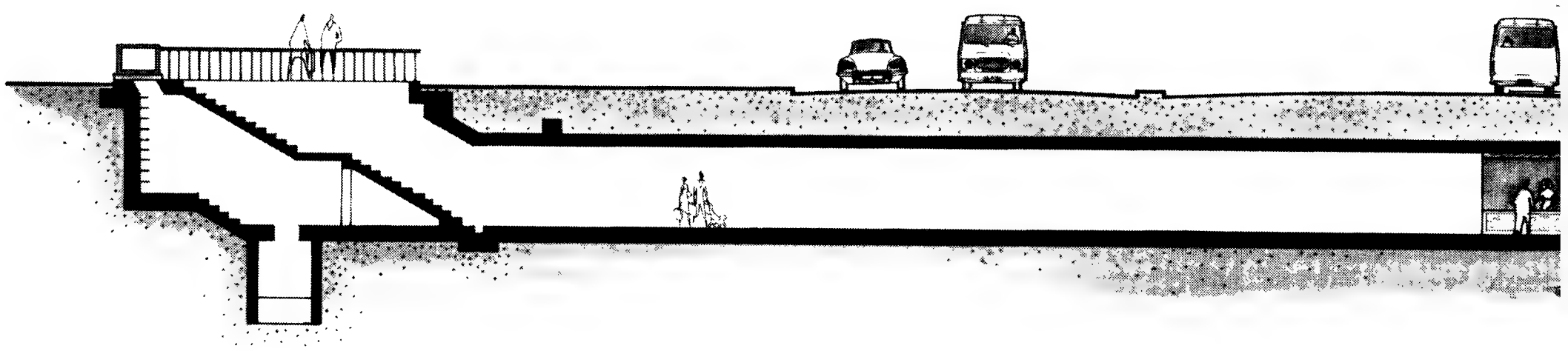
Feriado na Primavera

O feriado olha para o céu
Com um olho branco cego.

Claridade. Mais branco que domingo.
Que um bem-me-quer. O gato no muro.

Parte dos relâmpagos de luz vêm
De infinitas invisíveis músicas de metais.

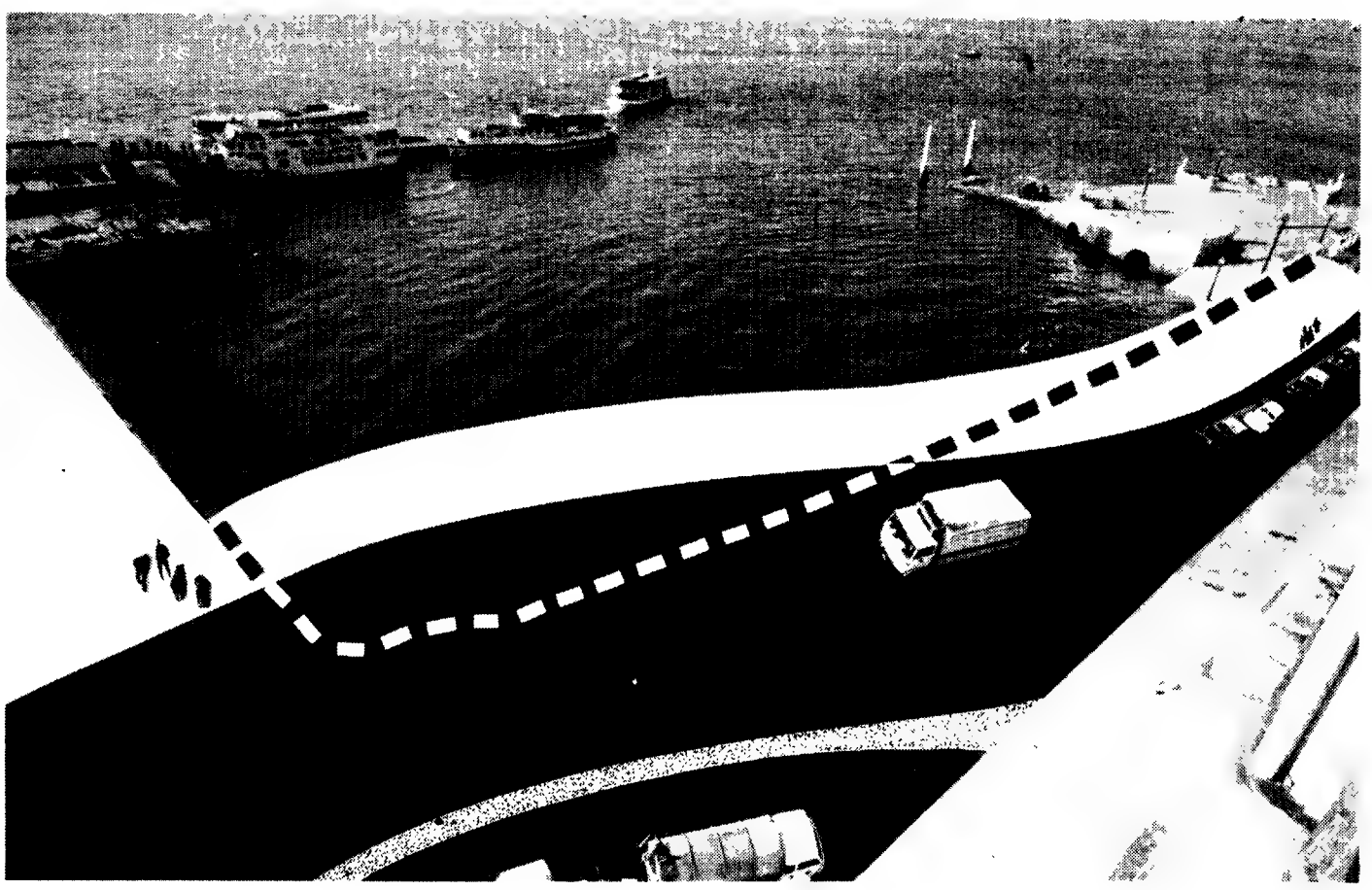
Branco. Claro. Terrível.
As próprias nuvens estão erradas.



Corte longitudinal da passagem subterrânea

SOLUÇÃO PARA O TRÂNSITO NO TERREIRO

Para os peões-Passagem sul para os automóveis-Alargan



Tudo o que está para além do tracejado, é espaço a roubar ao rio Tejo, para alargamento da via rodoviária

A Praça do Comércio é, em matéria de circulação humana e rodoviária, um dos pontos mais labirínticos de Lisboa.

Sentem isso mesmo, as centenas de milhares de pessoas que quotidianamente ali circulam, no vaivém frenético entre a capital e a margem sul do Tejo, imposto pelos afazeres profissionais. Nas horas de mais intenso movimento, um estranho e violento desafio ali se verifica: de um lado, as enormes massas que pelos diversos motivos são obrigadas a repartir a sua vida quotidiana entre as duas margens; do outro lado, a grande torrente de automóveis que diariamente alimenta este alto inferno que é o trânsito lisboeta.

Duas iniciativas irão minorar, segundo se espera, a gravidade da actual situação. Conforme a Imprensa recentemente noticiou, vai ser construída na Praça do Comércio uma passagem subterrânea para peões. Mas não só: com o objectivo de evitar o estrangulamento do trânsito entre a praça e a Avenida Infante D. Henrique, construir-se-á igualmente uma plataforma sobre o rio, roubando um pedaço do corpo deste. Estas duas obras há muito consideradas indispensáveis parece poderem vir a ter, muito em breve, o começo da sua execução.

Ao concurso público aberto pela Câmara Municipal de Lisboa, somente uma empresa apresentou propostas. Trata-se das Construções Técnicas, S.A.R.L., cujas propostas admitidas se encontram em estudo nos serviços camarários competentes.

Respeito do projecto oficial

Segundo conseguimos apurar junto de responsáveis das Construções Técnicas, S.A.R.L., empresa especializada neste género de trabalhos, as propostas da única concorrente respeitaram os projectos oficiais e levaram em consideração todas as recomendações existentes no caderno de encargos.

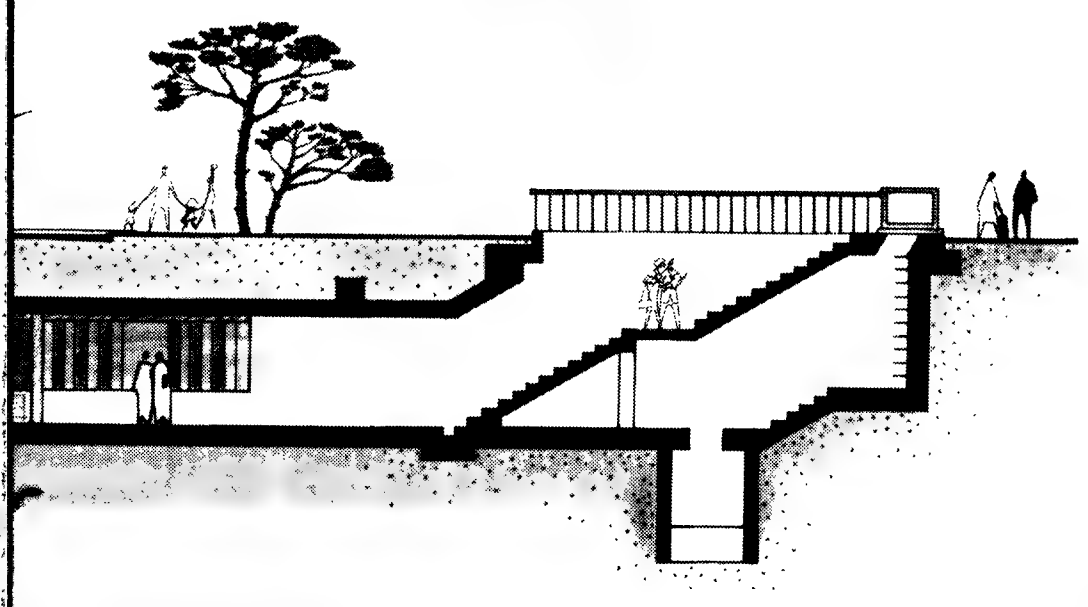
A empresa fixa em 240 dias o prazo limite para a conclusão da obra. Além da proposta-base orçamentada em cerca de 45 000 000$00, com uma variante de 38 000 000$00 (números redondos), a empresa elaborou uma proposta de alternativa no valor aproximado de 31 000 000$00, com uma variante orçada em quase 29 000 000$00.

Roubar o Tejo para os automóveis

Para o arranjo marginal (lado oriental) está previsto o alargamento da via, pelo que, o alfacinha poderá vir a beneficiar de maior espaço de circulação naquela artéria, com a consequente eliminação do estrangulamento.

Por outro lado, os milhares de pessoas que todos os dias se atropelam na ânsia de apanharem o cacilheiro ou de não chegarem atrasadas ao emprego, sem muitas vezes repararem no veículo inesperado que surge a ranger travões, poderão também vir a usufruir duma maior segurança, circulando pela passagem subterrânea.

Um aspecto da zona da Pr
vendo-se assim assinalado
rodovia e a negro e traceja
problema do Terreiro do Paço



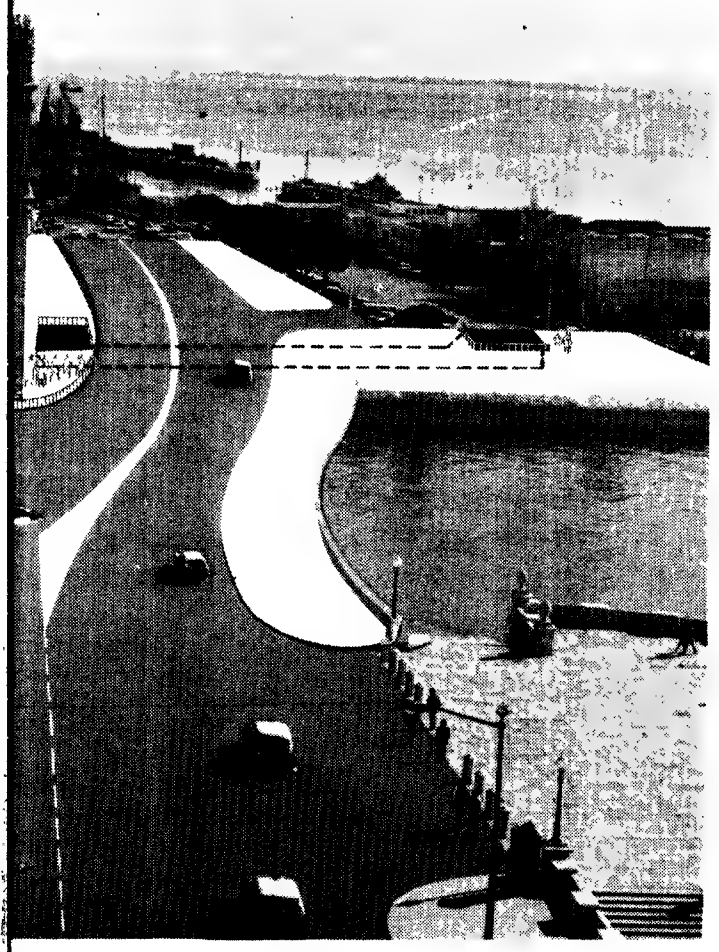
...O PAÇO?

...oterrânea ...mento da via

Economia no custo total da obra

A alternativa apresentada pela nossa empresa — afirmou-nos um responsável das Construções Técnicas — **permite uma economia muito significativa no custo total da obra, pois permite reduzir grandemente o número de apoios previstos, os quais deverão descer a cerca de trinta metros de profundidade.**

Para além da economia que representa, a alternativa apresentada pela empresa construtora, de substituir as estacas metálicas por pilares de betão armado, graças aos equipamentos que possui para a execução dos pilares de betão. Esse equipamento permitiu, aliás, as fundações até sessenta metros de profundidade dos pilares da margem sul da ponte sobre o Tejo.



...a do Comércio onde se realizarão as obras de melhoramento, ...branco os passeios para peões, a cinzento o alargamento da ... as entradas da passagem de peões. Será desta que o grave ... resolverá?

Semelhante ao nó de Caxias

De acordo com o caderno de encargos, a obra deveria estar concluída 150 dias depois da data do auto de consignação da empreitada. A empresa propôs porém um total de 240 dias, pois poderá realizar a obra em duas partes distintas, cada uma em 120 dias, de modo a manter a circulação rodoviária e de peões.

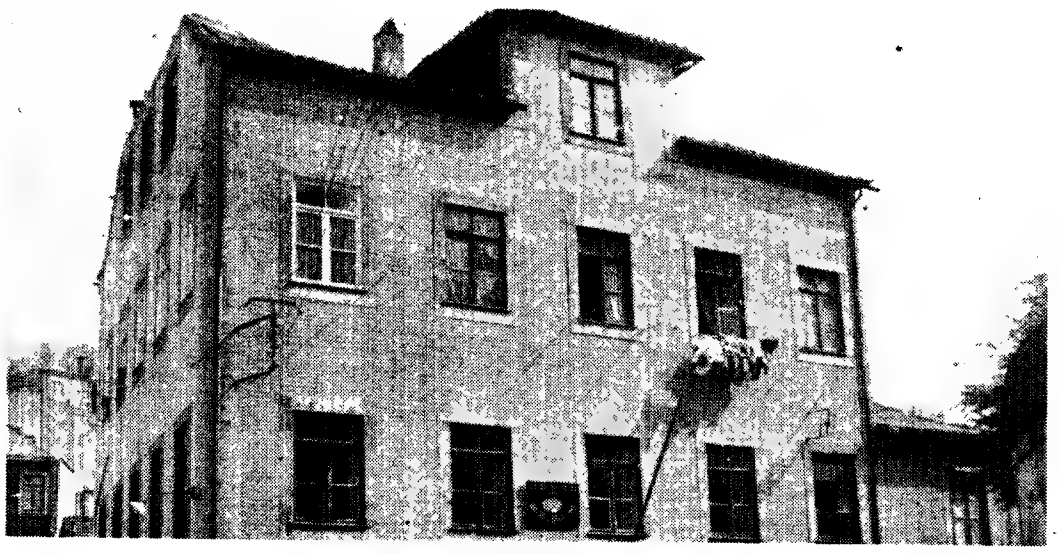
E o representante da empresa que nos esclarece ainda:

Fomos nós que construimos no prazo recorde de 50 dias o nó rodoviário da Boa Viagem, que deu tanto que falar. No caso presente, existe uma dificuldade: a execução de fundações profundas através dos lados do Tejo, implica condicionalismos não existentes no nó de Caxias.

Estamos empenhados em reduzir ao mínimo o prazo da execução-afirmou-nos ainda. Dentro de duzentos dias, o automobilista e o peão que diariamente sofrem as consequências do estrangulamento do Terreiro do Paço apanharão menos nervos no local?

O «MUSEU AZUAGA» VAI FICAR NA NOVA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE GAIA

Nos últimos anos (e ainda recentemente) várias pessoas se têm referido, nos jornais, ao esquecimento a que foi votado o espólio do «Museu Azuaga» legado à municipalidade de Vila Nova de Gaia, em 1904, por Marciano do Carmo Martins Azuaga, ao tempo chefe da estação do caminho-de-ferro das Devezas. Sabe-se que, nos anos 40, foi encerrado o referido museu, instalado num prédio situado na Rua da Fervença, em Vila Nova de Gaia, hoje em parte ocupado pelo Sindicato dos Tanoeiros. Todo o espólio, recolhido ao longo de trinta anos pelo seu doador, tomou caminhos diversos, ficando parte nas águas furtadas do edifício da Câmara Municipal de Gaia, onde as pessoas que por ali passaram e os próprios gaienses o esqueceram e parte na casa museu Teixeira Lopes, se é que mais nada, entretanto, tomou «rumo desconhecido».



Recentemente, a propósito do «Museu Azuaga», chegou a dizer-se que os descendentes e herdeiros do coleccionador gaiense teriam todo o direito de reivindicar a posse dos bens deixados ao município de Vila Nova de Gaia pelo facto de não haverem sido cumpridas as cláusulas da doação.

Numa breve conversa com um dos herdeiros de Marciano Azuaga e com o actual presidente da Câmara Municipal de Gaia soubémos da situação do problema e do destino que vai ser dado ao espólio artístico e cultural daquele benemérito coleccionador

Obra para o público

Na posse do sr. Alfredo Moura Azuaga, funcionário superior da Caixa Geral de Depósitos, encontra-se uma cópia da acta da sessão de 25 de Fevereiro de 1904 (que nos foi amavelmente facultada), onde se relatam os factos relativos à oferta de Marciano Azuaga «oferece as suas colecções à Câmara pedindo-lhes que as conserve para todo o sempre, reunidas e resguardadas, mas constantemente acessíveis ao público que deseja instruir-se com o exame dos especimens que elas encerram. Faz esta oferta com a consolação de que as não poderia entregar em melhores mãos e com a confiança de que o seu museu há-de servir de núcleo a novas e valiosas colecções. (...) declara também que está pronto a auxiliar a instalação do museu no edifício que pela câmara for escolhido para exposição dele».

Mais adiante, a acta da sessão de 25 de Fevereiro de 1904 refere o entusiasmo e o agradecimento, manifestados pelo então presidente da Câmara e por diversas pessoas, face à espontanea oferta de Marciano Azuaga. Note-se que nessa mesma altura foi proposta a criação de «uma biblioteca pública, anexa ao museu», e que é imediatamente aplaudida pelo presidente: «diz ser de lamentar que o conselho, importante sob vários pontos de vista, não possua ainda uma biblioteca para instrução dos seus munícipes.

Era certo que a junta de paróquia desta vila, animada dos melhores desejos de fundar uma biblioteca pública, iniciara em tempo esse empreendimento chegando a reunir cerca de mil volumes, mas viu-se porém forçada a fechá-la e a desistir do seu intento, em consequência das restrições impostas às atribuições das juntas paroquiais por diversos códigos administrativos».

Verifica-se, assim, que a oferta de Marciano Azuaga foi, então, motivo de algum entusiasmo por iniciativas culturais. O Museu Azuaga veio a ser instalado no referido edifício da Rua da Fervença, onde permaneceu durante cerca de quatro décadas.

Existe um inventário

O referido herdeiro de Marciano Azuaga, com quem falámos, diz não haver, pela sua parte e pela de sua irmã, a mínima intenção de qualquer procedimento judicial contra o esquecimento (e o desvirtuamento) da vontade do coleccionador seu antepassado pela Câmara de Vila Nova de Gaia (aliás isso iria contrariar, afirmou, a própria vontade do coleccionador). Apenas gostaria, obviamente, de ver reunidas em lugar seguro as peças doadas.

Acrescentou que sabe da existência de um livro, na posse da sua família, com o inventário completo da doação. Simplesmente, por enquanto, o tal livro ainda não foi localizado. A sua descoberta reveste-se de enorme utilidade, pois permite avaliar do que efectivamente existe do espólio inicial doado por Marciano de Azuaga. Dizmos também ter conhecimento que parte desse espólio se encontra na casa museu Teixeira Lopes, em Vila Nova de Gaia (cartas de Camilo Castelo Branco) e que não sabe do rumo tomado por uma lanterna romana de que teriam existido apenas dois exemplares (um nas mãos de Marciano Azuaga, outro nas de Victor Manuel, rei de Itália).

A propósito deste património artístico e cultural pertencente à câmara de Vila Nova de Gaia falámos ainda com o respectivo presidente, dr. Ramiro Queirós, para sabermos como é ali encarado hoje o problema.

Foi-nos dito que o espólio de Marciano Azuaga é constituidopor peças heterogéneas recolhidas ao longo de muitos anos:— «quando cheguei aqui vim encontrá-las sem instalações adequadas, nas águas-furtadas do edifício. Pôs-se o problema de saber se deviam ficar na casa-museu Teixeira Lopes, mas os técnicos entenderam que não e a Câmara concordou. Optou-se pela sua guarda num museu etnográfico daquela casa-museu mas, já iniciadas as obras, soubémos da existência do espólio de Diogo de Macedo também gaiense ilustre, e fez-se contrato com a viúva, D. Eva Arruda, a fim de transferir esse espólio (no valor de nove mil contos) para a Câmara. As coisas vieram, incluindo desenhos, estes oferecidos pela própria viúva de Diogo de Macedo. A ampliação da casa-museu foi então afectada a esse espólio entretanto aparecido.

«Ficou-nos de novo, continuou o presidente da Câmara, o problema do museu de Marciano Azuaga. Onde o instalar? Ora, nós tínhamos o problema do alargamento da biblioteca municipal. Houve negociações para a sua instalação num prédio de D. Rita Porto e contávamos resolver então o adiado problema do museu. Simplesmente foi entretanto criada a comarca de Vila Nova de Gaia e esse edifício foi ocupado pelos novos serviços. Ficou então decidido instalar o museu Azuaga no novo edifício da biblioteca municipal, cujo projecto já está aprovado. Aí ficará definitivamente o museu do benemérito coleccionador há muito encerrado. O edifício deve ficar concluido dentro de um ano».

E a concluir: «essa informação que nos dá da existência de um inventário na posse dos descendentes de Marciano Azuaga vai ser-nos muito útil caso venha a ser encontrado».

Foram estas as palavras do presidente da câmara de Vila Nova de Gaia, entidade sobre quem impende hoje a responsabilidade de reconstituir o património artístico e cultural doado ao Município em 1904.

JOSÉ GOMES BANDEIRA

FERNANDO MONIZ

COMPORTAMENTO IRREGULAR

A esperança com que muitas pessoas parecem aguardar a entrada em vigor do «novo regulamento das bolsas de valores», em substituição de um conjunto de diplomas e portarias desactualizadas, poderá vir a revelar-se infundamentada. Publicado em Janeiro, o novo diploma regulador da actividade do mercado de títulos vigorará a partir de 15 de Abril próximo. O lapso de tempo criado entre a publicação e entrada em vigor do novo regulamento deverá ter sido considerado como indispensável para um conveniente «arrumar da casa», cujo desalinho criou sérias perturbações no sistema e no estilo metódico de pessoas ciosas de saberem, permanentemente, a posição da sua conta corrente.

Todavia, a evolução do mercado de títulos não permite concluir-se que o novo regulamento entrará em vigor nas condições idealizadas. Mau grado a recente baixa nas cotações, os «vales» existentes nas carteiras de títulos fazem temer que os mesmos não serão totalmente substituídos antes de 15 de Abril próximo. Por isso, a esperança depositada no novo regulamento poderá ser defraudada pela herança do fardo dos «vales», hoje o «calcanhar-de-aquiles» da Bolsa, em Portugal.

Já, por mais de uma vez, nos fizemos eco do descontentamento existente entre muitas pessoas a quem os «seus» bancos debitaram valores como referentes a acções que, afinal, não passam de vulgares papéis pomposamente chamados «vales». Por outro lado, a pressão que alguns clientes têm feito junto dos bancos para reaverem os títulos, que pagaram, não tem conduzido a qualquer solução prática.

Os menos pacientes têm, inclusive, mostrado o seu desagrado perante a Inspecção-Geral de Crédito e Seguros, entidade para quem os próprios bancos deitam as culpas, já que, dizem, a aceitação dos «vales» por parte das instituições bancárias era conhecida e autorizada pela Inspecção. Como resultado, assiste-se a um permanente mau-estar que as últimas oscilações nas cotações mais fizeram acentuar. Porém, como ainda restam cerca de quarenta dias, esperemos que a situação possa evoluir favoravelmente.

Entretanto, por portaria publicada no «Diário do Governo» de 5 do corrente, foi fixado em dez o número máximo de corretores adstritos à Bolsa de Valores de Lisboa.

Um dos principais motivos de atracção em volta desta assembleia residia em saber-se da posição dos accionistas perante a constituição da nova sociedade criada pelo grupo Grão-Pará. Sobre este particular, a assembleia aceitou a seguinte proposta: «Que as accionistas da Imobiliária Construtora Grão-Pará seja dado o direito de preferência na constituição da nova sociedade na proporção de 3 acções para cada uma de que forem titulares, aquando da constituição desta, e que tal direito seja exercido pelo valor nominal das acções da sociedade a ser criada, as quais deverão ser liberadas integralmente no acto da subscrição, aquando da constituição da sociedade». Quanto ao valor nominal das acções da nova sociedade de investimentos, obtivémos a informação de que o mesmo será de 100$00. Por outro lado, segundo afirmaram os responsáveis, os principais investimentos da nova sociedade (que esperemos seja criada brevemente) incidirão nos sectores de transportes e turístico, afinal dois sectores que se completam. Vamos agora aguardar o comportamento do papel da Grão-Pará, já que, na sessão do dia 6, encerrou com vendedor a 4500$00.

E, agora, que nos estamos a referir a investimentos no sector turístico, adiantaremos que um dos mais jovens financeiros do «hit-parade» português — Fernando Maia — que ultimamente tem «jogado» na bolsa em larga escala e obtido resultados que o guindaram a posição destacada na finança portuguesa, adquiriu quatro por cento da Turística da Penina. A operação, que parece ter envolvido cerca de vinte mil contos, processou-se entre Fernando Maia e António Barros, que detinha aquela posição na Penina empresa que, brevemente, aumentará o seu capital social.

Secil

Como previmos, a afluência às 85.500 acções da Secil foi enorme. Apareceram muitos boletins com pedidos considerados baixos (de 1 a 15), muito embora a média se situasse acima dos 20.

Todavia, torna-se quase impossível prognosticar qual será o resultado do rateio, já que houve muitas pessoas impossibilitadas de irem à subscrição porque, logo no segundo dia, era muitíssimo difícil encontrar os boletins. Por este andar, é possível que ainda tenhamos bichas, à porta dos bancos, para conseguir boletins logo no primeiro dia de subscrição, pois, não basta anunciar-se «para o público em geral» se, como infelizmente acontece, uns conseguem largas dezenas de boletins e outros não consequem um... Enfim; partindo do princípio de que os boletins se se esgitaram; logo teremos de concluir que houve larga afluência e consequentemente com os pedidos muito baixos a correm sérios riscos.

TAP

Em período de assembleias gerais ordinárias e extraordinárias, também a TAP reuniu os seus accionistas. A assembleia extraordinária foi convocada expressamente para decidir sobre o próximo aumento do capital social da companhia, que vai investir seis milhões de contos nos próximos cinco anos. Assim, foi deliberado que o próximo aumento de capital seja de 450 mil acções, exercendo os accionistas os seus direitos somente sobre 320 mil acções. Para os empregados da companhia serão reservadas 3 mil acções, ficando para o público em geral 127 mil acções para subscrever.

O valor nominal é de 1000$00, tendo sido transaccionadas, na sessão do passado dia 8, a 2000$00.

C.P.E.

A Companhia Portuguesa de Electricidade marcou para a mesma data a realização das assembleias gerais ordinária e extraordinária, a realizar, no Porto, em 29 deste mês. A assembleia extraordinária irá deliberar e aprovar sobre uma emissão de 500 mil obrigações convertíveis em acções, em conformidade com o Decreto-Lei n.º 397/71. Ainda durante este mês, a U.E.P. irá possivelmente seguir o mesmo caminho da C.P.E.

J. Pimenta

Na assembelia geral da empresa J. Pimenta, SARL, foi deliberado o futuro aumento do capital social pela emissão de 40 mil acções, parte das quais destinadas à subscrição pública.

Grão-Pará

Como estava previsto, realizou-se, no passado dia 5, a assembleia geral extraordinária da Grão-Pará, aqual decorreu nas instalações da sua nova sede social e com grande afluência de accionistas, entre os quais se contam algumas instituições bancárias. Esta assembleia tinha como finalidade discutir e deliberar sobre a criação de uma sociedade de investimentos com o capital de um milhão de contos. Os accionistas aprovaram o plano para a constituição da nova sociedade, na qual participam o BIP (20 por cento); Pinto de Magalhães (6,5 por cento); e Pancada e Moraes (1 por cento).

Outras

Agora resta-nos aguardar a próxima subscrição. Pedidos à espera de despacho existem muitos. Neste momento, contudo, todas as atenções convergem para a CUF e SOMOTEL. A princípio, era voz corrente que a Somotel teria a primazia. No entanto, é bem possível que a CUF apareça em primeiro lugar. Mas como as cotações se têm situado acima dos 5 mil escudos.

Quanto à Somotel, começa a desenhar-se um movimento de grande interesse, ao mesmo tempo que as acções à venda no mercado paralelo são relativamente poucas. Ir à subscrição na qualidade de accionista não deixa de ter as suas garantias.

Mercado paralelo

Com as oscilações verificadas no decorrer da última semana, o comportamento do mercado paralelo revelou-se um tanto irregular. O facto de alguns intervenientes deste mercado desempenharem funções de simples intermediários, comprando papel com margens de lucro que muitas vezes, não ultrapassa os vinte escudos por unidade, acaba necessariamente por se reflectir na fixação de cotações na bolsa. Como tem acontecido ultimamente, a Comundo continuou a ser o papel com maior volume de transacções. Os preços têm variado de sessão para sessão e de pessoa para pessoa. Todavia, com o início da troca das cautelas pelos títulos definitivos e da demolição da praça de touros de Algés, onde a Comundo vai implantar um empreendimento de grande envergadura, muitas pessoas desistiram, pura e simplesmente, de vender o papel que possuem já que as perspectivas se apresentam risonhas. As cautelas da Açoreana têm sido transaccionadas numa base de 600$00/700$00, enquanto que para a Ourique se continua a pedir 10 000$00. A Somotel tem andado próximo dos 3000$00 e as cautelas do BIP em 12000$00. A Eurominas continua a ter procura a 4000$00 e o Amoníaco a 1600$00. Pelas cautelas da Grão-Pará pede-se mais do que as cotações fixadas para as acções. Entretanto, continua igualmente a aparecer FIDES no mercado paralelo, muito embora já seja do conhecimento geral que a Sogestil foi autorizada a aumentar o capital social de 2500 para 100 mil contos com reserva de preferência para os accionistas.

A última semana

O movimento bolsista nas três sessões desta última semana voltou a seguir uma trajectória um tanto irregular. Alguns papéis continuaram em alta (36 por cento na sessão do dia 8), enquanto 26 por cento se manteve estacionário e os restantes em baixa. Deste comportamento se depreende que uma viragem no sentido da alta se esboça, embora alguns papéis mostrem sérias dificuldades em ultrapassarem os valores habituais deste último período baixista. Aliás, neste momento é difícil prever-se uma alta generalizada e constante, já que muitas pessoas aguardam o primeiro sintoma para venderem papel... não por medo... mas por receio!...

Assim, a previsão mais lógica é uma perspectiva de alta por papéis. Entretanto, o sector bancário (efeitos das apregoadas dificuldades da falta de liquidez?) cedeu nas operações realizadas durante a semana. O Totta encerrou a 11000$00; o Alentejo a 3400$00; o Fomento desvalorizou-se e terminou a 6000$00, enquanto que o Fernandes de Magalhães, embora sem vendedor, encerrou a 7500$00, e o BNU se situou nos 10550$00.

A pagar dividendos, o BIP retrocedeu fortemente e acabou a semana a 126000$00. Nos seguros observou-se igualmente uma certa irregularidade, com o Alentejo a fazer 675$00: No grupo de «águas, electricidade e gás» houve um certo equilíbrio com oscilações pouco significativas. Nos valores diversos, nota-se que a Compal ficou sem vendedor, tal como o F. Ramada que terminou a 2450$00. Os Fornos Eléctricos voltaram a ceder, ficando-se pelos 1080$00, enquanto que a Matur fez 3700$00, sem vendedor. A Marconi fez, sem comprador, 2500$00, enquanto que a Siderurgia ficou nos 17000$00. Nos «Fundos de Investimentos», nota-se o habitual bom comportamento FIDES (pouco dependente das oscilações da bolsa) e a irregularidade dos FIA a sofrerem fortemente os últimos efeitos do mercado de títulos.

ÚLTIMAS COTAÇÕES

Bancos	
Agricultura	6.700$00
Algarve	4.300$00
Alentejo	3.400$00
Angola	7.100$00
B. e Irmão	10.900$00
C. Predial	6.400$00
Esp. Santo	13.600$00
F. e Burnay	—
F. Magalhães	7.500$00
Fomento	6.000$00
BIP	12.600$00
BNU	10.550$00
P. Atlântico	16.500$00
Pinto Magalhães	10.200$00
P. e Sotto Mayor	19.000$00
Portugal	—
Totta e Açores	11.000$00
Águas-Electr. e Gás	
Aguas da Curia	240$00
Aguas Luso	—
Aguas Lisb. ant. *	1.050$00
Aguas Lisb. 34	960$00
Alto Alentejo	195$00
Chenop	285$00
CPE	1.325$00
Eléct. Beiras	1.770$00
Gás e Elect.	412$00
H.E.S.E.	1.600$00
U.E.P.	215$00
Vidago	3.100$00
Diversas	
CUF	5.350$00
Cel. Guadiana	6.000$00
Compal	1.050$00
Cidla	4.600$00
Efacec	6.000$00
Empor	—
F. Ramada	2.450$00
F. Eléctricos	1.080$00
Grão-Pará	4.050$00
I. P. Colónias	2.250$00
Ind. Aliança	—
Intar	840$00
Mabor	—
Matur	3.700$00
C.N.N.	2.900$00
P. Celulose	9.500$00
Nitratos	1.550$00
P. Pesca	—
Penina	8.300$00
Petroquímica	1.620$00
Marconi	2.500$00
Sacor	6.800$00
Siderurgia	17.000$00
Socel	7.600$00
TAP	2.000$00
Tabaqueira	14.200$00
Tab. Portugal	2.000$00
U.F.A.	1.150$00
Salvor	3.225$00
Seguros	
Alentejo	675$00
Bonança	18.000$00
Império	—
Mundial	5.490$00
Soberana	8.000$00
Tranq.	14.100$00

COMPRE ROULOTTE SEM VER AS DIGUE NA FONSÉ

CRÍTICA DE TELEVISÃO

Mário Castrim

DA ALMA, DO SOL E DOS SAPATOS

Haverá quem se considere telespectador sem falha de Teodoro Marques da Silva. Mais do que eu, porém, a ninguém dou o direito desse título. Podia lá perder esse momento de tão boa disposição...

O senhor padre falou-nos ontem de duas correspondentes mas, ambas da ilha da Madeira.

Uma, Susana de seu nome, inglesa de origem, escreve ainda em português de trapos o que, diz o padre, não admira dado que a amiga Susana só se encontra na Ilha há um ano. Deixe lá, padre, e não se importe muito com isso:

Susana, se Deus quiser, há-de estar bem trinta anos entre nós e, como boa inglesa, nunca escreverá melhor.

Exprime-se, no entanto, o bem necessário para dizer quanto aprecia o padre Teodoro: **Nunca encontrei um padre como você. É o primeiro que me fala do coração...**

Quanto não vale isso.

Relata seguidamente a educação religiosa que recebeu. Aos quatro anos entrou num conjunto de flauta. Começou aí a sua grande felicidade. Tempos depois principiou a tocar flauta a solo e passou a ter o tempo todo tomado, com concertos e recitais.

A outra correspondente, chamada Luísa, confessa-se muito triste com o que se passa na Madeira: lá, falar-se de religião é logo considerado beatice!

Sofreu muito com isso. Até porque, entretanto lhe morreu uma avó, o que constituíu rude golpe para o seu coração. Foi nessa altura que encontrou um Amigo. Um amigo que nunca mais a abandonou: chama-se Cristo e trá-lo sempre ao pescoço, sobre o coração.

Agora vive para servir os outros, para distrair os outros: agarra na flauta e vai tocar para velhas senhoras doentes e ingleses. O piano também a ajuda muito nessa tarefa. Visita os conventos.

Padre Teodoro acaba por fazer, como lhe compete, o elogio da Fé.

Movimento, produção de Rádio Clube Português, com apresentação de Henrique Mendes e Fialho Gouveia, dedicou toda a sua emissão de ontem ao tema desta Lisboa destas eras, um domingo cheio de sol, uma beleza.

Nítida falta de imaginação. A inspiração ficou toda esgotada depois daquela vez em que foi ouvir um locutor que canta o fado, habituado como está a cantar em festas particulares. Ficámos sem saber se o José Freire passou a locutor por influência do fado ou se chegou ao fado por influência da locução. Também a coisa não tem grande importância. São ninharias. Dizia eu que a inspiração se esgotou aí, com o Zé Freire e com aquela imensa entrevista com o Amadeu dos Anjos, a propósito do seu regresso às lides, após cinco anos de ausência. Depois daquela terrível emissão dedicada a Manuel dos Santos, outra não menos terrível dedicada a Amadeu dos Anjos. Só se pode admirar disto quem ignore a enorme, a fundamental importância dos touros: o Campo Pequeno pouco lhe falta para ser considerado monumento, tamanha a glória que dele se expande de toda a urbe para todo o orbe.

Agora, **Movimento**, num dos programas mais inúteis da televisão portuguesa, resolveu-se a ir passear por essa Lisboa fora a admirar as pessoas que podem gozar o benefício e a locução do Sol quase primaveril.

A opção define a natureza futil do programa. Sabemos que há pessoas que não, de automóvel passear até fora de portas, respirar um pouco de ar puto, correr, saltar, ver as árvores, pisar erva, enfim: fugir da cidade. Todos sabemos isso. Não deixaria, no entanto, de dar uma volta por esses bairros, por essas ruas, por esses becos para ver e falar com as crianças, com os velhos, com os jovens. Não pensemos, não vá acreditar ninguém, que a Lisboa de «**Movimento**» é a Lisboa real.

«Movimento» passa de argo, como se viajasse num cruzeiro. A única verdadeira vantagem consistiu numa que outra intervenção de Henrique Mendes. Como naquela vez em que afirmou, no rumo das velhas sabedoiras orientais: **Este ar saudável faz bem à saúde.**

Locutor enciclopédico. Até percebe de medicina. Por que não encarregam o Gomes Ferreira destas coisas?

Excelente aquela transmissão dos Campeonatos Europeus de Atletismo em pista coberta, que se passam em Gotemburgo, na Suécia. Lindo pavilhão aquele! Não talvez tão grandioso como o nosso, melhor: como um qualquer dos nossos, mas mesmo assim a sua lotação para doze mil pessoas não deixa de causar espanto.

A representação portuguesa; uma vez mais; está ausente desta manifestação desportiva: qualquer de nós pode concluir (erradamente, por certo) que o nosso país não mandou lá o seu atletismo porconsiderar nãohaver a mínima possibilidade de êxito. Ou que, mesmo não havendo, a despesa não compensaria as vantagens da deslocação no que respeita a convívio, aprendizagem, contactos com atletas de melhor categoria, etc.

Não foi assim. Cordeiro do Vale informou-nos que a Federação Portuguesa de Atletismo não considerou a nossa deslocação oportuna. Assim, sim. Assim fica tudo explicado.

Outro pormenor que não deixou de atrair as atenções dos milhares de telespectadores portugueses foi aquele do saltador húngaro que, antes de saltar a fasquia situada a dois metros e vinte, descalçou o sapato do pé direito!

VICTOR MANUEL:

«Domingo à noite» atinge o fim para que foi criado

O programa «Domingo à Noite» foi recentemente considerado, através de um concurso por meio de votação levado a efeito por um órgão de Imprensa especializado, a rubrica mais popular da RTP, com grande percentagem sobre o que se lhe seguiu. O «Diário de Lisboa» manteve com Vítor Manuel, realizador deste programa desde Janeiro de 73, uma rápida conversa, inquirindo sobre o que pensa deste caso.

— Só posso pensar uma coisa — começou por nos declarar. — Se há uma entidade que serve o público através de inúmeras produções, e esse público elege uma determinada rubrica, prova-se que a orientação que é dada a esse espectáculo, atinge plenamente os seus fins: servir o fim para que foi criada.

E acrescentou imediatamente:

— Não se deve ajuizar, em face da minha resposta, que sou um obstinado sobre um e só um determinado ponto de vista, no que se refere às inúmeras facetas da vida, desmultiplicando-me, antes, na apreciação de todas essas facetas, quer rindo, quer informando-me, quer instruindo-me. Cada uma destas coisas tem um lugar apropriado e indispensável à existência humana.

E continuou, à guisa de explicação:

— No caso do programa «Domingo à Noite» a sua missão imediata é recrear, sem premências à fadiga cerebral, porque, para estas, já bastam os seis dias da exibição do programa. Durante eles, sim, o espectador tem à sua disposição uma programação cultural que lhe absorve o espírito e que, estando atento, lhe pode proporcionar largos conhecimentos sobre os mais diversos temas. Daqui se infere, pois, que «Domingo à Noite» procura ser um repouso para o espírito — uma diversão que todo o espectador carece.

— Acha que o programa apresenta um figurino capaz de proporcionar esse repouso? — perguntamos.

— E um fenómeno psicológico comprovado que a insistência sobre determinada coisa (comer, vestir, divertir, etc.) é antagónica à felicidade humana. Logo, qualquer programa cultural ou recreativo, em termos de igualdade, pode tornar-se monótono. Daí que, a preocupação dominante dos responsáveis por «Domingo à Noite» é diversificar o género dos actuantes que nele participam e, até, muito subtilmente, no início da segunda parte, fazer com que nele surjam valores mais clássicos, como música, «ballet», poesia, etc. Mas não só esta variedade nos preocupa. Outras buscas se efectuam permanentemente, no sentido de modificar o aspecto de que se reveste o programa.

Vítor Manuel explica a sua afirmação.

— Tem a RTP procurado autores de texto conceituados, de molde a estabelecer uma linha de continuidade a todo o programa. Se esse aspecto não tem sido conseguido completamente, é sem dúvida, motivado pela circunstância de a linguagem televisiva carecer de uma técnica muito especializada, que esses autores, embora conceituados, não têm alcançado plenamente.

— No aspecto da realização, quais os aspectos que mais o têm preocupado?

— Como realizador, sou responsável, consequentemente, pela organização e direcção de todos os trabalhos de execução. Tal circunstância implica uma encenação de todo o espectáculo, e dos particulares do mesmo, que compreendem a direcção e marcação na cena, dos artistas nacionais e estrangeiros bem como o comando de todo um pessoal técnico em que se englobam equipas de som, de imagem, de cenografia, de iluminação, etc.

— Que pensa do pessoal que trabalha consigo?

— Tenho encontrado em todas as equipas uma competência executiva bastante de apreciar, assim como uma atencao de capital importância para um espectáculo que tem de materializar-se em duas tardes de ensaio.

— O que pensa da qualidade artística do programa?

— Está fora de dúvida que a maioria dos artistas que têm actuado no programa, usufrui duma projecção internacional que lhes define uma categoria insofismável. Mais: o programa tem trazido ao público português, muitos artistas que, embora de elevada projecção internacional, estavam no desconhecimento do nosso público.

— E quanto aos artistas nacionais?

— Nesse aspecto, tem a RTP procurado estabelecer um contacto dos artistas portugueses com os estrangeiros, de molde a permitir uma unidade artística que situe os valores portugueses mais firmemente no plano internacional.

A concluir, Vítor Manuel disse ainda:

— Devo render ao público as minhas homenagens porque, entre tantos factos conhecidos e desconhecidos, subtis ou esclarecidos, soube apreciar os valores que a RTP através deste programa, lhe tem vindo a oferecer, musicalmente.

PROGRAMAS DA SEMANA

Eis alguns dos programas que a R.T.P. vai apresentar durante a semana que hoje principia:

HOJE

I PROGRAMA

16.00 Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo. Transmissão directa de Goeteborg — Suécia

17.45 Tarde de cinema — «O Segredo da Juventude» com Clifton Webb, Joanne Dru e Hugh Marlow. Um escritor introduz-se num asilo de velhos, aos quais conta várias histórias; e consegue que lhes volte o gosto pela vida...

22.05 Domingo à noite — Programa gravado no Teatro Maria Matos. Realização de Victor Manuel, participação de Maria do Espírito Santo, Valério Silva, Virgínia Vee, grupo de bailado Domingo à Noite, Duarte Costa, Florbela Queiroz, Norberto de Sousa e Mike Brandt. Apresentação de Maria Margarida e Eládio Clímaco.

SEGUNDA-FEIRA

I PROGRAMA

22.00 Mccloud — Série policial com Dennis Weaver no protagonista, Britt Ekland, Jo Ann Pflug e Patrick O' Neill. Mccloud neste episódio procura uma rede de ladrões de jóias que actuava na Europa...

TERÇA-FEIRA

I PROGRAMA

20.30 Disco e daquilo — Programa de Carlos Cruz, Dinis de Abreu e Villas-Boas. Realização de Luis Andrade.

22.05 Noite de Cinema — «Ciclo — 3 Mestres Americanos». I — George Cukor. «Selvagem é o vento» com Anthony Quinn, Anna Magnani e Anthony Franciosa. Realização de George Cukor. Um viúvo italiano, emigrante, resolve casar com a cunhada

QUARTA-FEIRA

I PROGRAMA

Guerra e Paz. Romance de Leão Tolstoi, adaptado por Jack Pulman. Produção da BBC e realização de John Davies. 17.º episódio com Morag Hood, Alan Dobie, Anthony Hopkins, Sylvester Morand, Angela Down, Joanna David, Faith Brook e Rupert Davies.

QUINTA-FEIRA

I PROGRAMA

22.00 No Tempo em que você nasceu — Apresentação de Artur Agostinho e Maria Elisa. Conjunto musical In Clave dirigido por Pedro Osório. Realização de Alfredo Troppa.

SEXTA-FEIRA

I PROGRAMA

13.15 George — episódio filmado com Zsa Zsa Gabor, Thompson em Jim Hunter: Jack Mullaney como Walter Clark e o cão de S. Bernardo — George.

SÁBADO

I PROGRAMA

15.55 Eurovisão — Rugby — Transmissão directa do encontro Inglaterra-País de Gales.

18.40 Eurovisão. Corta-Mato internacional que se disputa em Monza.

22.00 «Julies Andrews» — Um programa musical com Julie Andrews, Sandy Duncan, Sergio Franchi, The Muppets e Rich Little. Produção de Nick Vannoff. Coreografia de Tony Charmoli. Realização de Bill Davis.

NÃO PERCA DURANTE A SEMANA

● EXPOSIÇÕES

GALERIA GULBENKIAN

Depois de ter apresentado parte da obra de um grande artista português, Abel Salazar, a Galeria Gulbenkian abre as suas portas para outro importante acontecimento artístico: **100 Desenhos Europeus do Museu de Arte Moderna** uma organização do Museu Nacional de Arte Moderna, de Nova Iorque.

Nesta exposição figuram obras de grandes nomes da pintura universal: Cézanne, Chagall, Chirico, Dali, Giacometi, Juan Gris, Kandinsky, Paul Klee, Matisse, Léger, Picasso, Rodin, Severin, Kokoschlka, Modigliani, Rouault, etc. E uma exposição para o leitor visitar obrigatoriamente. Avenida de Berna.

PRISMA 73

Inácio Matsinhe expõe vinte óleos africanos. Disse Urbano Tavares Rodrigues: «O que ele nos propõe é já Africa, a inocência da Africa, a sua alegria e o seu medo, as pessoas que não conhecem o mal, pelo menos segundo o código europeu».

QUADRANTE

A primeira exposição individual do artista nortenho João C. Martins, na cidade de Lisboa. Na Galeria Quadrante.

● RÁDIO

PÁGINA UM

Rádio Renascensa, todos os dias às 19 e 30. Um programa a ouvir.

II PROGRAMA DA EMISSORA NACIONAL

Selecção, quase sempre cuidada, de música clássica.

VIUFIL

V. de JOAQUIM FERNANDES DE ALMEIDA, SUCRS., (FILHOS), LDA.

•

FABRICA DE SERRAÇÃO DE MADEIRAS

TACOS TRADICIONAIS

COFRAGENS APARELHADAS

TODAS AS MADEIRAS PARA CONSTRUÇÃO CIVIL E CARPINTARIAS

ESTAÇÃO LICENCIADA DE TRATAMENTO **XILOFENE**

•

Sede e Escritórios: Avenida Coelho da Gama Telefones 9 92 27 8 - PPC

Fábrica: Estrada de Miranda

LOUSÃ

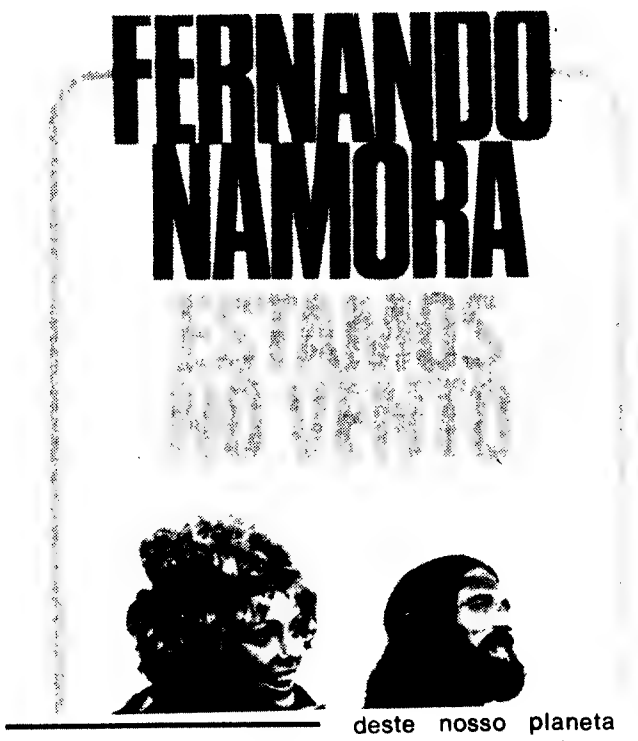
Delegação Comercial:

Rua de Marvila, 144 — Telef. 38 22 44 — LISBOA-6

•

FORNECEDORES

das maiores organizações da Construção Civil do País



● LIVROS

«ESTAMOS NO VENTO»

Lançado pela Bertrand, acaba de sair o novo livro de Fernando Namora, «Estamos no Vento». **Que olhos tem um homem de cinquenta anos para ver a nova face do mundo?** é a pergunta inicial deste livro em que se harmoniza numa contextura narrativa fascinante, o romance, o ensaio, a crónica. Uma obra cuja primeira edição (5000 exemplares) se esgotou antes de saír a público.

PARA AS CRIANÇAS

TELEVISÃO

Hoje, cerca das 14 e 25, a rubrica TV Infantil apresentará a sua primeira edição desta semana, sendo a segunda transmitida na próxima 6.ª feira, pelas 19 e 45 e incluirá, mais um episódio da série «As Aventuras do Alecrim».

Amanhã, pelas 19 e 40 haverá TV Juvenil. A coordenação destes programas é de Maria do Sameiro Souto.

SESSÕES NO PLANETÁRIO GULBENKIAN

Se está interessado em observar os mundos infindos que existem para além deste nosso planeta minúsculo, se está interessado em viajar através do Cosmos sem ter necessidade de sair da mesma cadeira, vá assistir às sessões do Planetário Gulbenkian.

Hoje, domingo, pelas 16 horas exibir-se-á o filme «A Máquina do Tempo». A Medição do Tempo. O calendário». E às 17 horas, «O Planeta e o Cosmos — uma breve revista através do Planetário».

No próximo sábado igualmente às 16 horas, e às 17.30 «Os Caprichos da Deusa Isis — O Sol e a Lua», e «Planetário e o Cosmos».

No domingo o programa voltará a ser o mesmo, mas antes, na quarta-feira, haverá às 15.30 e 16 horas, sessões especiais dedicadas a estudantes. Chegar a tempo. Depois do início das sessões não é permitida a entrada.

● CINEMA

LÁGRIMAS E SUSPIROS

Ingmar Bergman é um excremento metafísico da burguesia no cinema e um dos seus grandes mitos contemporâneos. Numa sala como o Apolo 70, não admira que a película se mantenha em cartaz há 18 semanas. Campo Pequeno. 18 anos.

AMOR LOUCO

André Delvaux constoi o menos interessante dos seus filmes. Um tema repisado: as obcessões do intelectual Mathieu, as suas flutuações entre o real e a ficção. Estúdio. Alameda. 18 anos.

A INFLUÊNCIA DOS RAIOS GAMA NO COMPORTAMENTO DAS MARGARIDAS

Paul Newman realizou para Joanne Woodward interpretar (prémio de interpretação feminina Cannes 71). No Pathé. Detrás da Praça do Chile. 18 anos.

● BAILADO

GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO

Duas sessões: às 15 e 30 e 21 e 30. Temporada de 1973/1974. WOP-BOP-A-LOOBOP, coreografia de Patrick Hurde.

● TEATRO

A CEIA

Na Avenida Almirante Reis, 115-A, o grupo «A Comuna»-Teatro de Pesquisa. prossegue com os seus espectáculos de criação colectiva. Maiores de 14 anos. Francamente de não perder.

A ILHA DOS ESCRAVOS E A HERANÇA

No Mayer Cinema. Encenação de Jorge Silva Melo. Uma peça de Marivaux — de um Marivaux quase desconhecido entre nós — pelo Teatro da Cornucópia.

DISCOS

OS DEZ MAIS

LONDRES:

1 (1) Devil Gate Drive, Suzi Quatro;
2 (2) Jealous Mind, Alvin Stardust;
3 (3) Wombling Song, Wombles;
4 (4) The Air That I Breathe, Hollies;
5 (10) You're Sixteen, Ringo Starr;
6 (6) Rebel Rebel, David Bowie;
7 (16) Remember, Bay City Rollers;
8 (5) Tiger Feet, Mud;
9 (14) The Most Beautiful Girl, Charlie Rich;
10 (8) Love Theme, Love Unlimited Orchestra.

NOVA YORK

1 (1) Seasons in the Sun, Terry Jacks;
2 (2) Boogie Down, Ed Kendricks;
3 (3) Spiders and Snakes, Jim Stafford;
4 (7) Dark Lady, Cher;
5 (6) Rock On, David Essex;
6 (8) Sunshine on My Shoulders, John Denver;
7 (7) Jet, Paul McCartney;
8 (10) Mockinghbird, Carly Simon and James Taylor;
9 (11) Last Time I Saw Him, Diana Ross;
10 (12) A Love Song, Anne Murray.

BONA

1 (1) Teenage Rampage, Sweet;
2 ( ) I'D Love You, Lobo;
3 (5) My Coo-Ca-Choo, Alvin Stardust;
4 (4) This Flight Tonight, Nazareth;
5 (10) Kansas City, Les Humphries Singers;
6 (3) Daydreamer, David Cassidy;
7 (6) Daytona Demon, Suzi Quatro;
8 (7) Radarlove, Golden Earring;
9 (9) Truck on «Tyke», T. Rex;
10 (8) Der Kleine Prinz, (The Little Pince), Bernd Cluever.

AMESTERDÃO

1 (2) Duna-mite, Mud;
2 (1) The Air That I Breathe, The Hollies;
3 (4) Jambalaya, Carpenters;
4 (6) Je T'aime, Moi Non Plus, Jane Birkin and Serge Gainsburg;
5 (9) Peaches N A Tree, Nick MaKcenzie;
6 (13) Your're Sixteen, Ringo Starr;
7 (17) Dance With the Devil, Cozy Powel;
8 (11) Woman, James Brown;
9 (10) Never, Never Gonna Give ya Up, Barry White;
10 (-) Tigerfeet, Mud.

VENDE-SE

SENSACIONAL CARRO DE SPORT:

• PUMA G. T. E. •

ESPECTACULAR PREÇO!!!

DEPOIS DAS 18 H — TEL.: 26 36 85

HORÓSCOPO

PARA O PERÍODO DE 10 A 16 DE MARÇO

Pelo ASTRÓLOGO HORUS

ÁRIES:

(Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: No domínio amoroso as condições apresentam-se bastante risonhas, mostrando mesmo um ar de certa felicidade conjugal. No ambiente familiar e nas relações sociais, terá um período agradável.
DINHEIRO: As condições financeiras para esta semana são benéficas. Neste capítulo pode conseguir um notável avanço principalmente, se se empenhar neste sentido.
PROFISSÃO. Tem oportunidade de pôr em prática o seu valor e as suas aptidões. Não hesite e proceda de maneira que a sua capacidade profissional não deixe suscitar dúvidas. Haja com energia e confiança.
SAÚDE: O péssimismo e a ansiedade são os únicos males que vos podem apoquentar durante este período.

TAURUS:

(Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: A semana é auspiciosa para os assuntos de amor e de amizade. Resolverá bem e com plena satisfação os seus problemas de coração, corrigindo mesmo erros cometidos no passado.
DINHEIRO. Qualquer tentativa de aproximação que pretender fazer no que respeita à sua vida financeira terá sucesso. Os astros indicam que pode confiar na protecção invisível.
PROFISSÃO: Na sua esfera profissional as aptidões e ambições no que diz respeito aos astros estarão bem protegidas, as vibrações planetárias prometem protecções ocultas. Não permita que circunstâncias independentes da sua vontade o descontrolem e preocupem.
SAÚDE: O período é estacionário quanto à saúde. Não se observam melhorias nem agravamentos.

GEMINI:

(Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR. Excelentes perspectivas de felicidade e de sucessos sentimentais. Consagre-se decididamente e com grande afecto aos seus e deixe-se de ressentimentos em referência a casos ocorridos anteriormente. Nada de péssimismos.
DINHEIRO: Trabalhe com maior ardor do que é costume, porque o período é favorável a dinheiros e outras compensações. Esforce-se e verá.
PROFISSÃO Os astros concedem-lhe uma visão clara e muito intuitiva. A ocasião é expléndida para receber convites de certa importância para a sua vida futura: Momento em que os grandes planos de desenvolvimento encontram um clima propício.
SAÚDE: Grande delicadeza nervosa, especialmente se possui complexos de inferioridade social. Evite toda a espécie de excitantes artificiais, e vigie os rins.

CANCER

(Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Os seus protestos de amor serão bem aceites. A vida em família e as suas relações sociais serão calmas e felizes. Vera as coisas sob um prisma diferente, cor-de-rosa.
DINHEIRO: Tudo indica que as suas possibilidades financeiras durante esta semana estão no âmbito das pequenas deslocações, e de negócios que exigem um paciente estudo. Registará igualmente, alguns benefícios que lhe serão facultados por pessoas amigas.
PROFISSÃO Propicia às actividades, quer elas sejam comerciais, artísticas, científicas ou mesmo literárias. Novas propostas vos serão feitas. Estude-as convenientemente.
SAÚDE: O motivo principal da sua falta de resistência é a gulodice, que lhe ocasionará algumas perturbações no órgão digestivo, falta de apetite inércia, etc., mas nada de grave acontecerá.

LEO:

(Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: As influências deste período são muito propícias para uniões e reuniões familiares. Contudo, suceder-se-ão algumas mudanças que vincularão a amizade e coduzirão a boas relações futuras.
DINHEIRO: Dinheiros inesperados e protecção nos assuntos de carácter financeiro proporcionar-lhe-ão uma boa melhoria na sua vida económica. O momento é muito propício para proveitoso emprego de capital.
PROFISSÃO: As suas iniciativas durante a corrente semana, desde que sejam encaradas, bem pensadas, atingirão facilmente os fins pretendidos. Terá sucesso nos esforços, se levar as coisas a sério reflectindo bastante e persistindo na busca dos seus objectivos.
SAÚDE: Há tendência a exagerar as suas doenças. Cuide do fígado e dos intestinos e não se exponha a temperaturas exageradas.

VIRGO:

(Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR Os prognósticos astrológicos para esta semana aconselham calma e reflexão. Se seguir estas indicações astrais, a felicidade familiar e sentimental será uma realidade.
DINHEIRO: Os ganhos e os assuntos referentes a finanças não lhe são propícios. O pouco que ganhar, desaparecerá rapidamente e sem saber explicar como. Só com uma vontade firme poderá ter mão nas despesas.
PROFISSÃO: Não se deixe envolver em aventuras. A falta de franqueza e honestidade poderão acarretar-lhe contratempos. Poderá sentir inclinação para forçar situações, mas o prudente será ter calma e perseverança, para conseguir os seus objectivos.
SAÚDE: Os astros aconselham a maior circunspecção, pois corre o perígo de acidentes.

LIBRA:

(Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: À medida que a semana fôr progredindo, tudo o que diz respeito à família e à pessoa amada se aproxima da realização dos seus desejos mais queridos.
DINHEIRO: Não se precipite, e actividade que exercer para conseguir meios não terá resultados por aí além. Há tendências a recorrer às reservas. Se não usar de cuidado corre o risco de especulações e prejuízos.
PROFISSÃO. Projectar, criar e idealizar devem ser as suas preocupações. De momento cinja-se simplesmente a isto, e quando atravessar um período com melhores influências planetárias, aproveite então para entar em acção, pondo as suas ideias em prática.
SAÚDE. Evite os choques psicológicos e as bruscas mudanças de temperatura. Modere o uso do tabaco, café e outras bebidas que contenham grande percentagem alcoólica.

SCORPIUS:

(Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: A vida sentimental, conjugal e familiar não será muito prazenteira. Haverá, sem dúvida, um afrouxamento passageiro no plano sentimental. Possibilidades de ser alvo de falsidades.
DINHEIRO: Durante este período estará sob influências que lhe proporcionam proventes débeis em matéria de lucros. Desta forma, é de toda a conveniência que controle as despesas e não assuma encargos financeiros sejam de que natureza forem.
PROFISSÃO: Tome as maiores precauções no seu trabalho, principalmente com falsos companheiros ou más sociedades. Isso não obsta a que dê desenvolvimento aos seus assuntos profissionais e que explore as oportunidades que se abrem à sua frente.
SAÚDE: Esta posição astral inclina a desastres ou, pelo menos, dá um descontrole de nervos susceptível de os provocar. Cuidado, portanto.

SAGITTARIUS:

(Para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Haverá aborrecimentos no sector sentimental, que podem ser dissolvidos por meio de tacto diplomático. O período inclina à dureza de expressão, portanto, use de cuidado nas suas relações e moderação no trato com a pessoa amada.
DINHEIRO: As suas esperanças não se realizarão totalmente, nem a sua disposição económica atravessará um período muito favorável, pelo que fará bem em limitar as despesas.
PROFISSÃO: Cumpra o seu dever e deixe correr o tempo. Não complique a vida aos outros. Nesta altura os novos encargos, não deixarão muito a desejar, por isso evite-os
SAÚDE: Cuidado com a saúde, principalmente com o regime alimentar que ingerir durante este período

CAPRICORNIUS:

(Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: A atmosfera sentimental continua a ser-lhes benigna. Poderá contar com agradáveis satisfações no plano amoroso, entre a família e no círculo das suas amizades. Por conseguinte, a sua vida sentimental dum modo geral decorrerá sob um signo feliz.
DINHEIRO: A sua situação económica benefíia de algum aumento. Se necessita empreender algo, ou fazer qualquer tentativa em matéria de finanças, a altura é boa para agir.
PROFISSÃO: O desenvolvimento geral na sua actividade profissional está sob influências favoráveis. Os estudos e projectos práticos ligados à sua ocupação normal terão bons resultados.
SAÚDE: Para que a sua saúde decorra satisfatoriamente é muito importante dominar os nervos e reduzir um pouco a alimentação que lhe fôr prejudicial.

AQUARIUS:

(Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: O período apresenta-se harmonioso e com propensão para a espiritualidade e boa disposição. Semana interessante e de afabilidade entre a família e nas relações com o ser amado. A sinceridade é o sentimento predominante no decurso desta semana.
DINHEIRO: As condições financeiras apresentam-se favorecidas durante esta semana, e algo de notável poderá realizar se se esforçar nesse sentido com coragem e tenacidade.
PROFISSÃO: Nos afazeres da sua vida quotidiana a sorte favorece-vos. Auspicioso para iniciar sociedades ou trabalhar em boa colaboração. Altura em que poderá obter algo junto dos superiores... As viagens estão também sob boas influências.

PISCIS:

(Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR. Os influxos astrais apresentam-se perturbadores esta semana. Os seus planos poderão ser transtornados. A coasião é para confiar na sua própria iniciativa e nada melhor do que ela para superar as influências negativas que se observam
DINHEIRO: É necessário fazer um esforço extraordinário para as condições monetárias atingirem resultados, embora diminutos. Observe com cuidado todas as propostas que lhe fizerem, principalmente relacionadas com negócios de ocasião.
PROFISSÃO: Na profissão a sua acção será muito movimentada, todavia, os resultados não serão práticos e imediatos. Não descure os problemas importantes e complicados
SAÚDE Não tente isolar-se, embora seja compelido a isso, pelo facto do ambiente que o cerca o irritar. Tente distrair-se, e, se possível, viaje.

TORM LINES

PARA:

BARCELONA, ALGER, MALTA, BEUROUTH, ALEXANDRIA E IZMIR

n/m. «ALICE TORM» em 24 do crte

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 80 56 / 36 22 86
Lisboa 2 Portugal

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

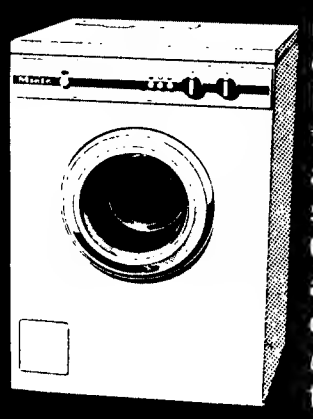
OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis de segnda asexta-feira das 14.30 às 20 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

Máquina de lavar roupa automática



Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.

Miele®

AGENTE OFICIAL:

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91 A
Telefs.: 538323 - 536308 - 530838
Rua Angelina Vidal, 63 - 65
LISBOA

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

EXAMES RADIOLÓGICOS

Conc. Público n.º 35/74

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados (das 9 às 12.30), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 6 de Março de 1974.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

FINA PORTUGUESA

ÓLEOS E CARBURANTES, S.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos da lei e dos estatutos são convocados os Senhores Accionistas para se reunirem no próximo dia 28 de Março de 1974, pela 11 horas, na Sede Social, em Assembleia Geral Ordinária, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º Discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas do exercício de 1973, e, bem assim, o relatório do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal.
2.º Apreciar os termos da proposta de alteração dos estatutos da sociedade.
3.º Deliberar sobre qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Júlio Correa Mendes

Óculos de condução OSSEA

SURDOS

CASA SONOTONE

Chegou uma nova remessa de aparelhos auditivos o que há de mais moderno. Óculos só para encostar ao mastóide, sem fios nem pipetas, o mais cómodo possível. Fazemos trocas e prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marcas. Trabalhamos com as Caixas de Previdência. Pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à Laringe. Os nossos exames são gratuitos. Pedimos uma visita com a qual ficamos muito reconhecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L. — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92 - 1.º — Telef.: 02-35602
LUANDA — Largo Luís Lopes Sequeira, 2 - 2.º A — Telef.: 38381

NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

OS OLHOS E OS OUVIDOS DO REI VÃO MORAR NAS ANTAS

Por **NEVES DE SOUSA**

Uma enchente total serve esta tarde, nas Antas, de cenário ao embate-mor da jornada n.º 23 do Nacional futebolístico — mais alta instância: Porto contra Benfica, terceiro contra segundo a perseguição ao «leader» verde-branco, nesta arrepiante escalada até ao título da temporada.

Mundo de conjecturas rasga-se perante o adepto do futebol: Cubillas em esgrima com Toni, Eusébio ante Rolando, Oliveira a procurar servir Abel, Humberto Coelho na vigilância ao antigo colega, Barros à espera de Flávio ou de Marco Aurélio, dois guarda-redes de primeiríssimo plano (Tibi e José Henrique) atentos a tudo o que se desenrolar em 90 minutos. E, depois, que marca ficará como desfecho numérico?

Digamos, desde já, que uma derrota portista significará o quase abandono da luta pelo troféu máximo do futebol português, enquanto que êxito benfiquista contribuirá para ampliar a extraordinária expectativa que rodeia (já) a esgrima verde-rubra prevista para Alvalade, a 31 do corrente.

Daí, portanto, que o Porto tenha de ganhar este confronto com o «onze» da Luz: e que o Benfica não possa perder. E, ainda, que (embora de corpo presente no Montijo) o Sporting apenas tenha ouvidos para o relato das Antas. E que (curiosamente) os três primeiros da actual colocação vivem perante uma verdade: a cada um basta vencer todos os confrontos para lograr o ceptro!

E voltamos a poisar nas Antas: quem baqueará? Quem ficará no meio da estrada? Será, porém, que o empate final permitirá (tanto ao Porto, como ao Benfica) permanecer no ringue contra o Sporting? E, quem é capaz de garantir que os «leões» saltam sobre a barreira-Montijo?

Abel: o golo é o objectivo

Outra dúvida, como se vê: a avolumar o horizonte deste incandescente domingo de Março, em que dois favoritos jogam entre si e outro pretendente terá, igualmente, exame de perspectivas pouco atraentes...

CUBILLAS E EUSÉBIO

Cubillas e Flávio (os dois homens mais caros do futebol português) devem estar presentes: tal como Abel e Marco Aurélio que, apoiados por Oliveira, são armas de terrível eficiência. Há, mesmo, pormenores psicológicos que envolvem estes nomes: Cubillas a tentar redimir-se do falhanço do «penaltie» contra o Guimarães, Flávio a tentar readquirir a fama de chutador que era sua auréola em terras brasileiras, Abel a comprovar o óptimo momento que atravessava antes da lesão que o jogou para o posto médico «azul-branco», Marco Aurélio a justificar o renome que está granjeando como concretizador, Oliveira a pedir um olhar do seleccionador José Maria Pedroto.

O Benfica, por seu lado, aparece com algumas falhas no «plantel» se atendermos à ausência de unidades vitais na estratégia do «team» (Artur Jorge, Jaime Graça, Messias). Mas conta com um «jovem» (de seu nome Eusébio da Silva Ferreira) que, aos 32 anos de idade, continua (por si só) a desequilibrar todos os pratos da balança em que é colocado... Quem segura Eusébio na «matinée» de hoje? Em que medida Toni acorrentará Cubillas? Que força física estará ao dispor de Simões para tomar as rédeas do meio-campo?

Nada de aventuras: ao cronista resta esperar, para depois dissecar os factos. Adivinhá-los é proibido.

José Henrique: toda a atenção será pouca

CELESTINO E YAZALDE

No Montijo, outro ponto de interrogação: no «pelado» dos «amarelos», o Sporting levará a melhor? O uruguaio Carabalho e o ainda muito útil Celestino irão desfeitear o seu antigo emblema? Mário Lino continuará a passear tranquilamente sobre todos os escolhos?

Dinis regressa e Manaca ainda poderá jogar, pois o castigo da U. E. F. A. será apenas impeditivo de presença por essa Europa fora. Pergunta-se: que Sporting estará no terreno? O que esmagou a Cuf e o Zurique ou o que titubeou no Restelo, na Luz e em Setúbal? Qual dos Yazaldes jogará com o número 9?

Quanto ao Montijo (desfalcado de Eurico) tem um duro osso no seu prato. Até onde irá a coragem dos seus profissionais e a capacidade de resistência ao inevitável carregar no acelerador dos homens de Alvalade?

CASOS PARALELOS

O Restelo também será palco de jogo cheio de «nuances»: um Belenenses arredio da fama antiga, mas sempre imprevisível no traço dos seus combates, em confronto directo com um Vitória de Setúbal, que anseia prolongar a candidatura ao lugar que Pedroto preparara habilmente. Um Belenenses ferido no seu orgulho pelo «desastre» no Barreiro e um Vitória também sacudido por derrota igual contra um Estugarda que vale tanto como o «onze» de Juca. Assim, porque não um empate?

O RESTO

Um duelo regional (Farense-Olhanense) em montões de brasileiros a recrearem-se com a «menina». Dois dos últimos em cerrada porfiam pelos dois pontos em equação: Oriental conturbado por um turbilhão de núvens e Barreirense eufórico pelo último salto no trampolim. Um Beira-Mar a jogar tudo por tudo: e um Guimarães (no outro lado da paliçada) calmo e ponderado para utilizar as suas pedras no instante exacto do estremecimento contrário. Aqui temos todo o genérico de mais uma etapa deste «nacional», pleno de dúvidas e de questões em suspenso. Lutas sem quartel no cartaz deste domingo que pode significar, para muito boa gente, uma viagem entre dois pólos: do sonho à desilusão.

CAMPEONATO SECUNDÁRIO

GUIAS EM PERIGO UMA VEZ MAIS...

Nestas últimas jornadas, o campeonato nacional da 2.ª divisão tem sido marcado pela alternância dos comandantes, em ambas as zonas. Na Norte, o Espinho tem perdido terreno: e foi já alcançado pela Sanjoanense, enquanto o Fafe (apenas com 9 golos sofridos) está a um único ponto dos «leaders». Na zona Sul, depois de ter manifestado uma superioridade incontestável, o Peniche prossegue a ceder terreno, principalmente a favor do Atlético. Quer dizer: o nacional da 2.ª divisão vale, principalmente, pela luta que constantemente ganha motivos de interesse em torno das posições dos guias.

Hoje (e no que diz respeito à zona Norte) a Sanjoanense tem um jogo tranquilo: actua no seu relvado contra o União de Lamas (que é um dos últimos). Mas o Espinho vai a Braga defrontar um Sporting minhoto desejoso de subir alguns degraus na tabela classificativa e de se redimir do fracasso na «Taça»...

Na zona Sul, o Atlético joga fora (na Cova da Piedade), enquanto que o Peniche recebe o União de Leiria. Se o prélio da Cova da Piedade reune larga curiosidade (pois será lógico que os donos da casa queiram travar a turma alcantarense) a verdade é que o Peniche não tem tarefa menos fácil: é que os pupilos de Medeiros estão apenas a 5 pontos dos seus adversários, sendo natural, portanto, que queiram fazer minguar a desvantagem.

Entretanto, lembremos o calendário completo da ronda indicando-se, entre parentesis, os pontos já conquistados por cada uma das turmas. Na zona Norte (e para além do Feirense-Tirsense, ontem à noite disputado) jogam, Vilanovense (21)-Riopele (25); Aves (10)-Varzim (27); Lourosa (28)-Oliveirense (17); Gil Vicente (20)-Chaves (26); U. Coimbra (26)-Gouveia (12); Sanjoanense (32)-U. Lamas (16); Sp. Braga (26)-Sp. Espinho (32); Fafe (31) Famalicão (24); Penafiel (28) Salgueiros (26).

Na Zona Sul, o calendário é o seguinte: Sintrense (19 p.)-Alhandra (14); Peniche (34)-U. Leiria(29); C. Piedade (27)-Atlético (35); Odivelas (20)-Sacavenense (13); U. Tomar (34)-União Sport (23); Marítimo (26)-Torres Novas (22); Portimonense (29)-Tramagal (11); Sesimbra (23)-Caldas (20); Marinhense (27)-Almada (23); Lusitano (31)-Torriense (25).

Jogos a partir das 15 horas.

CUF, 0-ACADEMICA,0

NÃO SE VISLUMBRA MANEIRA DE A C.U.F. ACERTAR NO GOLO

Pela oitava vez consecutiva, o ataque cufista ficou em branco, em jogos do campeonato da primeira divisão. Este nulo dos pupilos de Caiado foi, aliás, a dominante no despique que ontem travaram com a Académica, no estádio Alfredo da Silva, no Barreiro, devendo acrescentar-se, também, como notas mais impressivas do encontro, a bem organizada defensiva dos estudantes e o apropósito com que tentaram o contra-ataque.

Mas se a Cuf ficou em branco, não foi, desta feita, por escassez de ocasiões para violar a rede de Gaspar. Durante os noventa minutos de jogo, incluindo, mesmo, os derradeiros segundos, Juvenal, Arnaldo e José Domingos tiveram a baliza em ponto de mira com tempo e espaço para realizar o golo que tanto procuram. Mas foi tudo em vão, muitas vezes por inépcia, outras porque a defesa da Académica estava lá.

Começando pelo princípio, temos que dizer não ser muito notório o domínio dos da casa, no primeiro tempo. Pelo contrário: a Académica até contra-atacou com certo perigo, procurando, sobretudo, aproveitar a velocidade e o poder de remate de Vala, sistematicamente descaído sobre a esquerda e bem avançado no terreno.

Só que as ocasiões de golo mais claras pertenceram à Cuf.

Logo aos 14 minutos, um falhanço de Belo deixou Juvenal isolado a caminho da baliza de Gaspar. O extremo cufista correu mas perdeu tempo e permitiu a recuperação dos opositores. Quando rematou já a oposição da Académica estava montada e a bola não chegou à baliza, ressaltando para o lado direito da grande área até ser recuperada pelos visitantes.

À meia hora novo assédio cufista. A bola viaja de um lado para o outro da área de perigo com a defesa da Académica a assistir, estática e comprometida. Mas os remates não surtiram efeito e o perigo passou, restabelecendo-se o equilíbrio que haveria de ser constante durante o resto da primeira parte. Também foi constante uma certa falta de clareza no desenvolvimento do jogo de parte a parte.

Para o segundo tempo, uma troca em cada equipa (na Académica entrou mais um avançado, substituindo um médio) não melhorou as coisas no tocante ao plano geral do jogo. Mas a Cuf, por força da acção de Vitor Pereira, tornou-se mais incisiva nos seus lances de ataque.

Assim, com cinco minutos transcorridos na segunda metade, de novo Juvenal perde um golo feito. Manuel Fernandes meteu-lhe a bola para trás da defesa para o flanco esquerdo. Juvenal, bem enquadrado com a baliza e a curta distância, rematou com o pé direito, sobre a barra.

Não tardou muito tempo e José Domingos já concluia lance de idêntico perigo, rematando demasiado alta uma bola largada por Gaspar e que Gervásio, dentro da baliza, procurava desesperadamente não perder de vista. Se contarmos ainda que Arnaldo desperdiçou semelhante lance (semelhante pelo perigo, não pelo desenvolvimento) temos que a baliza da Académica passou por sérias dificuldades até o seu ataque conseguir algo de interessante junto a Conhé.

Foi Costa o forjador da avançada mais espectacular da Académica. Iam decorridos 16 minutos da segunda parte e o número 11 lançou Manuel António, em velocidade, isolando-o para o remate pronto e sesgado. A bola levava força e direcção mas Conhé desviou-a, ligeiramente, com a ponta dos dedos, levando-a a sair para canto, rasteira e junto ao poste esquerdo da sua baliza.

Vitor Campos saiu, entretanto, do relvado. Gervásio avança para o seu lugar, no meio campo, entrando José Freixo para a defesa e tomando a Académica as rédeas do jogo.

Isso não impediu que a monotonia reinasse em campo, mas contribuiu para nova ocasião de remate final por Manuel António. O centro-avante da Académica desenvolveu um «rush» prolongado e atirou fortíssimo, já dentro da grande área. Conhé largou a bola mas pôde recuperá-la no solo antes que os contrários o ameaçassem.

A Cuf reagiu e foram ainda os seus avançados que criaram condições de êxito no prélio, encarregando-se igualmente de as perder. Faltavam escassíssimos segundos para o fim do jogo quando José Domingos enviou à trave a última bola com sinal de golo. Decididamente, o trio de jovens dianteiros lançados por Caiado (são extremamente jovens Manuel Fernandes, Juvenal e José Domingos) não querem marcar. E como Arnaldo, que era o goleador de serviço da primeira volta cufista, está em nítida baixa de forma física e técnica, nada a fazer. A não ser esperar melhores dias e, entretanto, ir ganhando uns pontinhos em jogos nulos para não cair na zona de perigo de descida de divisão.

Boa arbitragem de Adelino Antunes.

Ficha do jogo

Estádio às moscas, que é como quem diz, bancadas vazias ao uso da casa, arbitragem de Adelino Antunes, de Lisboa, transmissão directa pela televisão e uma tarde esplêndia para o futebol.

As equipas apresentaram-se com:

Boa saída de Conhé (apoiado por Esteves) a furtar a bola da entrada de Vala, da Académica

CUF — Conhé, José António, Vicente, Quaresma e Esteves; Vitor Pereira, Vitor Gomes e Arnaldo (capitão); Manuel Fernandes, José Domingos e Juvenal.

ACADEMICA — Gaspar, Brasfemes, Belo, Gervásio (capitão) e Simões; Vitor Campos, Serrano e Gregório Freixo; António Jorge, Vala e Costa.

Pelo tempo adiante entraram Américo (ao intervalo e para substituir Vicente), Manuel António (ao intervalo, para o lugar de Gregório) e José Freixo (aos 65 minutos, para render Vitor Campos).

«PRÉMIOS CNID-1973»

O Clube Nacional da Imprensa Desportiva distribui amanhã à noite, os seus prémios de 1973, às individualidades que mais se salientaram durante o ano transacto no mundo do desporto português.

Serão entregues, como habitualmente, prémios ao «Atleta do Ano» (Carlos Lopes é o distinguido), «Futebolista do Ano» (Eusébio) e «Revelação do Ano» (o ciclista Dinis Silva), e, este ano pela primeira vez, os «Prémios Laranja» (a Jaime Duarte, ex-dirigente do Sporting) e «Prémio Limão» (a Constantino Gomes).

A cerimónia decorrerá durante um jantar a realizar no Hotel Altis, pelas 20 horas, estando presente o Secretário de Estado da Juventude e Desportos.

Classificação

Sporting	36
Benfica	35
F.C. Porto	34
Setúbal	33
Belenenses	25
Guimarães	25
Cuf	21
Farense	20
Académica	19
Boavista	18
Olhanense	18
Barreirense	17
Leixões	15
Beira Mar	14
Montijo	13
Oriental	13

LEIXÕES, 2 BOAVISTA, 0

QUERER LEIXONENSE

Jogo de muita importância, o que ontem se disputou no Estádio do Mar, entre as equipas do Leixões e do Boavista, especialmente para a equipa matosinhense, já que a sua posição na tabela classificativa é demasiado incómoda.

Com uma demonstração bem visível da sua ânsia de querer vencer, os leixonenses entraram no terreno a jogar em boa velocidade e deliberadamente ao ataque, o que, até certo ponto, fez com que os «axadrezados» se remetessem a uma defensiva cerrada, de trabalho contínuo e exaustivo, já que o futebol desenvolvido. (expecialmente ao longo de toda a primeira parte se desenrolou no meio-campo pertencente à equipa de Aimoré Moreira.

Porém, sempre que tinham uma possibilidade, os homens do Bessa desenvolviam jogadas de contra-ataque, mas sem perigo aparente, já que Salvador, o homem quase sempre solicitado para essas jogadas, esteve em tarde muito apagada, muito longe mesmo das exibições categóricas que lhe temos visto fazer em jogos anteriores.

Mas, a confirmação do domínio leixonense só viria a aparecer a cinco minutos do final da primeira parte, o que levou a equipa do Bessa, após o recomeço, a vir para o terreno com outra disposição, ou seja a de virar o andamento do marcador. Os leixonenses, porém, sempre com o mesmo querer, lutaram com muito entusiasmo e não permitiram ao adversário grandes voos.

Diga-se, portanto, que a segunda parte do encontro foi mais de luta do que de futebol jogado, mas, mesmo assim, o domínio ainda acabou por pertencer aos pupilos de António Teixeira, que viram a sua vitória confirmada com o golo que obtiveram aos 85 minutos. E acrescente-se que a vitória lhe assenta perfeitamente bem.

No entanto, a linha dianteira continua a ficar muito «pregada» ao terreno, nos momentos decisivos, precisamente naqueles em que pode rematar.

Arbitro: Melo Acúrsio (Porto).

As equipas:

LEIXÕES: Alberto; Teixeira, Adriano, Nicolau e Raul; Eliseu, Montoia e Jorge Felix; Vaqueiro, Horácio e Cacheira.

BOAVISTA: V. Cabral; Wilson, Mário João, Amândio e Trindade; Barbosa, Zezinho e Branco; Rufino, Tai e Salvador.

MARCADORES: Montoia e Cacheira, respectivamente aos 40 e 85 minutos.

SUBSTITUIÇÕES: Esteves (58 m.) substituiu Jorge Felix, Henrique (82 m.) entrou para o lugar de Horácio; Moura (53 m. foi ocupar a posição de Zezinho e Acácio (63 m.) rendeu Tai.

FERNANDO PASSOS

Uma fase do jogo, com o Leixões ao ataque

O SPORTING VOA MAIS ALTO!

VOE TAMBÉM COM O SPORTING NO

AVIÃO VERDE PARA ZURIQUE!

A equipa só jogará completa com o **12.º JOGADOR** — O PÚBLICO «LEONINO»

4 DIAS

6.850$00

HOTEL NOVA PARK (1.ª CLASSE A)
(PRATICAMENTE DENTRO DO ESTÁDIO)
PARTIDA, 18 (2.ª-FEIRA)
REGRESSO, 21 (5.ª-FEIRA)

- Transporte do Aeroporto para o Hotel e regresso
- Volta à cidade em autocarro c/ guia
- Viagem acompanhada desde Lisboa
- Bilhete incluído.

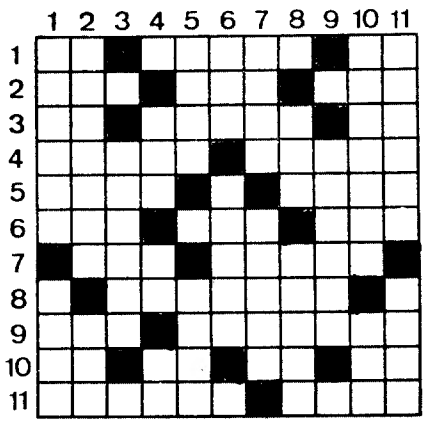
A DIRECÇÃO DO CLUBE VIAJA CONSIGO!

Informações e inscrições:
Av. da Liberdade, 107 — Telf. 369178/9
(QUARTO INDIVIDUAL — SUPLEMENTO EXTRA)

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10719



HORIZONTAIS

1 Artigo definido. Célebre rua de Roma que ia do Palatino ao Capitólio, passava, pelo Foro e era percorrida pelos triunfadores. Platina (s. q.).
2 Meios de subsistência. Pronome relativo. Ente.
3 Artigo definido (ant.). Cidade de Itália. Pronome reflexo.
4 Rumina. Ralam (Bras.).
5 Uma das partes do Mundo. Maciço montanhoso de Alvérnia.
6 Troças. Frívolo. Descobrir.
7 Pega. Milho (Eras.).
8 Nome de mulher.
9 Recusa. O mesmo que cacumbu.
10 Caminhar. Basta Vê (Invº). Autores.
11 Versejara. Funesto (fig.).

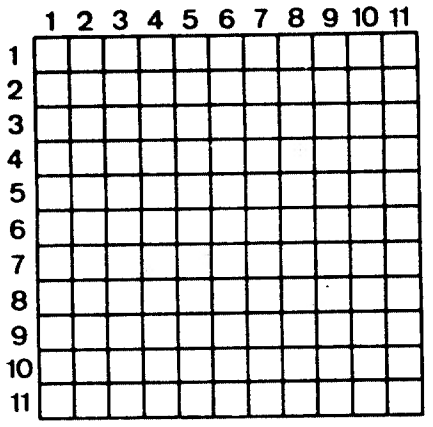
VERTICAIS

1 Cumprir. Ligar.
2 Freira da Ordem de Nossa Senhora da Visitação, instituída por S. Francisco de Sales. Apelido.
3 Incumbência.
4 Corda de reboque. Preposição latina que designa movimento. Alto! (interj.).
5 Planta trepadeira da ilha de S. Tomé. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
6 Rio da U. R. S. S. Concelho do distrito do Huambo (Angola).
7 Monarcas. Obstáculo.
8 Medicina. Aniquila.
9 Reaparecem.
10 Tomarei o peso a. Botequim.
11 Temer. Freguesia do concelho de Vila do Conde.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6877



HORIZONTAIS

1 Tempo do verbo haver. Uma das Grandes Antilhas. Arsénico (s. q.).
2 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Rompe.
3 Desejara com veemência.
4 Vinho francês espumoso do Marna. O sono das crianças. Gálio (s. q.). Pago.
5 Doutora. O mesmo que linha (de geração). Tempo do verbo ir.
6 Suave. O mesmo que romano.
7 Rezaria. Letra grega.
8 Costumes. Luz da Lua.
9 Cidade da Ucrânia. Mitologia.
10 Danço. Cidade do Japão.
11 Gavinha. Regra obrigatória ou necessária. Freguesia do concelho de Penafiel.

VERTICAIS

1 Cidade da Pérsia. O mesmo que cidade.
2 Prefixo de privação. Caminharmos. O mais.
3 Em partes iguais. Diz-se dos seres microscópicos que só vivem em presença do ar.
4 Cântico em honra da Divindade. Relativo ao nariz.
5 Destruir. Lista.
6 Idem.
7 Devorara. Tritura.
8 Palmeira da Amazónia. Rio de Portugal.
9 Saudável. Assacar.
10 Prata (s. q.). Freguesia do concelho de Santa Cruz da Graciosa (Açores). Cálcio (s. q.).
11 Cidade da Federação Indochinesa, capital da Cochinchina. Quinteiros (prov.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10718

HORIZONTAIS

1 DOIS. GEMEOS.
2 Pianos. Mia.
3 II. Saá. Coro.
4 Gatão. Galos.
5 Urro. Cenas.
6 Falar.
7 Ion. Amadas.
8 Sra. Zara. Al.
9 Arreda.
10 Ova. Mamo. Ag.
11 Sama. Pina.

VERTICAIS

1 IGUAIS. Os.
2 Opiar. Orava.
3 II. Trinaram.
4 Sasão.
5 NÃO. FAZEM.
6 Goa. Camadas.
7 Es. Gelaram.
8 Canada. Op.
9 Imolara.
10 Oiros. Sa. An.
11 Sãos. LIGA.

Provérbio: DOIS GÉNIOS IGUAIS NÃO FAZEM LIGA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6876

HORIZONTAIS

1 Azedo. Parem.
2 Maré. Seca.
3 Agá. Aar. Sôr.
4 Cádis. Altar.
5 Aramá. Piora.
7 Atascas.
8 Estar. Avisa.
9 Feri. Anal.
10 Ina. Avô. Aca.
11 Aas. Repelão.

VERTICAIS

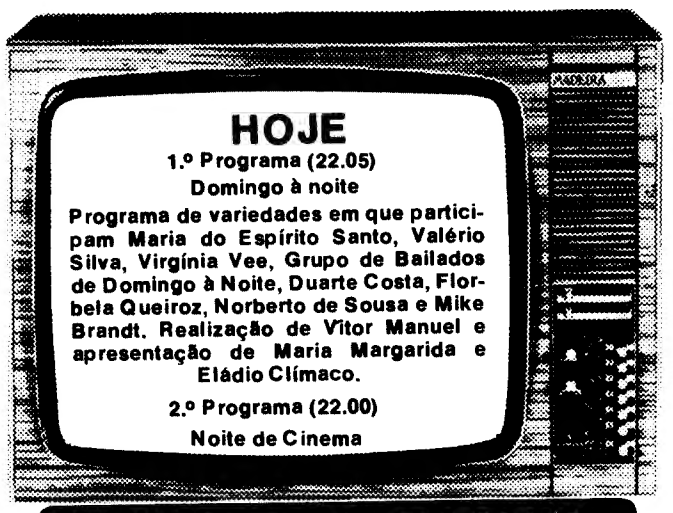
1 Amaça. Refia.
2 Zagari. Sena.
3 Erada. Atrás.
4 De. Imitai.
5 Asa. Ar. Ar.
6 Sá. Cs. Ave.
7 Par. Ca. Op.
8 As Limava.
9 Resto. Sinal.
10 Ecoara. Saca.
11 Marra. Palão.

Até para o Japão os contentores *viajam* de comboio.

GABINETE DO TRAFEGO DE CONTENTORES
R. Vitor Cordon, 45 Lisboa 2
Telf. 36 72 26/36/37
Estação de S. Bento Porto
Telf. 22755

Caminhos de Ferro Portugueses

televisão



HOJE

1.º Programa (22.05)

Domingo à noite

Programa de variedades em que participam Maria do Espírito Santo, Valério Silva, Virgínia Vee, Grupo de Bailados de Domingo à Noite, Duarte Costa, Florbela Queiroz, Norberto de Sousa e Mike Brandt. Realização de Vítor Manuel e apresentação de Maria Margarida e Eládio Clímaco.

2.º Programa (22.00)

Noite de Cinema

MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.30 Abertura; Missa de domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Hoje pode ver
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.50 TV rural
14.25 TV Infantil
15.10 Disneylândia
16.00 Eurovisão — Campeonato da Europa de Atlestismo
17.45 Tarde de Cinema com «O Segredo da Juventude»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Poly em Espanha
20.00 TV 7
21.00 «Dr. Simon Locke»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Domingo à Noite
23.40 Domingo Desportivo — 2.ª EDIÇÃO
00.20 Meditação e fecho

2.º Programa

17.45 Abertura e Eurovisão — Campeonato de Andebol de Sete (Transmissão directa do Jogo da Final)
19.00 Desenhos animados
19.30 O Mundo à nossa volta
20.30 As Solteironas
21.30 Telejornal — 3.ª edição em simultâneo com o 1.º Programa
22.00 Noite de Cinema «O Idiota» (L'Idiot)
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Vivendo o futuro
13.15 «A Família Partridge»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Em defesa do consumidor
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa-Língua Portuguesa
19.25 «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 TV Juvenil — Temas Livres
20.00 Momento Desportivo
20.30 TV Palco
21.00 Imagens da Poesia Europeia
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 McCloud
23.40 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
20.45 Em defesa do consumidor
21.00 «A Família Partridge»
21.30 Telejornal — 3.ª edição em simultâneo com o 1.º Programa
22.00 Sabe quem foi Amália Luazes?
23.00 Música para olhar
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco e caíam aguaceiros no Norte do País.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	9º
P. DOURADAS	4º
COIMBRA	9º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	12º
FARO	11º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 22,0º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 1,2º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 13,4º
Atmosfera 11,7º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.24	4,3 m	11.05	0,5 m
17.46	4,1 m	23.20	0,6 m

Dia 11

6.05	4,2 m	11.42	0,6 m
18.25	4,0 m	23.59	0,7 m

Dia 12

6.46	3,2 m		
19.05	3,8 m	12.20	0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco; aumento de nebulosidade e períodos de chuva para o fim do período

AMANHÃ

NASCER AS 7.56
OCASO AS 19.39

DIA 15 DIA 23 DIA 31 DIA 6

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Tarde desportiva. Rádio Desporto. Relato e informações dos jogos da 23.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
17.30 Música sem palavras
18.05 Música portuguesa
19.00 Sinal horário. Noticiário
19.05 Música da Europa
20.00 Jornal da noite. Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades transmitidas dos Estúdios do E. R. N.
22.00 Teatro das comédias: «O Meu Caso» de José Régio.
22.32 Música portuguesa
23.05 «Sol e Toiros»
23.30 De um dia para o outro por Fernando Garcia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa). Sinal horário

Programa em MF 1 de Lisboa
23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

Programa estereofónico MF 2

14.30 Concerto n.º 2, para trompete e orquestra (Jolivet)
14.45 1.º Acto da «Valquíria» (Richard Wagner), segunda ópera do «Anel dos Nibelungos».
15.55 Sinfonia n.º 7 em mi maior (Anton Brucker) orq. Sinfónica de Colúmbia, dir. de Bruno Walter
17.00 Junção com o 2.º programa
21.00 Música ligeira variada
22.00 Missa em dó maior, catálogo Knchel 136 (Mozart)
22.50 Metamorfoses (Strauss) Naipes de Cordas da orq. Filarmónica de Berlim
23.20 Música de piano
00.08 Sinfonia n.º 1, em dó menor, op. 68 (Brahms)
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

14.45 Tarde desportiva
17.00 Chave do totobola
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.03 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 Música para o seu jantar
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Tempo de ritmo
23.30 No Mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã.

EMISSOR DE MIRAMAR

14.45 Tarde desportiva
17.02 Auto rádio
17.05 Presença coimbrã
18.02/21.00 Norte dia a dia, ed. desportiva
21.02/24.00 Genérico
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.02 Arauto da verdade
22.16 Hora do templo
22.30 Em destaque
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

14.50 Panorama
17.30 Emissão 28
18.05 Zona azul
18.20 Palavra do dia
18.25 Terço e missa
20.05 Zona verde — espaço ocupado pela família.
20.35 Intervalo
21.05 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Programa dos sócios
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR

06.00às 08.00, 10.00às 12.00 e 22.00 às 02.00

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

08.00 às 10.00 e 17.00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA

12.00 às 14.30 e 19.30 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA

14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1
(Até às 22 horas)

ALTO DO PINA
Iberia, Rua Barão Sabrosa, 235 A (a Alameda) (Telef. 728277)
ALVALADE
Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101 D (Telef. 722384); **Rio de Janeiro**, Av. Rio de Janeiro, 4 C (Telef. 721409)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge (as Galinheiras) (Telef. 790969)
ARROIOS
Castro, Av. Almirante Reis, 76 A (Telef. 821973)
AVENIDA LIBERDADE
Liberal, Av. Liberdade 219 (Telef. 43641)
AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marques de Tomar, 20 (Telef. 744995
BAIRRO ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praço do Norte, 11 A (Telef. 311216)
BAIXA
Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 126 (Telef. 873875)
BELEM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Telef. 638193)
BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34 A (Telef. 704828)
CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54 A (Telef. 684424)
CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358 A (Telef. 686176); **Tagua**, Travessa da Rua Possidonio Silva 162 A (Telef. 669485)
LAPA
Mata Capitao, Rua São Felix, 45 A/B (Telef. 660720)
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha d. Amelia, 34 B (Quinta das Morais) (Telef. 794174)
PENHA FRANÇA
Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (Telef. 842725)
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10 A (a encosta) Telef. 612243
S. BENTO
Felix, Rua Cruz dos Poiais 52 (Telef. 678531)
S. MIGUEL
Sao Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (Telef. 771469)
SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15 A (Telef. 78439)

TURNO C-2
Toda a noite

ALCANTARA
Dilena, Rua Aliança Operária, 49 A/B (Telef. 636620)
ALVALADE
Sanex, Avenida da Igreja, 31 C (Telef. 717505)
AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7 B (Telef. 731478)
ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 9 (Telef. 43340)
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (Telef. 41845)
BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63 A (Telef. 611454)
CAMÕES
Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (Telef. 322798)
CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (Telef. 662838); **Pinheiro**, Rua Campo Ourique, 131-133 (Telef. 686640)
CARNIDE
Ribeiro, Estr. da Luz, 199 A (Telef. 780969)
JANELAS VERDES
Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90 (Telef. 662327)
LUMIAR
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (Telef. 790480)
OLIVAIS
Antunes Rosa, Praça Cidade do Luso lote 199-Sul (Telef. 313610)
PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16 A (Telef. 728395-702703)
RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3 C-D (Telef. 681947)
REGO
Laranjeiras, Rua Felipe da Mata, 160-162 (Telef. 761035)
SOCORRO
Silmar, Rua S. Lazaro, 128 (Telef. 42829)
XABREGAS
Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32 (Telef. 381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Telef. 243517)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho-B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
MURTAL
Primavera
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (Telef. 260087)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170)
Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019)
Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485)
Confiança, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045)
Correia, L. do Marcado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)
MEM MARINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
COLARES
Colare, Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (Telef. 273498)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional 221-B (Telef. 224141)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Telef. 2073212)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Bocageana, R. do Romeu (Telef. 23425)
BAIRROS, B.º Santos Nicolau (Telef. 23330)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

10.º TURNO

SUB TURNO A

Canavarro, Rua da Restauração, 53; **Constituição (da)**, Rua da Constituição, 93; **Ferreira de Carvalho**, Rua do Bonjardim, 354; **Oriental**, Rua do Bonjardim, 727; **Padrão**, Largo do Padrão, 342; **Ramos**, Pr. Exérc. Libertador, 91.

SUB TURNO B

Figueiredo, Ld.ª, Rua de Cedofeita, 125; **Lidador (do)**, Rua do Lidador, 171; **Parente**, Rua das Flores, 114; **Sousa Soares**, Rua de Santa Catarina, 141; **Vitória**, Rua de S. R. da Lameira, 756.

COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Tel. 22961); **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Tel. 22603); **Rainha Santa**, R. Figueira da Foz, 11-B (Tel. 24737)

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Colorido
(Grupo D-18 anos)
A Noite! O amor, a violência, a loucura... o terror! Giancarlo Giannini, Claudine Auger «O VENTRE NEGRO DA ARANHA».

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). 4.ª semana!
Technicolor. Liv Ulmann, Gene Kelly e Edward Edward Albert «40 IDADE PERIGOSA». Uma história de apaixonante interesse!

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). 13.ª semana
Technicolor ... TODD ... do 35. Ofilme de Norman Jewison «JESUS CRIS SUPERSTAR».

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-10 anos)
Os terríveis mistérios do fundo do mar e a odisseia fantástica daqueles que avenceram! «UMA ODISSEIA SUBMARINA», com Ernest Borgnine, Yvette Mimieux, Ben Gazzara e Walter Pidgeon.

ROMA (Tel. 727778)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor. Dani-Michel Galabru, Jean Leferbure «VÊM AÍ OS CABELUDOS.

CASINO ESTORIL (Tel. 264621-264946
18.30 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Colorido
«A BELA E CASTA SUSANA» com Terry Torday, Harold Leipnitz e Green Saxon.

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45. 17ª semana
Grupo D (18 anos) Eastmancolor.
O filme de Ingmar Bergman «LÁGIMAS E SUSPIROS» (Cries and Whisperes) Hoje às 24.00 horas. O Cow-boy à Meia-Noite. Grupo D (18 anos) «OS RATONEIROS» de Mark Ridell

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
2.ª Semana

Tamara Dobsol, Shelly Winters «CLEOPATRA JONES».

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45. 4.ª semana!
Eastmancolor. Grupo D (18 anos)
«AMOR LOUCO» (Belle) um filme de Andre Delvaux.
(Metro: Alameda)

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45. 2.ª semana!
Grupo D (18 anos). Colorido
Grande Prémio do Festival de Cannes 1973. O filme de Claudie Goretta «O CONVITE»

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15, 18.30 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana
Eastmancolor. Jean-Louis Trintignant e Romy Schneider «O ULTIMO COMBOIO».

ODEON (Tel. 326283)
15.00-18.30-21.30 (2.ª Semana)
Grupo C (14 anos)
Um filme de Constantino Esteves com Tony de Matos «DERRAPAGEM». Atenção ao à noite Tony de Matos canta no palco.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45. 3.ª semana!
Eastmancolor. Grupo C (14 anos)
«OS 2 FILHOS DE TRINITÁ». Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). Colorido «TRÊS CRIMINOSOS» com Robert Walker e Diane Varsi, um filme de Bruce Kessler

ESTÚDIO (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45. 21.ª semana!
Grupo D (18 anos). Eastmancolor
«O PORTEIRO» com Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
2.ª Semana! Colorido-Scope (Grupo D-18 anos). O clássico das artes marciais O BOXEUR CHINÊS». Um filme de Wang Yu.

ALVALADE (Tel. 727536)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45. 4.ª semana!
Grupo D (18 anos). Eastmancolor
Elizabeth Taylor e Richard Burton A ENGRENAGEM, um filme de Peter Ustinov. Elizabeth Taylor Grande Prémio Festival de Berlim 1973

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
«SANSÃO E DALILA». Em complemento: «AGENTE C. I. NC ALASCA».

AVIZ (Tel. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45. 6.ª semana!
Grupo D (18 anos). Eastmancolor
Mao Ying A RAPARIGA INVENCÍVEL.

RESTELO (Tel. 610275)
17.00 e 21.30
(Grupo C-14 anos) 5.ª Semana
«O QUE NOS QUEREMOS E DINHEIRO», com Jean Yanne e Nicole Calfran.

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30 e 21.30
Eastmancolor. Grupo D (18 anos)
Robert Quarry, Marette Hahtley «YORGA O RIVAL DE DRACULA
Matinée Infantil
Grupo A (6 anos). Hoje às 18.30 horas «UMA AVENTURA DE DICK TURPIN» uma extraordinaria aventura do mais famoso salteador! C/ Philip Frienda e Diana Hart

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45
Grupo C (14 anos). Eastmancolor
Klaus Kinski, Helena Rodo e Ruy Guerra «AGUIRRE O AVENTUREIRO

EDEN (Tel. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido
«OS 4 SARGENTOS BOINAS VERDES» William Smith e Tony Young.

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
3.ª Semana! Um festival de gargalhada! «SIMPLESMENTE... GAROTAS» com Sidney James, Barbara Windsor.

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor
Françoise Fabian, Jean Luc Bideau, Jane Birkin «PROJECÇÃO PRIVADA».

PATHÉ (Tel. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido
Joanne Woodward no filme de Paul Newman «A INFLUÊNCIA DOS RAIOS GAMA NO COMPORTAMENTO DAS MARGARIDAS». Prémio interpertação feminina Cannes 73 (Metro Arroios).

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos). 2ª semana!
Panavision-Technicolor
«JUSTIÇA DE CAHILL». John Wayne, George Kennedy. Matinees infantis. Grupo A (6 anos). Hoje às 18.30 «O URSINHO BRINCALHÃO» uma das mais extraordinárias aventuras do Zé Colmeia

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COMUNA-TEATRO DE PESQUISA
21.45 (14 anos) «A Ceia»

A. B. C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Tudo a nú»

CORNUCÓPIA
21.30 (14 anos)
«A ilha dos escravos» e «A Herança»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A menina Alice e o inspector»

VARIEDADES
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Dois num guarda-vestidos»

MONUMENTAL
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Uma rosa ao pequeno-almoço»

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«O Ovo»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, ouvir e... calar»

TEATRO MUNICIPAL DE S. luis
21.45 (18 anos)
«Albergue nocturno»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Os Porquinhos da India»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Sábado, Domingo e Segunda»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19.00 (18 anos)
«Drácula prisioneiro de Frankenstein»

PARIS
21.30 (18 anos)
«A PROMESSA»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«AleluiaeSartanareisdogatilho»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«O Maior roubo do Oeste»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«Simplesmente Maria»

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«A Vingança do dragão negro»

ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (10 anos)
«Nenhum deles se chamava Trinitá»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Horizonte perdido»
OEIRAS
Oeiras-cine
21.15 (10 anos)
«O Solitário de Nevada»
PAREDE
Royal
21.15 (10 anos)
«Eu julgava-o morto Mr. Jack»

CASINO ESTORIL (Tel. 26421-264946)
15.30, 18.30 e 21.30
Grupo C (14 anos). Technicolor. Eastmancolor. «OS CAVALOS DE VALDEZ» com Charles Bronson e Jill Ireland

Esplanada
21.30 (14 anos)
«O que nós queremos é dinheiro»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«O Escorpião»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Meu nome é Mallory «M» como a Morte»
QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«A Noiva»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Paixão cigana»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Mulher e o patife»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«A Tulipa negra»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«O Círculo vermelho»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«A vingança é o meu perdão»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Sangue, suor e pólvora»

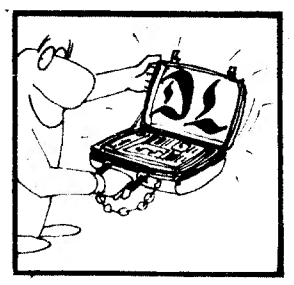
CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«Os emigrantes de Lantroet»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Noite americana»
BATALHA
21.00 (18 anos)
«O Porteiro»
COLISEU
21.30 (14 anos)
«Sinal Vermelho»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O último a rir»
OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«Justiça de Cahill»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Chantagem»
JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»
ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«Sabata chega... e mata»
AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Vida em família»
TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Pedro o pescador»
GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Lágrimas e suspiros»

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Oleos de aguarelas de Real Bordalo; pintura de Pires Vieira
CASINO ESTORIL — Pintura de Yara (das 15 às 03 horas).
DINASTIA — Trabalhos de A. Pascual (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)
CASTILHO — Trabalhos de Pedro Olayo (Filho), (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)



FUNDAÇÃO GULBENKIAN — «100 desenhos europeus» (das 10 às 20 h.)
GALERIA DA VINCI — Pinturas de Vitor Ferreira e Henrique Mourato
GALERIA DIPROVE — Pintura, gravura e desenho de Zao Wou-Ki (das 15 às 21 h.)
S. MAMEDE — Pintura de Patrick Swift
ARCADAS DO PARQUE (ESTORIL) — Pintura de Fernando Correia (das 10 às 22 horas, a partir de amanhã)
GRAFIL — Xilogravuras de Hein Semke (3.as e 5.as feiras, das 15 às 24. Restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.). Fecha aos domingos.
JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de Ana Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 e 30)
PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Artur José, Maria Adelaide Lima Cruz e retrospectiva de Manuel Jardim (das 15 às 20 h.). Desenhos de Vamora Navelcar
QUADRANTE — Pintura de João C. Martins (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

BARS BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **T. 320164.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

O CONSELHO EPISCOPAL ESPANHOL APOIA O BISPO DE BILBAU

MADRID, 10 (R e F.P.) — O Conselho episcopal espanhol resolveu dar o seu apoio ao bispo de Bilbau, mas lançou um apelo para que seja estabelecido um diálogo destinado a resolver o conflito Igreja-Estado relativamente a um sermão pastoral aprovado pelo bispo de Bilbau e pedindo maior liberdade dos bascos para gerirem os seus próprios assuntos.

O sermão, assinado por mons. António Anoveros, de 64 anos, bispo de Bilbau, pedia uma mais ampla liberdade para a minoria basca de Espanha, sendo considerado pelo Governo de Madrid como um ataque gravíssimo contra a unidade nacional.

O caso do bispo de Bilbau levou as relações entre o regime franquista e a igreja Católica a um estado muito próximo do ponto de rompimento.

Uma declaração da comissão permanente da conferência episcopal após dois dias de reuniões de emergência, tomou a defesa de mons. Anoveros bem como o seu direito a lançar a luz cristã sobre umproblema temporal concreto dizendo respeito aos católicos da sua diocese.

Mas a comissão pedia também que aqueles que estão envolvidos na disputa colocassem os interesses do povo espanhol acima de tudo e se envolvam num «diálogo a que presida a maior serenidade e lucidez».

Tal diálogo continua a ser possível e os bispos farão tudo o que estiver ao seu alcance para ajudarem a sua realização — acrescentava a declaração da comissão permanente da conferência episcopal.

Círculos eclesiásticos encaram a declaração como tendo o claro desígnio de acalmar a crise entre a Igreja e Estado, dando ao mesmo tempo apoio público ao bispo de Bilbau, que foi colocado sob uma virtual prisão domiciliária e convidepois de ter estado presente às reuniões eclesiásticas em Madrid.

Os bispos foram informados sobre a situação pelo Núncio Apostólico em Madrid e por destacados membros da hierarquia eclesiástica espanhola. Só depois é que a comissão permanente publicou a sua declaração.

O documento da conferência episcopal diz que as autoridades civis têm o direito de realizar uma acção punitiva se houver qualquer violação da «ordem jurídica».

Sublinham, no entanto, que a Igreja e o Governo são instituições independentes e autónomas nos seus sectores respectivos, em particular perante a manifestação de uma situação especialmente delicada e difícil.

É opinião da conferência episcopal que deverá ser realizado um diálogo destinado a resolver o problema dentro de um espírito de «concórdia, respeito e equanimidade».

A nota precisa ainda que, se o poder civil considerar que houve delito, é seu dever agir consoante as regras da concordata.

Manifestações em Paris contra a morte de Puig

PARIS, 10 — (F.P.) — 7500 pessoas manifestaram-se ontem em Paris contra a morte do jovem militante catalão Salvador Puig Antich, seguindo um apelo de diversos movimentos anarquistas ou da extrema-esquerda.

Registaram-se diversos incidentes opondo estes manifestantes à polícia ou a outros manifestantes de extrema-direita.

As pessoas que protestavam contra a morte de Puig Antich continuaram na sua maior parte a manifestar-se depois dos organizadores do desfile terem ordenado a dispersão.

Entraram então em luta com a Polícia, vindo mais tarde a partir as montras de diversos bancos e lojas.

Quatro polícias da Africa do Sul mortos na Rodésia

SALISBURIA, 10 (R) — Quatro polícias sul-africanos foram abatidos numa emboscada realizada por guerrilheiros nacionalistas africanos perto da fronteira com a Zâmbia — anunciaram as forças de segurança rodesianas.

Um quinto polícia foi dado como desaparecido após o recontro, ocorrido anteontem, num acampamento de turismo perto do rio Zambeze, cerca de 12 quilómetros acima das cataratas de Vitória — anunciou um comunicado das forças de segurança.

Residentes na área contaram aos jornalistas que os polícias morreram numa emboscada, ceifados por fogo de metralhadora.

No Zambeze foi imediatamente paralisado todo o trânsito fluvial. O grande rio africano marca a fronteira com a Zâmbia, país que a Rodésia tem acusado repetidamente de alojar guerrilheiros nacionalistas.

Em Joanesburgo, notícias publicadas na Imprensa dizem que a Africa do Sul enviou reforços policiais para a região não havendo contudo confirmação oficial desse movimento.

A emboscada coincidiu com uma visita do ministro sul-africano da Polícia, Louwrens Muller, mas observadores dizem que a coincidência foi provavelmente acidental.

Forças da polícia sul-africana têm estado a operar com as forças de segurança rodesianas contra os guerrilheiros nacionalistas desde que a Rodésia, colónia inglesa, resolveu, unilateralmente, declarar a sua independência em 1965. Contudo, a importância das unidades de polícia da Africa do Sul tem sido mantida em segredo.

O número oficial de polícias sul-africanos mortos desde 1972, na Rodésia, eleva-se a nove.

A emboscada de anteontem realizou-se muito perto do local onde duas turistas canadianas foram mortas, no ano passado, por tiros desfechados do lado zambiano do Zambeze.

Observadores dizem que os guerrilheiros eram provavelmente membros da União Africana do Povo Zimbabwe (ZAPU), partido político proíbido na Rodésia.

Os mesmos observadores dizem que se se provar que os guerrilheiros vieram da Zâmbia as autoridades rodesianas apresentarão com certeza protestos diplomáticos.

ANDARES

(Renda acessível)

ALUGAM-SE OU TRESPASSAM-SE
ESCRITÓRIOS OU ARMAZÉNS

ZONA DE ST.º APOLÓNIA
(Próx. de Alfândega)

Resposta ao N.º 1047

DOIS MORTOS E DOIS FERIDOS NUM DESASTRE DE VIAÇÃO

Cerca das seis horas da madrugada de ontem, próximo da escola industrial, à entrada de Abrantes, verificou-se violenta colisão entre um automóvel e uma camioneta carregada de azeitonas, da qual resultou a morte imediata de dois homens e ferimentos de muita gravidade em outros dois, todos ocupantes do veículo de passageiros.

Morreram no local do sinistro, o condutor António Adelino da Silva Nunes de Oliveira, de 25 anos, natural do Sardoal e Joaquim Coentro Vitória, também de 25 anos, de Barrada, São Facundo.

Foram transportados ao Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde ficaram internados, em estado grave, Licínio António Coelho Tome, de 28 anos, morador em Abrantes, e Luís Filipe da Conceição Tanqueiro, de 27 anos, de Abrantes, morador em Lisboa, na Rua Rodrigo da Fonseca, 91, r/c.

A camioneta era conduzida por Feliciano Espírito Santo Maria, de Póvoa de Rio de Moinhos (Castelo Branco), que saiu ileso do acidente.

Os cadáveres ficaram na casa mortuária de Abrantes.

JOAQUIM AGOSTINHO EM 13.º NO PRÓLOGO DO PARIS-NICE

PONTHIERRY (França), 10 — (R) — No contra-relógio que serviu de prólogo à clássica do ciclismo mundial, o Paris-Nice, Eddy Merckx, o mais famoso corredor da actualidade, obteve uma saborosa vitória.

Percorrendo os seis quilómetros ao circuito de Ponthierry, a uma média de 43,849 quilómetros por hora, Eddy Merckx gastou 6m 12,6s.

O segundo classificado, com o mesmo tempo, foi o seu compatriota Joseph Bruyere.

O corredor português Joaquim Agostinho, especialista em contra-relógio, percorreu a distância com o mesmo tempo do 13.º classificado. o dinamarquês Leif Mortensen, seu colega de equipa, com 8.26.

A etapa de ontem não conta para a classificação feral. A primeira etapa da prova a contar para a classificaçao tera lugar hoje num percurso de 216 quilómetros, de Pont-Hierry a Orleans.

O CHEFE DO ESTADO INAUGURA MELHORAMENTOS EM CASCAIS

O Chefe do Estado inaugura no próximo dia 23, pelas 15.30, o Bairro Maia, em Cascais, construído mercê de um donativo do conhecido financeiro sr. Jorge de Brito. Logo a seguir, procederá também à inauguração das beneficiações efectuadas no hospital daquela vila. Ambas as realizações se devem, em muito, à iniciativa do provedor sr. Joaquim Barahona.

O bairro em questão destina-se a funcionários da Santa Casa da Misericórdia, polícias, bombeiros e outras pessoas de fracos recursos, compondo-se de 54 habitações.

GEORGE MOUSTAKI VEM A LISBOA

Anuncia-se de fonte ligada ao negócio discográfico que o cantor francês George Moustaki virá a Lisboa no próximo mês de Maio para dar um concerto no Coliseu dos Recreios.

Este espectáculo, que representará um momento alto da música ligeira no nosso país será precedido, um mês e poucos dias antes, pelo concerto de Patxi Andion já marcado para a mesma sala.

A projecção de imagens acompanhou a palestra do dr. Palla e Carmo sobre a obra de Shakespeare, na Cooperativa de Estudos e Documentação

A OBRA DE SHAKESPEARE ANALISADA NUM COLOQUIO DA C.E.D.

Na sede da Cooperativa de Estudos e Documentação efectuou-se mais uma sessão do ciclo «Um autor, uma obra», com a participação do dr. José Palla e Carmo, que proferiu uma palestra sobre Shakespeare, na qual analisou a peça «Hamlet», e o actor Morais e Castro, que fez leituras de monólogos da obra.

A acompanhar a dissertação foram projectadas algumas gravuras representativas daquela época, cedidas pelo Instituto Britânico.

Ao introduzir o tema anunciado, o dr. Palla e Carmo deu uma panorâmica do quatro socio-económico da Inglaterra no tempo do célebre dramaturgo, referindo em particular as actividades quotidianas, sociais e culturais, bem como os divertimentos das classes dominantes e populares.

O aparecimento da industrialização — regiões que se especializaram na tecelagem e noutros trabalhos — o desenvolvimento da marinha, mais propriamente da pirataria, como era o caso de Francis Drake, e das sociedades comerciais que a ela estavam ligadas, das quais fazia parte a própria rainha Isabel I e deram origem a que o capitalismo começasse a nascer, foram outros dos aspectos focados pelo orador, que acrescentou estarem todos os extractos sociais amplamente representados, por vários exemplos, na obra de Shakespeare.

O caminho do teatro inglês desde a invasão romana das Ilhas Britânicas até ao aparecimento de Shakespeare foi outro dos temas abordados.

Administrador-delegado da R.T.A.

Vai ser nomeado administrador-delegado da Rádio Televisão de Angola o dr. Gil Soares da Costa, actual chefe de gabinete do Secretário de Estado da Informação e Turismo. O dr. Gil Soares da Costa que tem desempenhado funções superiores na R. T. P., deverá partir para Luanda antes do fim do mês.

O TEMPO

Chuva, vento e neve, consoante os locais propícios ao longo do País, são esperados para hoje, segundo a previsão dos serviços de meorologia nacional.

Assim, prevê-se céu geralmente muito nublado, com vento moderado de noroeste e aguaceiros mais frequentes a norte do Tejo, onde existem também condições adequadas à ocorrência de trovoadas.

Prevê-se queda de neve nas terras altas e temperatura sem alteração.

No dia de ontem, em Lisboa, a temperatura máxima foi de 17 graus e a mínima de 10.